ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Tapejara

PONTA GROSSA
PARANÁ — BRASIL

Impresso na GRÁFICA MONTES & PEREIRA

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Redatores:
DIVERSOS

Gerente
JOÃO ALVES PEREIRA

ANO II — PONTA GROSSA, OUTUBRO DE 1951. — N.º 1

Valfrido Pilôto

Daily Luiz Wambier

A propósito da série de artigos que o escritor Valfrido Pilôto divulgou, através das páginas do já vitorioso "O Estado do Paraná", a respeito da história do nosso Estado, lembramo-nos de focalizar algumas aspectos das atividades do vigoroso autor de "Registros muito pensados".

O insigne homem de letras situa-se, no Paraná, no ponto mais alto de sua cultura, e a sua atividade literária, das mais produtivas e interessantes, o transforma numa das mais expressivas figuras da intelectualidade brasileira.

Tem o ilustre patrício oito volumes publicados: "Humilde", "Paranistas", "História e Historiógrafos", "Páginas de Casa", "Do Diário de um tempo ruim", "Profanações", "Rua de Pedra" e "Registros muito pensados".

Valfrido Pilôto, na elucubração de suas páginas, em regra cheias de sadio patriotismo e buriladas por uma pena corajosa e brilhante, não permanece na região das hipóteses, dos sonhos ou da fantasia. Sua literatura focaliza problemas atuais, sugere soluções, aponta êrros e proclama, alto e bom som, a necessidade da precedência do conteúdo espiritual para o exame e conclusão a que o homem deve chegar, a fim de encontrar os meios de que precisa para a construção de sua vida individual e coletiva.

Como muito bem assinalou o nosso Leôncio Correia, "Valfrido Pilôto é um escritor que já ganhou personalidade própria. A sua prosa — contínua o festejado poeta — tem musicalidade e beleza. Lembra, o seu estilo, a harmoniosa pureza de uma coluna coríntia".

Ponta Grossa admira o notável estudioso das inúmeras e controvertidas facetas da história do Paraná. E o admira, ainda mais, pela ação corajosa e eficiente que vem desenvolvendo, há anos, em Curitiba, ao lado de Raul Gomes, Durval Borges, Rodrigo Júnior, etc. no sentido de tornar conhecidos os homens que, na Princesa dos Campos Gerais, não medem esforços nem pesam sacrifícios para elevar o nome do seu torrão natal, no setor das letras e das ciências.

Nossa cidade e nossos intelectuais muito devem a Valfrido Pilôto, o grande e inconfundível embaixador, na capital do Estado, dos homens de letras, que porfiam em erguer o nível cultural desta terra e fomentar as boas iniciativas que visem restabelecer o primado do espírito sôbre as influências da matéria, notadamente na juventude pontagrossense.

O Centro Cultural Euclides da Cunha, a cujo quadro social pertence Valfrido Pilôto, e TAPEJARA, órgão que en-

(Conclui na 22ª. pg.)

SOMOS ASSIM...

O filho indômito dêste recanto do continente sul-americano, tem oferecido desde os recuados dias do desembarque da gente de Cabral — uma virtude — aceitar o que é bom, traduzido em exemplos e a superar êstes com admirável estoicismo.

Assim, também, desde que se escreveu a história do Brasil, foram gravadas em suas páginas lances de arrepiadores, retratando os homens da terra.

É interessante lembrar que, entre os complexos problemas para colonizar o país, aquele de se querer escravizar o índio a fim de utilizá-lo às necessidades da civilização foi posto em prática por mais de um século, porém, com resultado sempre negativo.

A verdade comprovada é que falharam tôdas as providências encetadas desde D. Manoel I e seus sucessores para colonizar a terra de Vera Cruz se não fôra o exemplo de bondade e carinho, dado pelos jesuítas.

Daí, enquanto a política dos donatários se impunha ao meio, quase sempre, à base de violência, a dos missionários de Inácio de Loióla personificados, principalmente, por Anchieta e Nóbrega, se processava de modo bem diverso. Procurava o convívio do gentio, identificava-se com as agruras de seu ambiente. Dava-lhe escola e com êle aprendia a língua tupi, para nesse idioma compor os cânticos e autos sacros que viriam um dia coroar a obra de entequese dos novos cristãos. Espelha seus abnegados gestos um relato sôbre certa visita que o Geral da Companhia fizera a uma das missões de Piratininga. Afirmara-se que, ao ser avistado da aldeia, veio-lhe ao encontro uma procissão de selvagens com um padre à sua frente, todos cantando hinos sacros. Fôra uma cena comovente: o sacerdote vestia um hábito rôto e velho, pés descalços e tão humilde pobreza denotava que o Geral, compadecido e respeitoso, beijara-lhe a mão.

O brasileiro primitivo, que não se submetera à violência, se fizera cativo dos exemplos de amor e sacrifício a que assistia na vida rude das tabas. E assim, com a compreensão de um Tupan misericordioso, também, outra se desvendava tosca, mas verdadeira: a consciência da nacionalidade. Patenteia esta proposição, entre inúmeros fatos, aqueles da audácia de Jerônimo de Albuquerque, da solidariedade do chefe índio Jacauna e os da decisão de Piraglibe, o famoso Braço de Peixe, conforme a narrativa dos nossos historiadores nos capítulos da conquista e expansão geográfica do país.

Tantos exemplos de bravura e amor à terra já ofereceu o ascendente da raça, através mais de quatro séculos! Quantas pérolas já se recolheram em mergulhos fora das correntes, estritamente didáticas, mostrando feitos dessa espécie de homens, que não desmentiu Pedro Vaz de Caminha no seu julgamento de que "esta gente é boa e de boa simplicidade", e de cuja bravura e coragem "Os Sertões" será eterno documento.

Mais um belo exemplo do tronco nativo, aprendemos no "Colégio do Ar" da Rádio Ministério da Educação, no episódio "Corsários", ocorrido durante a guerra contra as Repúblicas Unidas do Prata.

Em síntese, narra o Professor que, em 1826, um corsário argentino atacou Pernambuco, sendo, então, necessária tua ação rápida para a defesa e afastamento do perigo. Para tal empresa fêz-se ao largo, indo ao seu encontro, o bridge "Cacique" da marinha brasileira, comandado por Mason e tripulado em maioria por elementos estrangeiros assalariados pelo nosso govêrno.

Aconteceu que no momento do nosso bridge atacar o corsário argentino, os elementos alienígenas da nossa guarnição, em vez de fazer alvo nos adversários, atiravam para o ar, permitindo com êsse gesto a abordagem. E a consequência foi a prisão dos tripulantes do "Cacique", exceptos os estrangeiros porque se bandeiraram para o corsário argentino, procedendo-se, em seguida, a execução dos marinheiros nacionais.

Um fato, porém, naqueles instantes de dolorosa expectativa ia assinalar mais um exemplo de insuperável brasilidade. É que a execução dos nossos patrícios ia sendo procedida pelas próprias mãos do comandante argentino, no tombadilho do "Cacique", onde, alinhados, os foi alvejando um por um até que chegando ao sétimo prisioneiro foi preciso renunciar a arma.

A vítima número oito seria um rapagão de téz bronzeada, compleição atlética, parecendo, concordando com Alberto Rangel, uma herança daqueles sertanistas que faziam "concorrência aos tigres". E de fato, antes que o comandante municiasse a arma outra vez, num salto felino, no meio da tripulação hostil, agarra-se com o cruel carrasco e em rápida capoeiragem o leva para a borda do barco, onde, prendendo-o consigo, atira-se ao mar, sendo ambos tragados pelas ondas para nunca mais voltar.

Admirável estoicismo para mostrar que somos assim...

JOÃO ALVES PEREIRA

(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha" e aluno da 3ª. série do Curso Clássico do Colégio Estadual "Regente Feijó").

O Fato Social

Pelo Prof. Fernando de Azevedo (Universidade de São Paulo)

A sociedade, na expressão de C. Bouglé, "sobrevive aos indivíduos que nascem, vivem e morrem de alguma maneira nos seus braços"; e faz coexistirem, segundo as palavras de A. Comte, os mortos e os vivos. Cada grupo social tem um espírito, um caráter e hábitos que lhe são peculiares e se manifestam por meio de representações coletivas que têm seu mecanismo e suas leis próprios.

(Conclui na 22ª. pg.)

Tapejara e o Euclidianismo

Em nome da CASA DE EUCLIDES DA CUNHA, entidade de caráter cultural, sob a égide do Estado de São Paulo, especialmente fundada para exalçar e perpetuar a obra de Euclides da Cunha, o mais nacionalista dos nossos escritores, apresentamos nossos efusivos cumprimentos, pela ação patriótica que está exercendo, ao jovem órgão da imprensa paranaense o TAPEJARA, fruto do idealismo impar dêsse espírito culto e vivaz que é Faris A. S. Michaele.

A colaboração inestimável da boa imprensa na difusão da cultura é por demais conhecida para ser aqui citada, no entanto, é justo reconhecer, TAPEJARA excedeu, principalmente com o seu número 4, verdadeiro primor da arte gráfica, a tôdas as expectativas. Efetivamente, da primeira à última página, deparamos com excelentes trabalhos literários, profundos e arrebatadores, assinados por nomes de escol nas letras sulinas, quasi todos, notámos bem, indivíduos moderados, defensores intransigentes das nossas coisas e da nossa gente.

TAPEJARA, órgão do Centro Cultural "EUCLIDES DA CUNHA", de Ponta Grossa, Paraná, uma instituição educacional que, cumprindo rigorosamente seus objetivos cívicos e culturais, já pode registrar, merecidamente, com justo orgulho, resultados concretos, com a divulgação do ideal euclidiano em todos os recantos dêsse imenso Brasil, é um jornal cem por cento nacionalista, sem os exagêros do jacobinismo vesgo, sem as tolices de um "meu-ufanismo" ôco e inexpressivo.

Faris S. Michaele, cuja atividade intelectual é, sem dúvida, por todos nós conhecida, com êsse jornal, o invicto TAPEJARA, chegou de valiosas e oportunas menções históricas, de notável poder ilustrativo, alcança o pincaro do Euclidianismo, pesquisando e divulgando, de modo admirável, fatos de nossa vida progressa. Seu interêsse e objetivo, sempre palpitantes em seus trabalhos, são a busca de solução para os problemas do momento, de maneira prática, sem o intrincado da complexidade gongórica. TAPEJARA e Faris Michaele, duas almas gêmeas em idealismo, trabalham conscienciosamente, com pleno conhecimento de causa, inspirados na farta messe do gênio de Euclides, em busca de uma melhor compreensão e solidariedade entre os habitantes dêste abençoado solo, a gente brasílica, procurando descobrir as influências atávicas, as manifestações espirituais de que somos portadores.

Desbravando um caminho tortuoso e, à custa de ingentes esforços, numa terra que carece de valores culturais e mentalidade progressista, procurando ampliá-lo, lançando-se a estudos profundos e conscientes nesse campo intelectual, a terra e o homem, sem ambicionar glórias literárias, mas forçado pelas circunstâncias atuais, consequência da forte penetração alienígena, está TAPEJARA a serviço do país, daí a atualidade que se encontra em todo o jornal e os ensinamentos que nele haurimos.

A CASA DE EUCLIDES DA CUNHA, dentro do seu programa de, "por protesto e adoração", elevar cada vez mais a figura inexcedível e gloriosa de Euclides da Cunha, um homem bom e justo, patriota e simples, gênio e tímido, vaticina para TAPEJARA, a quem dedica admiração e estima, uma trajectória deslumbrante e duradoura, sempre na vanguarda das boas causas nacionalistas, alicerçando um ideal que vive perenemente em nossos corações: um BRASIL dignificado.

Prof. Vinício Rocha dos Santos
(Da CASA DE EUCLIDES DA CUNHA) — São José do Rio Pardo — Estado de São Paulo.

Notas e Notícias Culturais

SEMANA EUCLIDIANA

Como nos anos anteriores, a Semana que precede a morte do nosso Augusto Patrono foi entusiasticamente comemorada, durante o mês de Agôsto último.

Vários oradores se fizeram ouvir, pela Rádio Clube Pontagrossense. São êles: Dr. Faris Michaele, Snr. Thiago Gomes de Oliveira, Dr. Herculano Torres Cruz, Prof. Egdar Zanoni, Snr. Silvino Sanders e Major Murilo de Barros, que proferiu interessante conferência sôbre o Rio São Francisco, da qual reproduzimos um extrato.

Os temas foram, respectivamente: A Figura de Euclides, Nordeste, Um Protesto (contra a sordidez do assassino de Euclides), "Os Sertões", A Região Norte de Minas.

Todos os oradores foram felicíssimos. A sede do Centro, igualmente, foi local de inúmeras tertúlias.

SETE DE SETEMBRO

Durante as comemorações da data magna do Brasil, foi orador oficial, havendo produzido eloquente e patriótico discurso, o euclidiano, Snr. Thiago Gomes de Oliveira.

Durante mais de cinquenta minutos, fêz vibrar os corações da cidade jagunça do Paraná.

Nossas felicitações ao bravo filho da Paraíba do Norte.

ANIVERSÁRIO DE PONTA GROSSA

A 15 de Setembro último, transcorreu a data de mais um aniversário da cidade de Ponta Grossa. Várias solenidades foram realizadas, destacando-se a sessão cívica no Edifício da Prefeitura e a inauguração da 1ª. Exposição Industrial, em que estiveram representados o Museu dos Campos Gerais e várias entidades culturais da cidade. Durante a sessão cívica, que foi presidida pelo exmo. sr. João Manuel dos Santos Ribas, fêz uso da palavra o snr. Luiz Reis, que falou em nome do Centro Cultural "Euclides da Cunha". Outro orador (em nome da Câmara) foi o Dr. José Ruyter Teixeira, também euclidiano. Ambos se saíram maravilhosamente, tendo recebido efusivos cumprimentos do seleto e numeroso auditório.

O que nos enche de júbilo é termos podido verificar que, hoje, em qualquer reunião estão sempre pontificando os euclidianos. No dia 15: Sr. Luiz Reis, Dr. J. Ruyter Teixeira, Sr. J. M. Santos Ribas, Presidente da Câmara, Prof. Heitor Ditzel, Prefeito Municipal, Prof. Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, governador do Estado.

O euclidianismo é, de fato, um elo entre os brasileiros.

C A X I A S

Em Agôsto último, durante a solenidade principal em louvor a Caxias, o sublime Patrôno do Exército e fautor máximo da nossa unidade, falou representando o Centro Cultural "Euclides da Cunha", o Sr. Cyro Ehlke.

Como se vê, o Centro está tomando parte ativa no nobre cometimento de aproximar civis e militares para glória do Brasil.

PROF. ANTONIO SANCHEZ DE BUSTAMANTE

Em Havana, Cuba, onde residia, finou-se, há pouco tempo, o Sr. Prof. Dr. Antonio Sanchez de Bustamante, uma das mais completas personalidades do Direito Internacional. Codificador, mestre, advogado ativo, escritor em mais de um setor da atividade cultural, êle sempre soube ser inigualável, e a sua morte constitui perda mais que latinoamericana.

A família do nosso digno sócio correspondente em Cuba os sentimentos dos euclidianos pontagrossenses.

CIRCULO ORQUIDÓFILO PONTAGROSSENSE

Há poucas semanas, excursionou para Joinville, Santa Catarina, o Círculo Orquidófilo Pontagrossense, competentemente dirigido pelo Sr. Dr. Amadeu de Paulo, incansável figura de pioneiro e batalhador pelas coisas do espírito.

Na magnífica "Manchester do Sul", foram os pontagrossenses saudados pelo Sr. Dr. Norberto Bachmann, vulto de prol nas letras catarinenses.

Respondeu, agradecendo, o Sr. Dr. Amadeu de Paulo, que fêz um belo e feliz improviso. Resultado: deram-se a conhecer e ambos eram euclidianos! O Dr. Bachmann representa honrosamente o Centro em Joinville.

ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DO PARANÁ

Foi o título da Conferência do Exmo. Sr. General Mário Travassos

Conforme vinha sendo anunciado, realizou-se a 28 do mês de Agôsto, no Salão Nobre da Associação Industrial, Comercial e Rural de Ponta Grossa, uma sessão, sob o patrocínio da Faculdade de Filosofia, do Centro Euclides da Cunha e do Colégio Regente Feijó, a qual foi presidida pelo Dr. Faris Michaele. Aberta a mesma, falou, em primeiro lugar, saudando o ilustre conferencista, o euclidiano Sr. Silvino Sanders. A seguir, é dada a palavra ao Sr. General Mário Travassos, que, durante quase duas horas, prendeu a atenção do seleto auditório, mercê de sua dicção clara e agradável bem como de seus aprimorados conhecimentos, no que tange a tão complexo assunto, qual o geopolítico. Sua escia. começou por dividir a carta paranaense em três zonas ou planaltos, caracterizando-os perfeitamente, estudando-lhes as possibilidades, o que representam na complicada contextura sócio-econômo-política, para, finalmente, sugerir soluções, que se não existem de debate.

Brilhante e proveitosa, a conferência do Sr. General Mário Travassos, digno Sócio Correspondente do "Euclides da Cunha", ao qual disse ter muita honra em pertencer. Ao contrário, Sr. General, o Centro é que se orgulha de poder contar com tão distinta e estimada figura!

Os nossos agradecimentos ao Exmo. Sr. General Mário Travassos.

ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE DO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Aproveitando o transcurso de mais um aniversário do Sr. Dr. Faris Michaele, os euclidianos de Ponta Grossa prepararam-lhe uma surpresa, consistente numa sessão, em que foi saudado, seguida da inauguração de seu retrato, na sede social.

Falaram, durante a comovente festa cultural, os Snrs. Dr. Joaquim de Paula Xavier, ilustre Diretor da Faculdade de Filosofia, Sr. Rolando Guzzoni, em nome dos alunos da mesma, e Senhorinha Fanny Fayntich, pelas alunas, seguindo-se-lhes os intelectuais Major Murilo de Barros e Oswaldo Nascimento, que expressaram sinceros votos de longa vida ao aniversariante, tendo, o primeiro, que foi quem presidiu a sessão, lido um interes-

DR. FARIS A. S. MICHAELE

sante trabalho, em que comparou o Centro a Canudos, cidadela que só se renderá com o extermínio completo. O Prof. Paula Xavier também se referiu ao grande serviço que o Dr. Michaele está prestando ao Brasil, pela justa reivindicação do sangue amerínio, cuja contribuição é tão superficialmente estudada pelos afronegristas exclusivistas do litoral que se estende do Rio a Pernambuco.

Respondendo, agradeceu em breves palavras o homenageado. Logo após a sessão, os "jaguanços" rumaram em direção à Sede, onde foi solenemente colocado o referido retrato.

O que mais impressiona nesse movimento euclidiano do Paraná é o orgulho com que agora se diz: Sou Caboclo! Velhos e moços, todos se sentem felizes pela integração do Brasil em si mesmo, como parte da Indo-América. Aplausos a todos os euclidianos, principalmente os de mais idade, como o Exmo. Snr. João Manuel dos Santos Ribas, brasileiro cem por cento e vereador de pulso.

CONFERÊNCIA DO SR. OSWALDO NASCIMENTO

Dando prosseguimento à série de conferências patrocinadas pelo Centro "Euclides da Cunha", proferiu erudita e interessante conferência, a 29 de Setembro último, o Sr. Oswaldo Nascimento, jornalista e escritor pontagrossense.

"Desenvolvimento da Arte Moderna" foi o título da referida conferência. O autor confirmou, ainda uma vez, a sua cultura e fácil meio de expressão. Presidiu a sessão o Sr. Major Murilo Barros, vice-presidente do Centro.

Durante a mesma sessão, foi, ainda, sugerida, pelo Sr. Major Murilo que se iniciasse um movimento no sentido de que a unidade local do Exército passe a denominar-se "Guairacá", como homenagem ao invencível chefe guarani.

Ambos foram cordial e entusiásticamente aplaudidos.

MUSEU DOS CAMPOS GERAIS

Durante êstes últimos meses, deram entrada no Museu os seguintes objetos: um retrato da Família Imperial, doada pelo Snr. Ildefonso Inthom; umas pontas de flecha, pelo Sr. Paulo Verwiebe; um machado de pedra polida, encontrado em Ponta Grossa, pelo Sr. Mauro Gomes; uma telha da Vila Rica do Espírito Santo (Ival), atualmente soterrada, pelo Sr. Dr. Júlio Bittencourt; vários bonus de cidades paranaenses, pelo Sr. Egídio da Silva Brizolla; várias cobras, em solução química, pelo Sr. Avelino do Vale; um pedaço de cristal e uma bola de castanhas do Pará (petrificada), pelo Sr. Ildefonso Gonçalves; uma aranha caranguejeira e um couro de cobra, bem como um ninho de joão-de-barro, pelo Sr. Felipe Justus.

A todos, os agradecimentos da Direção do Museu.

HOMENAGEM DE COIMBRA AO BRASIL

Em recente cerimônia, realizada em Coimbra, foi o Brasil homenageado pelos professôres da célebre Universidade. É uma prova de compreensão e fraternidade que não devemos esquecer. A cultura une os povos e afasta as nocivas lêrias raciais ou ultranacionalistas. Apenas, uma coisa a lamentar: **que o escolhido para a homenagem tenha sido José Lins do Rêgo, o eterno molequeque de engenho da literatura nacional**...

DR. LEVI CARNEIRO

Acaba de ser nomeado para Juiz do Tribunal Internacional de Direito, com sede nos Estados Unidos, o Exmo. Sr. Dr. Levi Carneiro, uma das mais completas culturas do país.

Ao nobre substituto de Filadelfo de Azevedo os cumprimentos dos confrades euclidianos.

SEMANA AEUCLIDIANA EM SÃO JOSÉ DO RI OPARDO

A **Semana Euclidiana** de São José do Rio Pardo, como nos anos anteriores, revestiu-se de muito brilhantismo e compenetração cívica.

Durante uma semana, a gloriosa terra do Rio Pardo, atraindo intelectuais e turistes de todo o Brasil e mesmo do estrangeiro, proporcionou ao mundo civilizado um incomparável espetáculo de cultura e amor às coisas do espírito.

A parte do programa mais pròpriamente intelectual esteve a cargo dos nossos colegas Srs. Dr. Oswaldo Galotti, Professor Vinício Rocha dos Santos e Prof. Agripino Ribeiro. Falaram vários oradores, tendo realizado a conferência oficial o engenheiro Firmo Dutra, companheiro de Euclides.

Nossos cordiais cumprimentos aos irmãos da "Casa de Euclides".

"GAZETA DO RIO PARDO"

Em edição especial, dedicada à Semana Euclidiana, tivemos a satisfação de receber dois exemplares da "Gazeta do Rio Pardo", periódico que honra a imprensa paulista.

Inúmeras e excelentes são as colaborações, bem como os artigos de redação, destacando-se um que nos é dedicado.

Pelas imerecidas palavras que nos dedicam os companheiros do Estado Irmão, confessamo-nos sumamente agradecidos.

HONROSA CONDECORAÇÃO

Por intermédio do renomado intelectual patrício, Snr. Prof. José Bonório de Sílos, acaba o nosso diretor de ser agraciado com uma significativa Medalha Euclidiana pelos serviços que vem prestando à causa do verdadeiro Brasil, que é o do augusto patrono do Centro, o imortal Euclides da Cunha.

Dizer o que isso representa para nós, euclidianos do sul, é algo que ultrapassa as visíveis limitações da palavra humana, pois as grandes e verdadeiras emoções são intraduzíveis.

Aos bravos confrades da Casa de Euclides os nossos eternos agradecimentos, com a mensagem sincera de **Para Frente, Euclidianos!**

5º. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA

Nos primeiros dias de Setembro, realizou-se nesta cidade, o 5º. Congresso Brasileiro de Geologia, o qual conseguiu atrair nada menos de 70 pessoas, sendo 40 sócios do Instituto Brasileiro de Geologia e 30 estudantes de cursos superiores.

Falaram vários oradores, tendo os debates girado em tôrno de teses apresentadas pelos senhores: Moacir do Amaral Lisboa, Othon Henry Leonardos, John L. Rich, Ernesto Pilcher, Prof. Otávio Barbosa, Jordano Manieiro, Josué Camargo Mendes, Álvaro Machado e Ana Maria Vieira de Carvalho.

Das teses a que mais nos chamou a atenção foi a do Prof. Otávio Barbosa, da Escola Politécnica de São Paulo, denominada **"Geologia do Espinhaço"**.

O brilho do conclave pode ser atribuído quase que inteiramente ao sábio paleontólogo pontagrossense Sr. Frederico Waldemar Lange, nosso companheiro do Museu e do "Euclides", pois muito se esforçou por que tudo fôsse proporcionado aos visitantes.

Salve, Brasil dos Geólogos e Paleontólogos!

Origem e significado do Topônimo PERNAMBUCO

(Reproduzido de "O Jornal do Comércio" de Recife, com permissão do autor).

Deixei, propositadamente, de aludir a um ponto duvidoso, da carta do sr. Henrique Uchoa, publicada aqui no sábado último. O em que diz êle terem os aborígenes tirado do pôrto natural do Recife, o nome de Pernambuco.

Nesse engano caíram muitos escritores, inclusive o sábio Teodoro Sampaio, que interpretou o topônimo como corrutela de **paraná-mbuca**, "o furo ou entrada do lagamar, alusão à brecha natural do recife, por onde o lagamar se comunica com o mar".

É foi adeante: "Mui acertadamente escreve a propósito o autor do **Castrioto Lusitano**, Frei Rafael de Jesus, ao tratar do Pôrto do Recife... "uma abertura à qual os naturais chamam Pernambuco, que em sua língua é o mesmo que pedra furada, ou buraco que fêz o mar, de que forma a garganta da barra". E sentencia: "É lagamar formado na junção dos rios Beberibe e Capiberibe; é o furo, a abertura, a quebrada".

Entre parênteses: Teodoro Sampaio usa a corrutela Capiberibe de larga divulgação nos livros escolares do Sul, quando o nome do rio se origina do animal capiuara, capivara, capibara, que ninguém pronuncia capivera ou capibera. Fechado o parêntese.

Todos os intérpretes procuraram adaptar o vocábulo Pernambuco ao pôrto natural formado pelos arrecifes e daí a falha da interpretação.

(Conclúi na 3.a página)

PONTA GROSSA

Por Luiz Reis

Senhores,

Há momentos na vida do homem e das coletividades, que se revestem de tão excepcional transcendência, que assumem características de tão alta significação e relêvo, que logram escrever, com caracteres indeléveis, páginas luminosas e eternas nos anais imperecíveis da história.

E um dêsses momentos, que definem uma raça e caracterizam uma época, nós o estamos vivendo agora. Momentos de intensa vibração cívica, instantes em que os corações se entrelaçam, vinculados pelo mesmo ardor patriótico, comungando do mesmo sentimento de entusiasmo, de júbilo e emoção, ante a grata efeméride que hoje festivamente se comemora — o centésimo vigésimo oitavo aniversário de fundação da cidade de Ponta Grossa.

O dia de hoje — senhores — que nos proporciona recordações ditosas e inesquecíveis, tanto mais encerra singular realce e esplendor, quando consideramos que esta cidade tem a honra de hospedar, em sua data magna, a personalidade ínclita e eminente de Sua Excia., o sr. governador do Estado, e ainda porque, justamente hoje se fará inaugurar, num atestado vibrante da capacidade realizadora dos pontagrossenses e do futuro auspicioso que se lhes reserva nesse setor de atividade, a Primeira e Grande Exposição Industrial do Município.

Tudo, enfim, é alegria, tudo são festas e flores! Até a própria natureza, como se pretendesse trazer-vos a sua mensagem de fé, o seu amplexo efusivo de felicitações, a expressão vigorosa e ardente de confiança nos destinos grandiosos da Princesa dos Campos Gerais, engalanou-se como nunca, soberba e altaneira, majestosa e radiante, identificando-se convosco na vibração dêsse mesmo sentimento que vos extravasa os corações.

Podeis contemplar, pontagrossenses, no dia de hoje, como mais anil é o azul do vosso firmamento; mais harmoniosos e suaves são os gorgeios da passarada; mais verde o colorido verdejante das vossas campinas; mais luminosos e ardentes os raios benfazejos do astro-rei, que vieram oscular-vos a fronte neste dia palpitante de emoções e de festas.

Os imponentes edifícios dessa "urbs" altiva e magnificente, como que ainda mais se enseberbecem ante o esplendor da hora que vivemos. O sorriso alegre e festivo, estampado nos vossos semblantes, emprestam singular tonalidade à significação do momento que passa.

É a voz da história que se patenteia nos vossos lábios, são os acordes líricos do passado que ecoam nos vossos corações: história de uma terra dadivosa e fértil, — passado de um povo heróico e empreendedor, que jâmais poupou sacrifícios em prol das grandes conquistas, em favor de esplêndidas realizações.

Apelemos, pois, para a história no sentido de que ela nos descerre os horizontes do passado e nos mostre os feitos gloriosos de vossa gente.

Ao lançarmos um olhar retrospectivo para os acontecimentos que determinaram a fundação desta importante comuna, deparar-nos-emos com um cenário maravilhoso e soberbo, pródigamente adornado pela mão sábia da natureza, capaz de excitar a inteligência do poeta e embevecer a alma mística do selvícola, o qual se julgava — como reza a história — "senhor feliz de um paraíso".

Nessa época, lá pelo ano de 1772, mercadores, itinerantes e tropeiros, sempre votados à sua destinação de bandeirantes, sempre ávidos de novas conquistas, afeitos à vida arriscada de aventuras em longes terras, demandavam estas paragens, que eram ponto forçado de passagem para regiões circunvizinhas ou distantes, em cumprimento de missões muitas vezes árduas, já que os meios de comunicação apresentavam total e absoluta precariedade.

Como ponto de pernoite, escolhiam o Capão da Ponta Grossa, o qual proporcionava ensejo a que os animais descansassem e êles próprios se refizessem da longa e penosa jornada. Adveio, daí, a natural e consequente necessidade de recursos para que êses viandantes se reabastecessem e se preparassem para novas etapas a vencer.

E, nas terras que Domingos Martins Fraga denominara Sítio de Santa Fé, diretamente subordinadas à Freguezia de Santana do Iapó, posteriormente, Vila Nova de Castro, começaram a se instalar pontos de comércio, núcleos de pequenas concentrações. Alguns habitantes dessas e de outras regiões, ante a perspectiva alvissareira que se lhes oferecia, mediante a realização de um comércio, que já se prenunciava vantajoso, trataram de estabelecer-se nas proximidades do Capão da Ponta Grossa. A beleza do cenário os empolgava. As ricas paisagens, os abundantes mananciais, a fertilidade do solo, tudo contribuia para intensificar neles profundo desejo de aí viverem.

O nome de Capão da Ponta Grossa foi conservado até que, em 20 de janeiro de 1789, quando a Freguezia de Santana do Iapó passou a denominar-se Vila Nova de Castro, as termos do Capão da Ponta Grossa passaram a ser mencionadas pelos itinerantes com a denominação de Capão de Mato: Ponta Grossa. Grande surto de progresso já se antevia, desde então, para essas terras, com o aumento sempre crescente de moradores e a natural valorização das propriedades. Transações de vulto relativamente apreciável já se verificavam, desde logo, nos domínios do Capão de Mato: Ponta Grossa. Os núcleos de densidade demográfica, a pouco e pouco, iam-se avolumando, para formar, dentro em breve, centros de Caracará e Uvaranas, terras que, naquela época, já constituiam objeto de vivas disputas, em face da grande valorização que se anunciava, eminente.

Intensificando o movimento comercial, imprimindo singular valor às atividades realizadas, e centralizando, agora, várias estradas que possibilitavam a afluência de novos moradores, os dirigentes do Bairro, dentre os quais salientamos os nomes de Miguel Ferreira da Rocha Carvalhaes, Domingos Ferreira Pinto, Benedito Mariano Ribas, Francisco de Assis Ribas, e outros, deliberaram assinar o pedido de elevação do Bairro à Freguezia.

Era o natural anseio de melhoria e progresso que os impulsionava na consecução de tão louvável emprêsa; era o germem latente de conquistas, de libertação, que animava os corações de tão ousados combatentes, nesta pugna incansável pelas causas da prosperidade e da justiça.

E após vários anos de ingentes esforços, quando se submeteram a tôda sorte de exigências, ao preenchimento de várias formalidades atinentes ao consentimento, e quando ainda se faziam ouvir, nas terras iluminadas pelo Cruzeiro do Sul, desde as cochilhas sulinas às terras áridas do Nordeste, as clarinadas altissonantes de independência, de libertação, os habitantes do Bairro, mobilizando todos os recursos de que dispunham, pondo à prova o arrôjo da sua coragem, a firmeza da sua decisão, conseguiam ver concretizados, afinal, os sonhos portantos anos acalentados, as aspirações por tanto tempo veladas com especial carinho.

E que surgira a data magna. Chegara o dia inesquecível de 15 de Setembro de 1823, quando assinalou o marco inicial de independência- para os cora ções daquela gente laboriosa, sempre vibrátil nos grandes anseios de libertação.

Por ato do Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Império do Brasil, criou-se uma nova Freguezia com o rôgo de Nossa Senhora Santana, em lugar vizinho à Capela denominada Casa de Telha, no Bairro de Ponta Grossa, distrito da Vila de Castro, do Bispado de São Paulo, ficando desmembrada da Freguezia da mesma Vila", segundo historia Pedro Novais.

A 11 de março de 1833, a Câmara de Castro foi obrigada a subdividir o seu Município em cinco distritos de paz, ficando Ponta Grossa como o quarto distrito da Vila.

Conta-nos, ainda, Pedro Novais, que a elevação da Freguezia em distrito de paz, convenceu os pontagrossenses das suas reais capacidades. Estavam quasi libertos do fôro de Castro.

Três décadas já se haviam passado. A 1º de novembro de 1854, o Presidente da Província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcelos e sua comitiva oficial, em visita às localidades de Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa e Castro, percebendo o esfôrço dos moradores, observando a iniciativa particular e o movimento do comércio, auscultando as aspirações do povo de Ponta Grossa e se capacitando do seu real valor, deliberou decretar a lei que haveria de firmar, de vez, a completa independência dos pontagrossenses.

E a libertação, pela qual se bateram, com frêmito insopitável imbuídos pelo sentimento mais vivo de amor à sua terra, estava, enfim consolidada, com a promulgação da lei nº. 54, de 7 de abril de 1855.

Novos horizontes se descortinavam nos céus de Ponta Grossa, novos ideais animavam, agora, os corações de seus denodados filhos. E o progresso não parou. Com o mesmo espírito de abnegação e de fé, com a mesma vontade férrea de conseguir novos triunfos, acrescentar novas vitórias ao seu patrimônio inestimável de glórias e conquistas, traçando páginas imortais na sua história política, econômica, cultural e religiosa, os pontagrossenses travaram novos embates em prol da consecução de êxitos novos e consagradores.

E, da modesta Freguezia de Nossa Senhora Santana, de ontem, surgiu a imponente, majestosa e bela Ponta Grossa de hoje — símbolo imortal de uma raça forte e varonil, de um povo ordeiro e laborioso, pacífico e valoroso.

O exemplo edificante de vossos avós — pontagrossenses — traduzido em rasgos de heroísmo e tenacidade, em espírito de lutas e sacrifício, em sentimentos de ventade indômita e inquebrantável, não se fêz em vão. Procurando seguir-lhes, fielmente, os passos, acabastes por realizar esta obra portentosa de urbanismo, que constitui motivo de admiração para os que aportam nestes rincões paranaenses, justificado orgulho para os vossos filhos, que tiveram a ventura de vir à luz nas terras gloriosas dêste município.

O atestado eloquente do que sois capazes de realizar, aí está consubstanciado neste rol interminável de empreendimentos. Enumerá-los, seria desnecessário e supérfluo, uma vez que êles se nos patenteiam à vista.

As vossas atividades não se estenderam, sòmente, aos domínios comerciais ou fabrís, agrícolas ou pastoris, ao setor do aprimoramento urbanístico, que por si sós falam vivamente na linguagem expressiva e incontestável dos fatos e valem por uma consagração ao espírito laborioso dos vossos filhos, mas fostes além; cuidastes, com o mesmo carinho, do vosso progresso intelectual, do vosso desenvolvimento cultural, artístico e religioso. Em boa hora reconhecestes que não só deveriam merecer especial atenção os problemas de ordem essencialmente material, mas também aqueles que dizem respeito ao espírito, à inteligência.

E o vosso exemplo, neste particular, merece ser imitado pelos nossos irmãos de outras plagas. Escolas e academias, centros culturais e associações recreativas, núcleos de diversões e sociedades desportivas foram criados, numa exata compreensão de que, sòmente de um corpo são resulta u'a mente sadia e equilibrada. Com amplo respeito às crenças e opiniões religiosas ou políticas, aqui floresceram instituições admiráveis pelo seu sentido altruísta, humanitário, religioso e político.

Os lídimos princípios de liberdade e justiça, que outorgaram à vossa cidade o honroso título de Capital Cívica do Paraná, foram por vós tão carinhosamente cultuados, que lograstes oferecer ao vosso Estado e à pátria brasileira o mais sugestivo exemplo de vanguardeiros nas causas do bem, nas causas do progresso, da independência e do civismo.

Estais de parabéns, portanto, pontagrossenses! A vossa cidade está em festa e os vossos espíritos inebriados da mais fremente emoção. Que os vossos pósteros saibam edificar, no futuro, aquilo que de forma tão brilhante estais realizando no presente, e que é o reflexo nítido e primoroso do passado.

Por isso, pontagrossenses, ergam-se, neste instante, vossas frontes, palpitem de entusiasmo os vossos corações, entoando hosanas de louvor e gratidão aos vossos antepassados, que souberam legar-vos esta herança imorredoura de glórias, tradição e valor. E, ao ensejo de tão gratas e indeléveis recordações, permite, ó Ponta Grossa, que te rendamos o nosso culto reverente de admiração e carinho, e nos curvemos, qual humildes vassalos, ante a realeza majestosa do teu passado heróico.

15 de Setembro de 1951.

(Discurso proferido na Câmara Municipal de Vereadores, por Luiz Reis, do Centro Cultural "Euclides da Cunha", ao ensejo da sessão magna comemorativa do 128º aniversário de fundação da cidade de Ponta Grossa).

Origem e significado do Topônimo Pernambuco

(Conclusão da 2a. página)

Cronológicamente existia paraná-pucu, de que se formou Pernambuco, antes de ser conhecido o Recife, cujo último topônimo começou a aparecer nos fins do século XVI, pois antes era o Povo (povoado), para distinguir-se da vila de Olinda, de que era o pôrto.

Duarte Coelho — já se pode escrever sem temor de êrro Duarte Coelho Pereira — fundeou, em 1535, na boca sul do canal de Itamaracá, e não em Olinda, ou ao sul desta. Essa boca sul do canal, que ainda o nome — escrevamos à moda de hoje — de Pernambuco.

Tanto assim que, mais tarde, quando o topônimo se foi deslocando para o pôrto de Olinda, estabeleceram a distinção: Pernambuco velho.

O nome primitivo foi aplicado, repito, ao pôrto de Itamaracá, e não ao do Recife. Devemos, portanto, procurar a interpretação, ou a tradução, aí e não aqui.

O primeiro elemento prestase às duas hipóteses: **pará-nã**, parente do mar, semelhante ao mar, um mar diferente, às vêzes também aplicado ao rio; o segundo elemento é **pucu**, comprido, braço de mar comprido — e não **mbuca**, furo, rebentação.

De Paranãpucu se fêz Parnampucu, Parnambuco, Pernambuco.

A primeira Academia de Letras, fundada pelo bispo Azeredo Coutinho, nos fins do século XVIII, cujos trabalhos em raríssimo livro possuo, oferta dum amigo que o adquirira do espólio de Eduardo Prado, era Academia Parnambucana de Letras e, nos trabalhos em latim, os filhos da então capitania figuram como parnambucensis. — **Mário Melo.**

Tapejara
Orgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha"
Diretor: Faris Antonio S. Michaele
Secretário: Daily Luiz Wambier
Gerente: João Alves Pereira
Redatores: Diversos
REDAÇÃO: Caixa Postal, 337
Ponta Grossa — Paraná — Brasil

Panamericanismo

Como organizar o intercâmbio cultural entre o Brasil e as nações americanas

O panamericanismo surgiu como uma doutrina segundo a qual os países americanos, todos de origem européia, entenderam de excluir de qualquer soberania territorial os seus velhos troncos ou quaisquer países de outros continentes. A América para os americanos — disse Monroe, antigo presidente dos Estados Unidos, ao enunciar a sua doutrina, da qual o panamericanismo é uma interpretação extensiva. Este visava, a princípio, a união dos países americanos para a solução de questões que um ou outro pudesse ter com qualquer país não americano.

Na prática, esta doutrina poderia trazer resultados desastrosos às boas relações entre o novo e o velho continente.

A influência dos Estados Unidos, o mais forte país americano, sempre se fêz sentir entre os demais e êstes, por sua vez, procuraram manter boas relações com o mesmo, o que sòmente vantagens lhes poderia trazer.

O pedido de auxílio que lhes foi feito pelos rebeldes republicanos de 1817, segundo Oliveira Lima, já continha os princípios essenciais do panamericanismo. A idéia de alianças isoladas desapareceu, para dar lugar a uma concepção mais larga das relações inter-americanas, a chamada "concepção científica" de panamericanismo, que Bolívar foi o primeiro a traçar o esquema.

O sentimento panamericanista evoluiu, entretanto, tendo contribuido para fomentar os acordos de defesa mútua contra agressões não americanas, o estabelecimento de arbitragem para dirimir questões entre os países americanos, a intensificação das relações comerciais e do intercâmbio cultural. A política da Boa Vizinhança instituida pelo grande presidente Roosevelt deixa transparecer fàcilmente um elevado espírito de panamericanismo.

O desenvolvimento do espírito panamericano é essencial à conservação da paz, ao entendimento e à colaboração entre os diversos povos do Novo Mundo. Para o seu fortalecimento, a par dos entendimentos de ordem política e econômica e de bases mais sólidas que êstes, está o intercâmbio cultural. Êle facilita a utilização, por todos, dos conhecimentos adquiridos por um. Determina a conjugação dos esforços isolados, acelerando o desenvolvimento cultural de todos os países e permitindo maiores conquistas num mesmo espaço de tempo. Êle destrói preconceitos, aumenta a compreensão entre os povos e facilita os entendimentos de ordem política ou econômica.

Já não é segrêdo para nós o fato de que o Brasil é quasi que um "ilustre desconhecido" entre os seus irmãos da comunidade americana, pelo menos sob o ponto de vista cultural. Sul e norte-americanos desconhecem nossos grandes escritores, assim como nossas grandes contribuições à humanidade nas ciências e nas artes.

Talvez seja nas artes que o Brasil maior projeção tenha conseguido nas Américas. De quando em vez nos alcançam os rumores do êxito de um Guarnieri ou um Estrela nos grandes centros artísticos dos Estados Unidos. Vila Lobos e Lourenço Fernandes já se consagraram por suas composições. Bidú Sayão, de conceito firmado como cantora do Metropolitan Opera House de Nova York, tem difundido nossas preciosas canções folclóricas. Portinari possúe seus quadros em grandes galerias de arte da América e a arquitetura moderna brasileira já provoca correntes de opiniões nas universidades mexicanas e estadunidenses.

Contudo, essa projeção do Brasil não tem fugido dos meios artísticos mais elevados e as obras de Carlos Gomes continuam pouco conhecidas mesmo naquêles meios.

Do mesmo modo, os maiores museus dos Estados Unidos nada apresentam das contribuições de Santos Dmuont para o progresso da aviação.

Dos nossos sociólogos e escritores, apenas os de estatura de gigante como um Euclides da Cunha, um Gilberto Freire e um Érico Veríssimo, têm se conseguido projetar na pátria de Mark Twain.

E agora, examinemos os nossos conhecimentos sôbre os demais países americanos. Somos versáteis sôbre os aspectos e a cultura dos Estados Unidos, mas podemos atribuí-lo mais à eficiência dos meios de divulgação daquele país do que, pròpriamente, à pretensa cultura geral de nosso povo. Quantos de nós sabemos avaliar o alcance social de um Diego de Rivera? Quantos conhecem mais sôbre Guatemala ou Costa Rica que o nome de suas capitais?

Quanto conhecem o elevado grau de adiantamento a que chegaram as civilizações Inca, Maia e Azteca?

Da organização do intercâmbio cultural — A organização de um plano de intercâmbio cultural entre o Brasil e as demais nações da comunidade americana poderia compreender o seguinte:

1) — Criação de Uniões ou Centros Culturais Panamericanos,

2) — Intercâmbio de escritores, artistas, cientistas, técnicos, etc.,

3) — Intercâmbio de professôres,

4) — Intercâmbio estudantil,

5) — Intercâmbio de publicações.

Os diversos setores do plano acima exposto já vêm sendo atacados, com maior ou menor intensidade e eficiência, pelo Brasil e por seus irmãos americanos.

Não existe, porém, um intercâmbio pròpriamente dito, uma vez que os esforços se fazem num só sentido. Como exemplo podemos citar os vários e organizadíssimos Institutos Brasil-Estados Unidos ou Centros Culturais Inter-Americanos. Enquanto que êstes órgãos difundem aspectos da vida, a língua e a cultura daqueles irmãos do norte, o Brasil não possúe idêntica organização que facilite ao povo dos Estados Unidos um maior contacto com a vida, o idioma e a cultura do nosso povo. O modelar Instituto Uruguay-Brasil, existente em Montevideu, tem ministrado aulas do idioma português a milhares de americanos da terra cisplatina e difundido entre êles a nossa cultura e aspectos de nossa vida. Contudo, não sabemos da existência de organizações semelhantes na Argentina e demais países americanos, como não consta existirem Institutos Brasil-Uruguay nas grandes cidades brasileiras.

Nossos consulos e embaixadores não dispõem de material de divulgação de nossa cultura para distribuição no estrangeiro e, uma minoria deles, está disposta a realizar palestras ou conferências sôbre o Brasil, expontâneamente ou quando convidados.

Gilberto Freire tem realizado séries de conferências sôbre a formação social do Brasil e Érico Veríssimo tem lecionado literatura brasileira nos Estados Unidos, mas, êstes são casos esporádicos, como o são as visitas de sociólogos, escritores e cientistas de outras nações americanas ao Brasil. Dezenas de professôres e centenas de estudantes brasileiros têm ido aos Estados Unidos em caráter de estudo mas pouquíssimos têm visitado outros países americanos, como reduzido número de professôres e estudantes temos recebido, em nossas instituições de ensino.

Notável organização possúe a União Pan-Americana, sediada em Washington e não menos notável é a sua revista editada em inglês, espanhol e português. Contudo, a U. P. A. é de ação muito limitada e sua revista é de tiragem relativamente pequena.

Da execução do plano — Não sendo financeiramente realizável um plano de criação de centros culturais brasileiros em larga escala e encarando sua unilateralidade como deficiência em um plano de intercâmbio, e, considerando ainda os demais pontos da organização acima apresentada, o Brasil deveria propôr em um congresso cultural panamericano o que abaixo esboçamos:

1º.) A criação de Uniões ou Centros Culturais Pan Americanos ou Inter-Americanos, nos moldes dos Institutos Brasil-Estados Unidos e Uruguay-Brasil, com contribuição em pessoal e material, bem como financeira, de todos os países americanos.

A grande subdivisão de responsabilidades permitiria a extensão dêste plano e elevadíssimo número de cidades americanas e a oportunidade de levar a todos os povos da América a cultura dos países financeiramente menos capazes.

Seria estudado um plano de contribuição proporcional à população de cada país representado, ou ao número de alunos inscritos nos cursos de seu idioma ou, ainda, à possibilidade financeira do mesmo.

Os centros culturais seriam controlados por um órgão central, que poderia ser a atual União Pan Americana e teriam a seguinte constituição:

I — Órgãos administrativos e executivos,

II — Departamento Cultural,

III — Departamento Artístico,

IV — Departamento Social,

V — Departamento de Ensino,

VI — Departamento de Publicidade e Informações,

VII — Biblioteca.

Através seus departamentos especializados os centros culturais promoveriam, por diversos meios, a difusão da cultura, aspectos e idioma dos diversos países da América. Seriam organizados cursos de português, espanhol e inglês, os três idiomas mais falados na América e, quando possível, cursos de francês e línguas indígenas.

Sendo o espanhol idioma comum a grande maioria dos países americanos, é fácil prever-se o quão reduzida seria a contribuição de cada um dêstes países em um extenso plano de organização de centros culturais e cursos da maneira proposta.

A biblioteca de cada centro cultural contaria com contribuições em forma de livros, jornais, revistas e outras publicações de todos os países da comunidade americana.

O plano da criação dos centros culturais panamericanos, encontraria, certamente, má aceitação da parte de alguns governos, que a dão oportunidade dificuldades de ordem política, dificilmente transponíveis. Contudo, estas dificuldades não constituiriam impedimento para que os demais países se organizassem e estabelecessem, através os mesmos, o seu intercâmbio cultural. Em última instância, em um plano mais limitado, poderia o Brasil criar, isoladamente, os seus centros culturais em várias cidades americanas, pelo menos nas capitais federais e nas grandes cidades.

O plano em lide é, todavia, perfeitamente exequível. Com um campo de ação extendido às mais diversas classes sociais, êles constituiriam embaixadas permanentes de cultura e boa vizinhança.

2º.) — Um plano de incentivação de vistas de escritores, artistas, cientistas e técnicos entre os diversos países da América.

3º.) — Um plano de intercâmbio de professôres, nos moldes, preferentemente, do que o Brasil já vem mantendo com Portugal.

O plano seria organizado de tal modo que, sempre que possível, houvesse uma permuta de funções entre cada dois professôres de uma mesma cadeira, por um determinado período de tempo. Assim, um professor de matemática brasileiro poderia lecionar no México durante um ano, enquanto seu colega mexicano viria substituí-lo em suas funções no Brasil neste período.

Esta permuta seria perfeitamente exequível entre professôres de país e do mesmo idioma ou de idiomas semelhantes, porém, os outros casos seriam resolvidos com a permuta de professôres que conhecessem a língua do país a que se destinassem.

Com o professorado primário é evidente a impraticabilidade do sistema de permuta. Haveria o recurso de proporcionar-lhe estágios em cursos de especialização, procurando sempre um país enviar a outro tantos professôres quantos recebesse do mesmo.

Os professôres seriam sempre selecionados tendo em vista, além de suas qualidades pessoais e profissionais, sua capacidade para escrever e para falar em público, bem como seus conhecimentos sôbre história, geografia e literatura de sua pátria, uma vez que levariam a missão de realizar, no estrangeiro, palestras de divulgação de aspectos, costumes e cultura de sua terra e de seu povo.

Atenção especial seria dada também ao espírito de sociabilidade dos candidatos, pois que esta qualidade seria indispensável a um enviado em missão de intercâmbio cultural.

4º.) — Um plano de intercâmbio estudantil, secundário e universitário —

Pode-se prever que êste seria um plano de fácil execução e que apresentaria excelentes resultados. Os estudantes enviados ao estrangeiro seriam selecionados nas mesmas bases indicadas para a seleção de professôres e, analogamente, cada país deveria não enviar a outros países um grande número de estudantes, mas, acolher em suas instituições de ensino igual número de escolares estrangeiros.

O espírito vivo da juventude haveria de assimilar assim muito da cultura dos povos com que conviveria, de tornaria embaixadores, não diplomatas, da cultura e da solidariedade continental.

5º.) — O incremento da remessa de livros, revistas, jornais e outras publicações a grande número de bibliotecas públicas, escolares, de centros culturais, etc., existentes em todos os países americanos.

Os órgãos competentes encarregar-se-iam desta remessa, bem como de providenciar a tradução para os diversos idiomas americanos, das obras de reconhecido valor de cada país. A par do intercâmbio de obras originais, haveria o de obras traduzidas, para tornar as acessíveis ao maior número possível de pessôas.

CONCLUSÃO — Uma proposição desta natureza em um congresso cultural Interamericano, sofreria, inevitàvelmente, combate por parte de delegações de vários países, como também seria o plano considerado impraticável por outras. O que se pode crêr, porém, é que criticado, alterado e melhorado, um plano desta ordem seria aceito por uma grande maioria de nações americanas.

A União Pan-Americana, em conexão com órgãos especializados em cada país, subordinados aos respectivos ministérios de educação ou de relações exteriores, ficaria encarregada de pôr em execução e desenvolver êste plano de intercâmbio cultural.

A conjugação de esforços permitiria a execução de um programa de difusão cultural em larga escala e de seguro êxito.

E ao Brasil restaria, ainda, a possibilidade de executar, com cada país americano, um plano análogo, porém bilateral, caso falhasse o plano pan-americano de intercâmbio cultural, de ação conjunta.

Maria Thereza P. Bittencourt
Aluna do 3º. ano da Escola Normal do 3º. ano Científico do Colégio Estadual "Regente Feijó".

(Trabalho classificado em primeiro lugar, no setor de P. Grossa, em Concurso realizado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná).

A Semana Euclidiana

Prezados ouvintes de PR-J2.
Boa noite.

Prosseguindo as palestras radiofônicas, ontem encetadas com a palavra brilhante e autorizada do nosso mestre e amigo sr. Dr. Faris Antônio S. Michaele, patrocinadas pela novel entidade espiritual desta cidade, que é o "Centro Cultural "Euclides da Cunha", tenho a satisfação de vir ao microfone desta emissora famosa desincumbir-me da missão honrosa a mim conferida pelo operoso e culto presidente da entidade cultural já citada.

Venho ler um trabalho humilde e de pouco alcance, que não foi escrito com a fulguração de uma pena brilhante, mas, com a alma da sinceridade e em homenagem à memória do maior vulto da literatura pátria, ao patriota ardoroso e genial que foi o escritor Dr. Euclides da Cunha.

Ao iniciar a minha despretenciosa colaboração dedicada às comemorações beneméritas da Semana Euclidiana, que se vêem efetivando nesta cidade e na de São José do Rio Pardo, em São Paulo, fazendo reviver em nossos corações a figura intrépida e vigorosa do autor de "Os Sertões", devo esclarecer que as mesmas estilizam em sua essência uma legítima campanha de renovação espiritual a qual nós os euclidianos encaramos pelo lado mais cívico do têrmo.

Como sertanejo do nordeste, procurei fazer com que o humílimo trabalho por mim elaborado girasse em tôrno da personalidade paupérrima e estóica da gente que habita os sertões combustos e calcinados da nossa extremeida Pátria. Sim! porque não concebemos a personalidade ímpar e viril de Euclides da Cunha, sem o drama épico e satânico daquela terra ingrata e amável ao mesmo tempo, a que Gustavo Barroso numa eloquência de expressão chamou de "Terra de Sól"

Falemos, pois, das plagas nordestinas, dos sertões que serviram de fonte de inspiração ao vibrante autor de "Contrastes e Confrontos", falemos numa linguagem rude e simples de sertanejo que viu e viveu as terríveis calamidades das sêcas; falemos de coração, com palavras finitas, o que representa uma dôr infinita para os nossos irmãos mártires do Nordeste... Vejamos aquele Nordeste pobre, mas, que é como a casa de Adamastor, pequeno por fóra e grande por dentro... Digamos algo daquelas plagas de quem tanto se tem dito na palavra falada ou escrita, mas que poucos, poucíssimos mesmo, têem delas procurado se aproximar para auscultar com os ouvidos do coração o lamento dos seus filhos, e conhecer "in loco" os seus mais ingentes problemas, quase que perenes no tempo e no espaço, mas que não chegam a ser insolíveis!!!...

Enumeremo-los de per si, encarando-os de frente!

Vejamos as sêcas :— Eis o ponto nevrálgico da questão, é êste por excelência o problema primordial do nordeste, tanto assim que, agora como em outros períodos históricos para aquela região, está a Nação, esta grande pátria de Rui e de Caxias, experimentando os efeitos calamitosos da catástrofe, oriundos das longas estiagens. Ora, por mais incrível que se nos pareça, essas incógnitas meteorológicas não surgiram hoje, nem apareceram ontem, elas vêm de longe como o sofrimento do sertanejo indômito, nasceram com o Brasil. Cresceram desafiando a inércia e falta de patriotismo dos poderes públicos, com exceção de dois grandes e notáveis presidentes — um ministro: O saudoso Dr. Epitácio Pessôa, a atual figura por todos os títulos eminente do presidente Getúlio Vargas e o impoluto homem do sertão, Dr. José Américo de Almeida. No atinente ao atual Chefe da Nação, só mesmo quem conhecesse o nordeste, antes e após a sua administração passada, poderá com justiça aquilatar o seu acendrado patriotismo.

Os que o antecederam com a exceção já referida do Dr. Epitácio Pessôa, pouco ou quase nada fizeram pelo nordeste, como se êste não fôsse também uma das partes integrantes do Brasil. Tal atitude destoante para a administração dum país vasto como o nosso, diga-se, de passagem, representava algo sombrio para a nossa Pátria, porque ali não apenas uma região semi-desértica fenecia paulatinamente, eram antes brasileiros da gema, caboclos, os nossos irmãos lucos, que lutavam inclòriamente se estinguindo pelo sofrimento, como se fôra crime ter nascido brasileiro com "B" maiúsculo. Mas graças aos homens de visão e de patriotismo reconhecido, criaram-se as "Obras Contra as Secas", constituiram-se açudes, alguns com apreciável capacidade de reserva líquida como os: Oró, de Quixadá e outros; o Ministério da Agricultura forneceu técnico capacitado; fizeram-se irrigações, foram-se minorando, enfim, os sofrimentos do homem do sertão.

Mas acontece que as sêcas nordestinas não se limitam a êste ou àquele Estado, como sói falar-se que é o Ceará a terra da sêca, não, as estiagens prolongadas (a escassez de chuvas) se verificam desde o sertão da Baía de Castro Alves até os sertões maranhenses de Gonçalves Dias; fôra vivo o célebre Lampião ilo-la-á melhor por conhecer palmo a palmo toda a adusta região das caatingas sertanejas...

Pois bem, ao que temos verificado ante o flagelo das sêcas que ora calcinam o nordeste, os trezentos e poucos açudes construídos pelos poderes públicos, e mais tantos outros de iniciativa particular, não resolveram "in totum" o magno problema; urge sejam tomadas outras providências que com a adoção das descritas porão têrmo às calamidades; debelarão o mal para sempre.

É necessário, pois, (não é um técnico que fala; é um filho do sertão), que sejam construídos outros reservatórios do precioso líquido, proíba-se a derribada das matas, ensinando aos "fazedores de desertos", como dizia Euclides da Cunha, o quanto é prejudicial devastar as florestas. Precisa-se dar combate à erosão e reflorestar o nordeste com essências florestais que se aclimem bem ao meio. Exemplifiquemos: a Oiticica, o Cajueiro, o Joazeiro virem que, nejado de frutos amarelos e fôlhas verdejantes, nos faz lembrar um pedaço da nossa sagrada bandeira Nacional desfraldada num oasis do deserto; bem assim outras essências florestais que representem, para a região, grandes fontes de renda.

As terras nordestinas são sabbérrimas; havendo irrigação abundante, não haverá miséria, o Brasil tornar-se-á um portento e os brasileiros mais felizes.

São êstes, pois, os problemas das sêcas; como foi dito, já não estão em fase embrionária, mas, apesar dos pesares, só após vários séculos de lutas titânicas em que uma raça forte se revezava atônica ante o extase do sofrimento, sem vencer ou ser vencida, apareceu um brasileiro da envergadura moral de Euclides da Cunha, notável titã no burilar da pena e no desfraldar a sagrada bandeira do civismo, para, imbuído do mais são patriotismo, descortinar o palco em que o heroísmo, a miséria e o sofrimento se dramatizavam eloquentemente, isso para mostrar ao Brasil cá fóra a pugna em que se empenhara uma raça de mestiços curibocas que, sendo talhada para as sensaborias da vida, jàmais o fôra para ser vencida!

Resolver os problemas do nordeste bem como outros do País inteiro, não constitue apenas um dever de brasilidade, mas, verdadeiro imperativo de ordem patriótica.

Digamos algo sôbre o nosso matuto sertanejo :— Se faz sêca, lá está êle no mais extremo abandono, fazendo cálculos sôbre as suas miragens, referentes aos sonhos desfeitos, preparando o "matulão" para iniciar uma marcha forçada e errante de nômade, de "retirante", através das estradas poeirentas ou por sôbre o leito dos rios sêcos com a sua pele mumificada; dos mesmos rios que no tempo de inverno, ao transbordarem, lhe serviram de vasante como uma miniatura do Nilo; os mesmos rios em que se vão mirar às suas margens os Mulungús floridos, cujas flôres encarnadas, em forma de duas pétalas, a viração tange para a correnteza

(Cont. na pág. 16)

Guillermo R. Ruotolo

1876-1951

CONSEJERO DEL INSTITUTO DE CULTURA AMERICANA — A MANERA DE SEMBLANZA

— Para "Tapejara" —

Todo hombre, dijo un pensador, lleva en sí una partícula divina. De esa partícula que anima a este artista es que quiero hablar.

Con esa porción de divinidad en cada ejemplar humano, la humanidad produjo sus genios, sus héroes y sus santos.

Si el género humano no hubiera tenido estos seres de excepción, creo que no podría haberse fundado civilización alguna sobre la tierra.

Por lo que, un talentoso, un visionário, un poeta, artífices de culturas, son en la história, en el arte, la religión, y en la filosofía, los que concurren a formar el fundamento moral de todas las épocas, y a salvar del naufragio definitivo a las generaciones abismadas en el error, al que cayeron por olvidar las fútas espirituales abiertas a los corazones nobles e idealistas frente al criterio cartaginés que envilece y degrada a los individuos y a los pueblos.

Dicho esto, empecemos por decir que nuestro hombre fue, a los quince anos, un poeta y un artista en potencia.

Es preciso ver los giros dialécticos de su poesía en tan temprana edad, para convencerse de que ya poseía el "fuego sagrado" que hizo sublimes a Dante, a Carducci, a Almafuerte, y a la pléyade de poetas de todos los tiempos.

Desde entonces, suena, imaginna y filosofa. Los horizontes próximos y lejanos se graban en su retina y en su mente. Escribe, piensa y dialoga con los grandes espíritus de todas las épocas. Trata, como aquellos grandes de Roma y de Atenas, de hallar la verdad y la belleza.

Se inspira en las grandes culturas de todos los continentes, pide sabiduría de Minerva.

Las culturas que un día dieron calor espiritual a las razas seculares, orgullo de todas las estirpes, desfilan por su cerebro.

Interroga a la Naturaleza y a Dios.

Escruta, analiza en las páginas tétricas y felices de la historia del hombre.

Se convence de que frente a una afirmación, sea científica o filosófica, existe una negación que ensombrece las ansias de verdad. Verdad y error, luz y sombra, forman los polos del saber y la realidad.

Comprende los contrastes. Concluye, luego, haciendo filosofía sin querer.

Se satisface al comprobar la que dijo un gran maestro: "la diversidad concurre a la unidad".

Ya ha conseguido la plenitud mental para saber plasmar, tiene su propia personalidad.

Ha llegado el momento que cristalice todas las verdades entrevistas, mediante u n a transmutación interior.

Tiene manos firmes, un corazón seguro y una imaginación potente. "Hasta que actividad moveré mi inteligencia ?", se pregunta un día: "Cuál ? — En todas aquellas que conduzcan a la belleza, al bien y a la verdad".

Y empieza su acción. "Primero haré un poema, más tarde, un drama, luego, una vista del golfo de Nápoles, o un castillo medioeval de Francia, Itália o Espana.

Los manes de D'Anunzio, Miguel Angel y Rafael tutelan a este infatigable maestro.

Le pregunto : ? de los grandes pintores cuál es el de su predilección ?

— "Leonardo de Vinci es el más grande maestro que ha apasionado mi vida artística e intelectual", me contestó.

Comprendí, entonces, la razón que asistió a un gran biógrafo inglés cuando dijo : Leonardo de Vinci was the best painter who ever held a brush".

Reconocer las cualidades superiores de los hombres que se encuentran en altos planos intelectuales es, para mí, un signo de superioridad.

Ya en plena madurez, quizá en los días de beatitud que dan las primaveras transcurridas, puede proclamar ante el mundo : "de mi sol infinita sólo he podido mitigarla". "No me lamento". "Creo haber entrevisto la verdad y la belleza, a pesar de la bruma que envuelven los siglos".

"Mi alma, como toda alma humana, seguirá eternamente, detrás de ese ideal de bondad y de belleza, que arrojó al calvario a Jesús y divinizó a Marco Aurelio".

Francisco Pablo Labombarda
Director del I. A. C.
(Argentina).

Canção

Por Leonardo Henke (Curitiba)

Essa que te segue, calma,
sôbre a areia deslisando,
não é tua sombra, é minha alma
que teus passos vai beijando.

Quero que o coração
entoe uma cantiga,
na forma e na expressão
de uma balada antiga !

|||

Alborada

Por T. M. Gonzáles Barbe

llegará al corazón del hombre americano.
Como una clarinada de Paz y Confraternidad.
Ancha de lirismos.
Plena de fe.
Rebosante de hermandad.
Modestamente.
Sencillamente.
Ofrendando su belleza.
Brindando su emoción.
Derramando sus ensonaciones musicales.
Y anhelando profundamente.
Fervorosamente.
Un mundo de cordialidad.
Para todos los pueblos.
Para todos los hombres.
Para todos los hogares.
ALBORADA
Cubrirá los caminos escabrosos o llanos del alma.
La inundará de bondad y de poesía.
Y la hará estremecer al conjuro de las más bellas sensaciones de amor y espiritualidad.
Y llevará en la brevedad de sus pétalos poéticos, y en la sinceridad de sus prosas, y en la concavidad roja del corazón, la juvenil inspiración del arte, la comprensión de los hombres y la confraternidad de las Américas.

Vila Rica do Espírito Santo

A PROPÓSITO DE UMA TÉLHA

(O Museu "Campos Gerais", de Ponta Grossa, teve as suas coleções enriquecidas com a oferta de uma telha encontrada no local onde existiu a Vila Rica do Espírito Santo, no nosso atual Estado do Paraná. Trata-se de uma telha goiva, que não apresenta qusi diferença das modernas, o que prova a excelência da cerâmica de antanho).

Naquele brumoso fim de século XVI continuava ainda a confusão sôbre a divisão desta parte do continente americano entre os dois grandes reinos ibéricos. A doação que o Papa Alexandre VI fizera à Espanha em 1493 (Bula de 4 de maio), usando do direito de (tudo ligar e desligar no Céu e na Terra", desgostou a Portugal. De nada valeram os seus protestos junto ao Papa e o caso seria decidido pela fôrça, si não tivesse a Espanha, com habilidade, propôsto um entendimento direto, que apresentou uma aparente melhoria de condições para os portugueses.

Esse entendimento resultou no tratado de Tordesilhas (7-6-1494).

As medições necessárias à determinação exata das fronteiras nunca foram feitas, pelo simples motivo que ninguém as sabia fazer: a ciência ainda desconhecia o processo de medir, com exatidão, as longitudes. (Romário Martins — História do Paraná).

Na melhor das hipóteses, para Portugal, a linha demarcatória correria um pouco a leste de Belém, ao Norte, e da Laguna, ao Sul, mas, por seu lado, os espanhóis eram de opinião que na altura de Iguape acabava o domínio lusitano.

Sòmente vantagem haveria para Portugal em conservar indecisa a sua fronteira no Sul, dando-lhe assim possibilidades de, aos poucos, dilatar as suas lindes para o oeste. Mas, positivando o que pretendiam os de Castela, Alvaro Nunes Cabeza de Vaca desembarca em 1541 em Santa Catarina e batisa o local como "Terra de Vera" e a nossa histórica Paranaguá tem a sua bala indicada em mapas da época, como "Baya de la Corona de Castilla".

Um século depois de Tordesilas continuava ainda essa indecisão, que, pràticamente, desapareceu temporàriamente, em vista da encampação da corôa portuguesa pelo trono dos Felipes. Nesse interregno de 1580 a 1640 surgem os bandeirantes paulistas, que à custa de suor e de sangue, com segundas intenções ou não, conseguiram ampliar, nessa parte, o território que seria mais tarde a grande pátria brasileira, porque o povoamento pelos portugueses, até então, se limitava, no planalto, ao estabelecimento de Piratininga.

Os castelhanos, entretanto, na firme convicção de seus direitos, haviam se estendido para leste. Atravessando o rio Paraná, fundam Ontiveros junto à fóz do Piquiri, Ciudad Real de Guayra e, finalmente, em 1576 Vila Rica do Espírito Santo, na confluência do Corumbatai no Ivaí.

A zona compreendida pelos rios Paraná, Paranapanema, Tibagi e Iguaçú foi denominada Território de Guayra, administrado pela Província do Rio da Prata, do Vice-Reinado do Perú e em 1617 foi levada à categoria de Província, com dois "pueblos", pois que Ontiveros teve vida efêmera.

Frêz o Padre Gay em sua "História Jesuítica do Paraguai" que só a comarca de Vila Rica abrigava "mais de 200.000 guaranis nas margens dos rios e das montanhas como nos campos e pinhais que se estendiam até São Paulo, povoação do Brasil."

Os espanhóis, entretanto, reduziram à servidão milhares de índios, o que provocou uma atitude de insubmissão, de represálias e de vinganças de parte dos indígenas.

Hernando Arias Saavedra, governador do Paraguai, depois de ter batido os índios dos Pampas e do Grão Chaco, atacou os de Guayra, mas foi infeliz, pois fracassou em tôda a linha, com enormes perdas. E, então, que surge a figura lendária do cacique Guayracá, enfrentando denodadamente os espanhóis e proferindo a frase que atravessou séculos :— "esta terra tem dono".

Desanimado, Saavedra propõe a Felipe III que a pacificação e conversão dos índios da Província de Guayra fôsse realizada pela Companhia de Jesús, o que foi aceito pela Carta Régia de 1608.

Assim têm início as célebres "reduções", que logo atingiram a 13, sistema pelo qual os índios foram reduzidos pelas diligências dos padres às povoações grandes e à vida política e humana, como definiu Montoya. Na redução de Santa Maria Maior foi impressa a "Arte y Vocabulario de la Lengua Guaraní" escrita pelo Padre Montoya, vale dizer que foi em território paranaense que a imprensa começou a aparecer na América.

As povoações de Guayra e Vila Rica continuaram, porém, sob o domínio espanhol. Mas, os bandeirantes paulistas, em suas sortidas periódicas, foram destruindo não só as reduções como os "pueblos", até que em 1632 chegou a vez de Vila Rica, com uma população de 4.500 habitantes, sitiada que foi por Antonio Rapozo Tavares.

A defesa foi dirigida pelos mestres de campo Francisco Benitez e Ruy Ortiz Melgarejo, por capitães de guerra e alferes reais e por membros do cabildo vilariquenho. O bispo do Paraguai, D. Fray Cristobal de Aresti com grande dificuldade se transportou à Vila Rica, aparecendo nos pontos mais atacados com um crucifixo na mão, no intuito de animar os combatentes. "Ao seu lado formavam o seu secretário armado de escopeta e quatro sacerdotes "com sus alfanges" (Afonso E. Taunay — História das Bandeiras Paulistas).

Verificada a inutilidade da resistência, os vilariquenhos abandonaram a cidade e transpuzeram o rio Paraná.

Dessa forma teve fim o domínio espanhol na Província de Guayra.

Cento e trinta e oito anos depois, em 1770, um bandeirante curitibano, Francisco Lopes, explorando os sertões de Guarapuava até Iguatemí, encontrou as ruinas de Vila Rica, restos de casas e de igrejas, de fundições, olarias e moinhos e árvores frutíferas que não pertenciam à flora da região. Pela área de seu arruamento, julgou-a maior do que Paranaguá.

Quasi um século mais tarde, 1865, o engenheiro Keller, que chefiava uma missão de estudos, visitou o local e diz em seu relatório : "Pelo que mostram as ruinas, fôra a cidade construida regularmente, com ruas bem alinhadas, cruzando-se em ângulos retos. As casas eram na maior parte, si não tôdas, feitas de taipa (terra socada) e cobertas de telhas, de que se encontram fragmentos alastrando o interior dos retângulos formados pelos restos das paredes, reduzidas hoje a montes da altura de um metro mais ou menos, com taludes de terra desmoronada.

Nos vestígios da igreja, que se acham num canto da praça no centro da cidade, os montes de taipa têm altura dobrada dos outros e sôbre êles nasceu um enorme monjoeiro. Encontram-se na entrada da cidade escórias e outros indícios de ter havido ali uma fundição de ferro, mineral abundante nas vizinhanças."

Atualmente, a mata virgem domina o local onde floresceu Vila Rica, tão pujante como quando de sua fundação por Melgarejo.

Novos bandeirantes a estão trilhando, não para prear índios ou à cata de minas mas para explorar a terra generosa com o trabalho fecundo das lavouras.

Júlio Bittencourt

Bibliografia : História do Paraná — Romário Martins — História do Brasil — Rocha Pombo.

A AMIZADE E COMPANHEIRISMO ENTRE OS HOMENS

Palestra proferida pelo companheiro Amador Bellegarde Junior, na reunião do dia 15 de agosto de 1951, no Rotary Clube de Ponta Grossa

Meus companheiros :

Recebendo a honrosa designação para dirigir a palavra aos meus estimados companheiros, desejo sem pretensão focalizar o têma em tôrno do qual giram tôdas as responsabilidades, o êxito de um empreendimento qualquer, enfim, de uma realização ou objetivo : "A amizade e companheirismo entre os Homens".

Os homens, desde tenras e remotas éras, vêm lutando e idealizando sistemas e modos de aproximação com os seus semelhantes, porquanto, do início embrionário da civilização, sentiram a necessidade premente dessa aproximação, cimentada pela amizade e companheirismo, no afã de melhoria e concretização da mais humana das ambições: "a de bem viver".

Em todos os setores de atividades, inicialmente, nos é lícito prevêr os resultados finais de uma obra empreendida, desde que a estudemos detida e conscienciosamente, e a coloquemos sob o prisma de servir, sem a preocupação das tendências pessoais e das paixões de mando, que aniquilam forçosamente os alicerces da iniciativa e obliteram a razão, embora o programa a seguir, seja ou do mais alevantado espírito de solidariedade e cooperação construtiva.

Certamente, equivale, a amizade e o companheirismo entre os homens, à viga mestra das concepções e leí serena e objetiva dos resultados positivos, mercê da conjugação de esforços para uma determinada finalidade que traduza êsses esforços em normas de uma vida, onde o progresso e a projeção dos atos decorrentes, sirvam de indestrutível lêma.

O bem comum, o devido respeito aos nossos semelhantes, a maneira sóbria e ponderada de encarar os problemas do bem-estar da coletividade, são fatores indiscutíveis, que não podem, que não devem passar sem percepção, onde haja, onde exista, de fato, a observância integral da amizade sincera, do são companheirismo, aliados à vontade única e suprema de servir, com o desejo alheio aos interêsses pessoais, determinação cônscia, sólida e expontânea que enobrece aqueles que, obedientes aos ditames da Justiça, ponham em prática medidas ajustadas de agir, equilibrando os elementos parciais e obtendo, na soma dêstes, o total compensador, muitas vezes superior, frente ao que obteriam preferindo a visão fugaz da vitória, advinda da pressão e do fausto efêmero, dos desmandos e das injustiças.

A influência benéfica das providências reverentes de acêrto e ponderação, criteriosamente adotadas, é imensurável na composição final de tôda incumbência do homem e está presente, por mais singela que se nos pareça, mas convenhamos salientar que o fôto, oriundo de tais recursos, prima, na sua evidência, pela amizade e pelo companheirismo, que incidem no transcorrer recíproco das realizações.

Assim, suscintamente expostos, a preponderância da AMIZADE e do COMPANHEIRISMO nas relações entre os homens que se tornam responsáveis pelo equilíbrio das atitudes coletivas, em qual terreno ou quadra da existência, quer no trabalho, quer na luta cotidiana, luta árdua sem dúvida alguma, geralmente acossada por idéias inadmissíveis no consenso humano, perigosas, subtís e contundentes, constatamos, de um modo claro e insofismável, a vitória na corrida dos séculos, da Justiça, que às vezes se nos afigura tardia, mas, termina por surgir resplandente e inequívoca como a luminosidade característica da hombridade, da firmeza de princípios dos homens que se ajustam sob essa égide magnífica, arquitetando, elaborando e construindo para o porvir, semeando a paz e a concórdia, desde os primórdios da humanidade.

E, quando alcançarmos o objetivo sacrossanto da aproximação fraternal dos homens, concluiremos, fatalmente, que êles não foram dotados de inteligência para o terror, para o cáos, para a dissidência; que êles não possuem braços para empunhar mortíferas armas, para se entrechocarem na sua própria destruição, mas sim, para edificarem, construirem e realizarem, durante o seu curto mas sublime trajeto terrestre.

Concluindo, quero externar aos companheiros um pouco do orgulho que sentimos, porque sômos parte integrante de uma pléiade mundial de homens de bôa vontade, cujo ideal de "SERVIR" está em consonância perfeita com os nossos princípios de nos tornarmos úteis ao próximo, ao semelhante sem distinção, desfraldando a bandeira da : **Amizade e do Companheirismo.**

É que pertencemos a Rotary, amigos meus.

É que sômos Rotarianos, Companheiros.

Cancion de Unidad

Por Oswaldo Nascimento

Yo soy uno solamente...
Esta es mi canción de unidad!

Todos los hombres son uno,
porque provenieron de una sola voluntad :
la voluntad de Diós !

Son todos partes de uno solo todo
inmensurable : el Universo...

Y es por eso mismo que yo soy universal :

Me veo como una pieza
del engrenaje del mundo!

Yo soy el propio mundo
y el mundo entero es yo!

El Universo es la prueba mas real y indiscutible
de mi pequenez resible...
Pero así mismo pertenesco al Universo,
sin naciones ni razas...
Porque yo soy de todas las razas,
amo a todos los hombres,
canto la belleza de la vida
y bato en mi pecho
por la gloria de Diós...

Pues solamente Diós es en verdad glorioso!...

El hombre es una hoja seca
del Arbol — Humanidad!
Yo soy una hoja que jamás desplega
de su rama y de su tronco;
de su patria y de su mundo!

Porque yo soy el hombre de la tierra...
Y esta es mi canción de unidad!

Punta Grossa, 18 septembre 1951.

O Boitatá

"Muita razão tem o caboclo sertanejo, em acreditar cegamente na existência do Boitátá, (cobra de fogo, nome dado pelos nossos antepassados Guaranis), em virtude das circunstâncias do seu "modus vivendi", em relação intima com essa crença".

A história que vou narrar é baseada num fato concreto, sendo eu um dos personagens.

No ano de 1935, residia eu no local denominado Florestal, município de Iratí, onde trabalhava como empregado da firma A. Miranda & Cia.

Muitas vezes, era designado a resolver certos problemas ligados à firma, em Iratí, mas, como a firma não dispunha de veículos para êsse fim, as viagens tinham que ser feitas a pé, e para isso sempre levava como companheiro um rapaz de nome Juvêncio (mais conhecido pela alcunha de Palitó), pois que o trajeto era um tanto arriscado, o que não recomendava viajar-se sòzinho pelo mato, com bôas somas de dinheiro.

Numa dessas viagens, já pelas 9 horas da noite, em plena mata, o Palitó fês-me a seguinte pergunta: "Seu Achilles, será que existe mesmo Boitátá ?". De acôrdo com meus reduzidos conhecimentos da época, dei-lhe a seguinte resposta: "Palitó, não seja burro. Boitátá nunca existiu. O que existe é o tal fogo-fátuo, um taréco que sai dos ossos em decomposição e entrando em contacto com o ar, acende como fósforo mas não queima".

Não sabia eu a surpreza que me estava reservada, após tantas considerações acêrca do Boitátá, pois, ao margearmos um pequeno banhado, deparou-se-nos uma bola de fogo de elevadas proporções que veio vindo lentamente, para nosso lado, como que a desafiar os meus conhecimentos sôbre o assunto.

Fiquei devêras horrorizado ante aquela aparição, até então desconhecida por mim, pois sempre ouvia falar em fogo-fátuo, sem, porém, nunca ter visto semelhante coisa.

Continuando nossa viagem de volta, o malvado Palitó repetia, constantemente, a pergunta que havia feito anteriormente: "Seu Achilles, será que existe Boitátá ?". Eu então nem respondia, pois o medo havia se apossado de mim, de tal maneira, que até eu, com meus grandes conhecimentos, fiquei por muito tempo fazendo parte ativa daqueles que acreditam na existência do Boitátá!...

P. Grossa, 23 de agosto de 1951.

Achilles Ferreira

Boi de Mamão

(Por **Agenor Salgado**, do Centro Cultural "Euclides da Cunha") —

Guardo de minha meninice as mais elegantes recordações do Boi de Mamão.

Sou caboclo do sertão barriga-verde. Meu pai, na minha infância, era "feitor de turmas de construção de estrada de rodagem". Devido a êsse seu rústico serviço, levava com a família uma vida de cigano. Graças, porém, a essa particularidade, posso me orgulhar de ter tido uma infância genuinamente brasileira; vivendo, ora numa vila, ora numa pequena cidadezinha e, outras vezes, morando numa choupana encravada no coração das matas virgens. Aliás, eu nasci numa tapera que depois desapareceu sob a ação inclemente do tempo; meu falecido avô a construiu para servir de guarida à sua família. Depois de levantar um engenho de açúcar, abandonou a modesta cabana que me viu nascer. Coberta de palha e cercada de galhos e fôlhas sêcas, era um retrato singelo das viatsonas presépios que vemos nas igrejas.

De contacto que tive com o povo simples da minha terra, conservo as mais queridas lembranças, o que, realmente, serve para me amenizar as agruras da existência.

Foi assim que vim a conhecer o Boi de Mamão.

Apesar da fôrça dos anos terem apagado certos detalhes da brincadeira, outros há que ainda estão pintados com côres vivas na minha memória.

Recordo-me bem da figura espalhafatosa de um boi de pano que saltava e dava chifrada a esmo, enquanto o cortejo, constituído por dois cocos, em alegre vozerio, passava de casa em casa.

Um côro cantava :—

"O meu boi é pintado".

O outro respondia :—

"É boi !"

"O meu boi é malhado".

— "É boi !"

E, assim, por diante.

O bando tinha um chefe — o capitão, — cujos trajes eram distintos e cravejados de pontos brilhantes (depois vim a saber que eram inofensivos vagalumes espetados com alfinetes na roupa) e, como geralmente só salam durante a noite, o efeito era fantástico.

Havia, também, o "Seu Doutô", figura simplária de caipira que receitava as mais estranhas drogas, quando por acaso o boi caía, o que era muito comum.

Depois do boi, a principal figura do reino animal era o "Cavalo Marinho", um deselegante cavalinho de pau todo enfeitado, montado por um velhinho que dançava, na frente do boi, com extrema agilidade, cantando com uma voz macia e aveludada :

"Cavalo Marinho, êle vem do mar".

Curitiba, 1º.-VIII-1951.

Agenor Salgado

Um pouco de cada vez

OMAR L. GONDIM

"A nôstura não agitada decompõe-se...".
Heráclito.

A idéia move — segundo o seu mérito. Sim ! . . . A demasia estremece, abala, ofusca o entendimento. O contrôle é a base do universo. Energia ! A origem das coisas é essencialmente matemática. O homem não faz a obra; a obra é que faz o homem.

A fuga atrói o embate. Perseverança ! Havemos de vencer, prosseguilmos a luta. O labor é necessário . . . quando real. Ser bom é ser bravo, sabias ? . . .

Receio significa obstáculo, atrôpêlos, morte instantânea. A soberania desconhece tristezas, vacilações, dúvidas . . . EQUILIBRIO !

Uma atitude é um contrato. Ora, sejamos sinceros, o tamanho, a grandeza dependem disso. O dom da inteligência — declara a voz da intuição — somos nós.

Ser ou não ser — demonstram os resultos. Poderem, nem tudo está perdido. Restanos a esperança ? Não ! Restam-nos a vida.

Edificar, início. Mas, pensando bem, existe comêço ? . . . Sendo a alma imortal . . . Ou adquirimos sabedoria . . . ou seremos tragados pela voragem, concordam ? . . . O intrínseco dispensa teorias. Não devemos pugnar contra, mas sempre a favor. Cautela !

O impeto ignora barreiras. Por onde passa, diz : Avante ! A glória é do audaz ! Enfrenta-te a ti mesmo !

Elevar-se a si próprio é interpretação correta. Atrás de cada um de nós . . . o vácuo. Um pouco além . . . a alegria, o êxtase. Cada flor é formosa, magnífica, sublime . . . no seu meio.

Temes, não é assim ? . . . Quem despreza denota injustiça. O veneno é rasteiro, ataca por baixo . . . Não visa, é totalmente cego. Descrêm é sinônimo de contágio. Valemos pelo contínuo despertar. Tudo é uma questão de cálculo . . .

Entre o hoje e o amanhã . . . no sondá-lo ? . . . Da miséria nasce a pompa, do curvo aparece o reto, da feiura surge a imaculada beleza !

Retroceder é crime. Contra a verdadeira ciência, não prevalecem absurdos. O céus chegrói, só a Filosofia conhece a meta científica, o trilhar amistoso. Erguemo-nos !

Buscas no passado o enigma do presente . . . é êrro gravíssimo. Ao profundo abismo. Cosmos ! . . . Animo ! Os devaneios tendem à tortura, seu teu amigo . . . apenas. É impossível aviatar retidão onde não haja fatos incontestáveis, fixidez, idéias lúcidas. É mistêr, portanto, abrir, fazer sumir-se a mata densa, áspera, tétrica — a tolice.

Prosopopéia ? . . . Qual ! . . . Realidade.

Mexico y su arte

Nilda Aurora Oviedo

Antes y después de Moctezuma II, México ha sido y es el heredero del glorioso solar de los dioses en América.

Su historia brillante va unida a la gloria de su arte. Arte autóctono, arte de magia, desde los aztecas hasta nuestros días.

Moctezuma II fué uno de los más grandes protectores del arte.

Patrias así, nos legan a un Diego Rivera, el gran Rivera, porque Rivera es un patrimonio artístico de México, como lo son sus "judas" y sus lienzos impregnados de hondo misticismo estético, que, transporta su mirada sobre el cielo de los aztecas, porque es autentico y es el alma de su raza.

La pintura mexicana se gloría de su nombre, porque es arte nacionalista. Pero no un nacionalismo "aislacionista". Porque el arte de Rivera es universal, como el afirma "la raza blanca es una mezcla de raza mongol y de raza negra". Y es Mexico el mundo porque su nombre es blasón y es bandera.

La magia de Mexico esta en su arte, que tiene mucho de encanto a través de su historia, cultura impregnada del enorme legado de la madre patria, pareciera estar encendida en luces sevillanas. Porque el arte de México es símbolo y es historia.

Los filósofos han comenzado a mirar a Mexico para un reencuentro y una comprensión total de Oriente en las fuerzas civilizadoras que pugnan en Occidente.

Poeta

Para cantar a vida e para ser poeta,
Compreendendo melhor a grandeza de tudo,
E preciso trazer um sofrimento mudo
Dentro do coração, dentro da alma inquieta.

Ou sentir-se feliz na sua dor secreta;
Por Deus, a Poesia; e por amigo, o estudo.
Por armas ter a pena; o ideal, por escudo;
E um nome de mulher nos lábios de profeta !

Amar e padecer. Pedir um céu aberto,
Trazendo a alma vazia e o coração deserto;
O mundo desejar, e o sol, e o firmamento,

E a glória, e as ilusões, e os astros, e o universo . . .
E, após tanto pedir, só comprazer-lhe um verso,
Uma flor, um sorriso, um gesto, um pensamento.

QUINTILIANO PEDROSO
(Ponta Grossa)

Reencarnação

A pluralidade das existências, já conhecida pelos povos da antiguidade, pregada por Sócrates, meio século antes de Cristo, foi por Este corroborada quando disse : Em verdade, em verdade, vos digo que quem não renascer não pode ver o reino de Deus.

Distinguem-se os indivíduos de maior número de reencarnações pelo seu intelecto desenvolvido e maiores capacidades, qualidades aliás que, muitas vezes se manifestam precocemente, tal como nas chamadas crianças prodígios.

A Reencarnação nivela, desafoga, tôdas as criaturas; desfaz o mito de privilegiados e demonstra a imparcialidade do Criador para com todos os seus filhos assim como explica a razão das desigualdades sociais, as condições de ventura ou infortúnio, colhendo cada um, justamente, o que semeou na presente ou passada existência : amor ou ódio, bondade ou iniquidade, felicidade ou desventura.

Portanto, reencarnação é sinônimo de justiça, caridade e amor, pois, por ela, temos ensejo de reparar nossos erros, sanar nossas faltas e remir nossos pecados, resgatando, ceitil por ceitil, tudo quanto constituiu desliste ou injustiça em qualquer época.

A lembrança de existências passadas em estado latente no nosso subconsciente constitue privilégio de poucos, desconhecido da maioria por bondade do Alto que, por êste meio, nos faculta o convívio mesmo com inimigos de outros tempos para que se cumpra a lei do perdão e do amor.

Reencarnaremos quantas vezes se fizerem necessárias até que se patenteie nossa evolução moral e intelectual conquanto com os habitantes de planos superiores, que já foram o que somos e que atualmente, intuitivamente, nos guiam e inspiram, tomando parte ativa em nossas resoluções, dentro dêsses dois mundos que se integram e interagem : o material e o espiritual.

Dissemos [illegible] que os vícios [illegible] na nossa alma [illegible] através na terra, p[illegible] corrompid[illegible] e injustiça, ignorantes e vingativos, não se reformarão de um momento a outro, nem tão pouco serão promovidos de decadência a anjos já que o progresso, apesar de incontestável, não dá saltos.

Daí a finalidade das vidas sucessivas que são oportunidades de nos desgrimos de nossas imperfeições nos investindo das luminosas roupagens da tolerância e do amor, virtudes imprescindíveis aos que demandam em direção de mundos melhores.

V. B

Botões

BOTÕES — O vocábulo botão, bouton (fr.), button (ing.), knopf (al.) vem do latim **botare**, atirar, deitar, lançar fora, repelir e, tanto serve para denominar o órgão dos vegetais que dão origem às hastes, fôlhas ou flores como para designar pequeno artefato ou peça quase sempre arredondada que se usa como ornato no vestuário ou para o fechar, entrando numa abertura chamada "casa" ou numa aselha ou argola de fita. Segundo consta no precioso livro de Ivan Lins, "A Idade Média", a invenção do botão coincou naquele tempo estrepitosa repulsa ao serem introduzidos botões nas roupas das mulheres, mas ainda nas dos homens. Diz Ivan Lins que era o que distinguia, em fins do Século XII e mesmo do Século XIII, as mulheres e os homens levianos dos de juizo. Para ousar colocar botões num vestido, numa blusa ou num calção, era preciso no conceito vulgar ser absolutamente despudorado. No século XII e na primeira metade do Século XIII, eram as roupas costuradas no corpo ou presas por laços, nunca, porém, abotoadas. Cada vez que um homem ou uma mulher precisava despir-se, a roupa tinha de ser descosida, e novamente costurada ao vestir-se outra vez. Nas caçadas e excursões campestres, as senhoras levavam sempre consigo os apetrechos de costura, a fim de descoserem e coserem novamente as partes do seu vestuário de que podiam ter o desejo de se desfazer, prestando

Ten. Cel. **Arlindo Vianna**

Químico

graciosamente, o mesmo serviço aos homens graves, que não se submetiam à falta de compostura de andar com roupas desprovidas de botões... Tais notas sôbre o conceito dos botões, colheu-as Ivan Lins em Funck Bretano e Langlois por êle citados. Hoje, porém, os botões conquistaram melhor conceito social e são êles produzidos em série nas fábricas de botões.

Para a fabricação de botões passou-se então a utilizar numerosas matérias primas: — chifres, madeiras, ossos, etc. que eram recobertas de tecidos preferidos. A maioria dos botões antigos era de metal dourado ou prateado, raramente estanhado. Os botões destinados a serem recobertos de tecidos em geral são de madeijra ou fabricados com auxílio de um tôrno que os corta e os perfura para permitir a passagem das linhas de coser. Existem botões de um só furo ou de vários furos. O fabrico dêstes exige tôrno especial e ferramentas especiais. Os botões metálicos são fabricados em geral com estanho ou com mistura de estanho e latão. Um anel ou presilha é adaptado aos botões para facilitar a fixação dos mesmos nas peças do vestuário. Obtidos os botões metálicos em latão ou cobre são êles estanhados, dourados ou prateados à vontade e segundo métodos adequados. Podem ser fabricados botões metálicos por estampagem para tal utilizando os metais laminados na espessura desejada. Os botões militares ou aqueles que devem apresentar datas e armaduras em relêvo exigem fabricação especial. Em Montevidéo, Uruguai, a dra. Selva Martinez Garcia, do Laboratório Químico do Arsenal de Guerra da nação amiga, vem se especializando em botões militares. Existem botões parafusos como ainda botões semimetálicos, de pasta cerâmica, e na época atual as massas plásticas e matérias primas sintéticas das mais variadas composições e natureza química são utilizadas para a confecção e fabrico de botões.

Voltemos para concluir ao conceito dos botões na Idade Média. Ivan Lins lembra que "refletindo bem — comenta a êste propósito um autor, — talvez se encontre motivo desta viva repulsa inspirada pelos botões ter sido apresentavam singular comodidade e rapidez para despirmos — que dirémos dos atuais fechos "eclair" ? — e, o diabo sabe com que intenções — e, em seguida, nos vestimos de novo". Hoje, ainda, as intenções podem ser as mais variadas tanto mais que encontramos no comércio de artigos verdadeiras maravilhas da indústria e da técnica modernas que são sem dúvida — a formosura em botão.

O Narcisismo Afrobrasileiro de Antonio Austregésilo

("Tapejara" tem, por diversas vezes, desmascarado certos vultos afrobrasileiros que, dominados por forte narcisismo racial, pretendem, valendo-se de uma falsa ciência, tudo reduzir à sua origem africana. São êles, entre outros: Rodrigues de Carvalho, João Dornas Filho, Antonio Austregésilo, para não mencionarmos os falecidos, como aquele caso de Pedro Américo. Hoje iremos apresentar um fragmento de discurso, proferido pelo Prof. Antonio Austregésilo, há alguns anos atrás e incluido nas suas obras completas. Através da leitura destas linhas, ficará o leitor certo de que não exagerámos, quando dissemos que havia uma frente única de certos narcisistas afrobrasileiros, visando excluir o caboclo ou mameluco de nossa formação nacional. Não lhes ligarfamos importância alguma (tais as sandices que escrevem), não fôra o fato de estarem, os mesmos, sendo citados como autoridades em antropologia pelos cientistas estrangeiros, principalmente norteamericanos).

Eis o fragmento do discurso de Antonio Austregésilo, sendo nossas as palavras entre parênteses:

"Os nossos princípios vieram de elementos étnicos fortes, do bom português, do português, das aventuras quinhentistas e seiscentistas, daqueles que sonharam arrojadamente destender a pequena faixa lusitana até a outra margem do Atlântico, por meio de frágeis barcinhos, e plantaram desde logo, nas duas orlas do grande oceano, o arco-íris da língua portuguesa, na bela metáfora de Antônio Cândido. Segundo as leis de Galton, tivemos excelentes elementos iniciais para a eugenia étnica.

Por outro lado temos o africano (**aqui começa o endeusamento da sua raça**) que nos deu o melhor da energética para a garantia da nossa vitalidade colonial agrícola.

Há quem acuse fundamente o lusitano de ter trazido para a terra de Santa Cruz o sangue de Cam. Foi uma questão fatal do momento colonial do mundo colombiano porque o inglês conduziu o negro para a América do Norte e os espanhóis para a América Central, para as Antilhas. O negro não resume o grande mal do país, e muito lhe devemos. Resistiram (**sic**) com o braço de ferro e o corpo luzente às violências climáticas tropicais; construiram engenhos ao Norte do Brasil, tornaram a gleba fecunda, venceram as violentissimas moléstias tropicais, cuja profilaxia só há menos de 20 anos é conhecida!

Veio a mistura fatal do sangue. A nostalgia do lusitano fôra metamorfoseada em conquistas amorosas às evas de ébano (**e às índias, nos primeiros dois séculos de colonização, Senhor Austregésilo! Quando o negro chegou, a raça já estava constituida**) e o mestiço surgiu fatalmente, com raros elementos aborígenes, predominantes os dêvenas portugueses e africanos, pois o selvícola era fugidiço e desconfiado e pouco a pouco se foi arredando do litoral e internou-se no cerne do país. E assim se constituiu a nação que já nascia gigante".

(**A. Austregésilo considera raros elementos aborígenes os milhões de patricios nossos que têm o cabelo liso e a pele morena. Para êle, que é pernambucano, não existe a Amazônia como não existem os Estados do Ceará, Paraíba, Alagôas, Paraná e outras mais, de forte concentração cabocla. Nem Felipe Camarão e os Albuquerque são dignos de menção. O imenso sertão nordestino, segundo o seu modo de pensar, é o resto de uma imensa senzala!**).

"Destas raças iniciais (**o negro e o branco, vejam bem!** é que brotaram posteriormente os expulsores dos holandeses (**pobre Felipe Camarão!**), os bandeirantes (**Imaginem só: os bandeirantes, que eram mamelucos ou caboclos. Austregésilo inclúi entre os afrobrasileiros. E de causar vergonha a um aluno do curso primário essa falta de conhecimentos...**), os revolucionários de 17, 24, 48, os guerrilheiros dos Farrapos (**agora, é o Rio Grande do Sul que se transforma em senzala**), os autores do Brasil livre porque se tivéssemos sido colonizados por holandeses ou ingleses teríamos ainda o cordão umbilical de modestos escravos das grandes potências européias, seríamos no máximo uma Java ou uma Austrália (**A Austrália, sr. Austrégésilo, é um dos países mais civilizados do mundo!**). A felicidade da América do Sul nasceu dos descobridores Ibéricos".

O negro espalhou o sangue pelo Brasil com grande facilidade e rapidez por ser o elemento mais resistente e mais adaptável ao tropicalismo regional, e os mestiços dominaram logo o cômputo da população; não o mal.

Mas os filhos de Cam deram a hematia de resistência ao novo broto americano (**Sem os mamelucos, nem os negros nem os portugueses teriam posto pé no interior do Brasil. Ainda hoje, é a massa sertaneja do Ceará que desbrava a Amazônia**), porque foi também o oitavo de sangue africano, da moirama, que deu vigor ao ibêro de ontem para poder colonizar as terras americanas, viver nos círculos lenéos de Cânser e Capricórnio e povoar as Antilhas, a América do Sul e o próprio Brasil. Apesar da superabundância — e aí está a confusão — a linfa dos ulóticros fêz-nos bem. Os pessimistas, os esnobes, os iconoclastas, os infelizes da vida, os fidalgotes de dinheiro, menosprezam naturalmente o sangue africano (**certos descendentes de africanos**), como o titular abaronado se envergonha do avô, quando a nobreza dele se originou de proventos pingues, ganho em negociatas e especulações obscuras. Mas, considerai bem, que ou fulgor dos gênios e das obras nacionais, e no carinho melífluo das mães brasileiras há induções magnéticas do sol africano, através dos anos e séculos caldeamentos étnos. O mistiço fraco, o cabra, o fulo, o mulato, o cafuzo (**vejam bem: o caboclo ou mameluco é bolcodo. Antonio Austregésilo deve ter alguma energia pelos descendentes de indígenas. Não será alguma história de capitão de mato ?**) são elementos frágeis que serão diziamados pela tuberculose e acidos pelos mais fortes na luta pela vida; mas êste oitavo de sangue africano que nos ficou para as agressinas do sôro sanguíneo brasileiro (**é o caso de A. Austregésilo**) constituirá a garantia da nossa resistência, fôrça, energia, unidade étnica, fórmula que encontramos no bom cidadão do interior do país (**aqui, no Paraná, não, Professor**), o qual bronzeado e simples pode servir-nos de paradigma à pureza de caráter e à resistência ao trabalho". (V. "Palavras Acadêmicas", páginas 436-438, Obras Completas, de Antônio Austregésilo, tomo IV, Edições Guanabara, 1946).

Prezados leitores: será preciso prosseguir ?

O que nos causa admiração é que esteja um homem de tal paixão racial servindo de oráculo a antropólogos norte-Americanos e europeus. Os grandes vultos do Brasil, como Floriano, Osório, Carlos Gomes, Pedro Américo, Oswaldo Cruz e outros, são apontados como afrobrasileiros, graças à sabedoria do neurologista Antônio Austregésilo !

Um talento ignorado

Por **Ottokar Hanns**, do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Há pessoas que têm propensão para esta ou aquela coisa e não o sabem, ou não acreditam nessa propensão : o meu amigo Joe é um exemplo típico. Nêle, a imaginação se alia ao corpo : ambos são enormes.

Joe tem a imaginação mais fértil que jàmais vi em tôda a minha vida. Se conversar com êle, fica-se, a princípio, estupefato; depois, com o correr da conversa, a gente vai se ambientando e, às vezes, quando surge um chiste, de surpreza, num estilo à Oscar Wilde, a gente ri às bandeiras despregadas.

Joe inventa uma história e a conta num estilo todo seu, cheia de floreios, interessantes e às vezes exóticos. Antes de contá-la, êle descreve os personagens, um a um, mais ou menos assim :

— "Ele-lo sentado, à beira da vida, o homem a quem todo iludiram. Aquela pobre criatura está pensativa, cabisbaixa, desesperada... em que pensa ? na mulher que o desprezou ? no remédio que esqueceu de tomar ?... ninguém sabe, a não ser êle e Deus, que sabe tôdas essas coisas. Além, no meio do deserto poeirento, quase morrendo de sêde, vai um homem de alma rastejante. Caí. A areia lhe entra pelos olhos lacrimosos. Êle não sabe o que fazer do melado consequente. Desmaia. A Lua, prestes a se esconder atrás de uma nuvem, parece uma senhora "snob", de monóculo em riste, que não se atreve a olhar para aquela pobre criatura desmaiada, não se incomoda com a agonia daquêle sêr humano. No cimo de uma duna, surge uma hiena devoradora de carniça, mas ela nem repara no pobre homem desmaiado : a hiena contempla as estrelas... ela tem alma de poeta... para ela, nada existe, além das estrelas que brilham na imensidão negra do Infinito. De repente, algo rompe o silêncio sepulcral do deserto. Um cavaleiro, montado em um corcel fogoso. É Joe, o marujo, herói dos 7 mares, impetuoso varão, que atraz uma carta de amor para o pobre homem sentado à beira da vida, e um cantil de água para aquela pobre criatura desmaiada acolá, no meio do deserto poeirento. Depois de satisfazer àqueles dois pobres diabos, Joe, o marujo, dá de presente à hiena com alma de poeta a "Via Lactea", com a devida permissão do Olavo Bilac. E a plena satisfação, a alegria, tudo volta para aqueles sêres feridos pela tragédia... é o retôrno à vida, graças a Joe, o marujo...".

E assim, êle continua falando, pela noite a dentro. E depois êle me diz que não tem vocação para escritor ! Francamente !... Escreva, Joe, faça como Karl May. Imite-o, Joe... êle também era "só papo" !...

A' Rachel

EM MEMORIA DE LUIZ FERNANDO

Rachel, querida filhinha,
O Amor e encantos meus!
Como é linda a cabecinha,
Hoje, vinda lá dos céus!...

Enquanto, ansioso, esperava,
Sonhando co' o sorrir teu,
Ao Onipotente orava
Por tí, ó anjinho meu!

O encanto de teu rostinho,
Meigo, excelso, angelical,
Faz lembrar teu irmãozinho,

Que, entre nós, pouco viveu,
Pois, p'rá Côrte Divinal
Partiu, logo... não morreu!

12-5-1939.

Helly Espínola

7 DE SETEMBRO

Prof. Egdar Zanoni - Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Tem a palavra, por objetivo, despertar em nosso espírito a formação de uma idéia.

Todavia, existem certos vocábulos que impõem à nossa inteligência, não uma significação apenas, mas um conjunto delas, tal a correlação que apresenta com os nossos ideais, com as nossas aspirações e sentimentos.

Assim é com a palavra LIBERDADE. Um vocábulo sòmente, mas se aquece às vêzes da quentura dos mais soberbos poemas épicos e engalana com o colorido das mais deslumbrantes páginas da literatura.

Ganha êstes matizes através da pena entusiástica e patriótica de poetas e escritores que, para prestigiá-la ou defendê-la, não poupam energias nem sacrifícios.

Recebe aquela quentura, aquele calor, do sangue quente de soldados e heróis que, para torná-la uma realidade, fazendo do patíbulo ou do flagelo, do fuzilamento ou dos campos de batalha, o túmulo de suas vidas.

Por isso, uma palavra assim, tão sublime na essência, não poderia adstringir-se à rigidez inglória da Gramática, mas, sim, assumir primorosidade de formas e riquezas de flexão, de conformidade com o tempera-mento, com a capacidade e a fibra de um povo.

Pronunciada nos discursos ou lida nos poemas ela pouco significa; atingimos a sublimidade de sua fôrça, a grandeza de sua expressão quando, sentindo no peito o desafôgo, gritamos: LIBERDADE! LIBERDADE!

Então, é como si nos viesse à bôca, em atropêlo, a soma de todos os recalques: da miséria e da fome, dos insultos e das injustiças, do desespêro e até mesmo das vinganças; é como si fôsse uma centelha que, partindo de refulgente astro, iluminasse de súbito os nossos corações exaustos e amargurados de uma vida de escravidão.

E quando, em vez do grito de uns, é o clamor de um povo inteiro, que vê a seus pés os grilhões da tirania partidos, ela — a Liberdade — que antes possuia o brilho mortiço de uma esperança distante, transforma-se num símbolo nitescente de paz e glória, porque é um hino de redenção.

Meus caros leitores, foi um grito assim que, no dia 7 de Setembro, no ano de 1.822, primeiramente soltou um punhado de brasileiros, nas margens do riacho Ipiranga.

É que D. Pedro, filho de D. João VI, alteando a voz tanto quanto pôde, conclamou todos os brasileiros para junto de si, com a sentença triunfal: INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

A êsse apêlo respondeu a nação inteira, com o coração, com a alma e com o sangue, — pois o povo estava disposto a pagar o preço que fôsse, para dilatar o peito com o oxigênio da liberdade.

Daquele momento em diante, estávamos emancipados politicamente.

Deixava o Brasil de alimentar, com o seu suor, com o seu trabalho, os faustosos banquetes dos palácios portuguêses, nem tão pouco haveria a coroa lusitana de multiplicar seus fulgores com as pedras preciosas do nosso solo; e ao Atlântico, elemento de separação entre as duas terra, juntar-se-ia a implantação de novas diretrizes políticas e o rumo notável de nossa história.

Entretanto, para que o brado de "Independência ou Morte" ecoasse pelo território brasileiro, preciso foi que homens valorosos trabalhassem incessantemente, e alguns dêles chegassem mesmo a sacrificar a vida: José Bonifácio, o Patriarca da Independência, fêz do seu gabinete de trabalho um altar de civismo, rezando com o seu esfôrço e entusiasmo pela libertação do torrão pátrio; tentar a liberdade, já em 1.792, após duzentos e noventa e dois anos de jugo, era correr o risco do calabouço, do desterro e do patíbulo; mas Tiradentes tentou-a, tombando em seu holocausto, sem conseguir o almejado objetivo; Felipe dos Santos, como Tiradentes, foi também enforcado.

Roubaram a vida a dois heróis, supondo que a morte pelo estrangulamento, e depois a decapitação, e depois o executando esquartejamento, — fôsse contraforte poderoso para impor-se às tempestades que nascem no íntimo de um povo ávido de liberdade.

Mas não se combatem idéias com a violência tu com armas na mão: O sangue pode correr entumescendo a terra, mas a idéia reponta novamente na espessura de outros cérebros, estimuladas pela própria violência. E quanto mais a impiedade, mais ela cresce; quanto mais a bruteza, mais se enraiza no coração dos oprimidos.

Depois, um grito, um grito apenas no meio da turba espesinhada..

Foi assim que caiu a Bastilha, e também foi assim que ruiram muitos ditadores. A História sempre conta o destino dos déspotas e a consequência dos regimes de tirania.

Felizmente, nós conseguimos nossa independência de outro modo — através de um trabalho perseverante e inteligente.

Hoje, todos podemos dizer justo orgulho: Brasil, tu és a minha pátria! Não podíamos dizer antes, porque antes de 7 de Setembro de 1.822 êle ainda não era.

Uma nação escrava não é pátria de ninguém, — é uma vasta penitenciária, onde se vive e se trabalha em função da exigência e mesquinhez de outros povos.

Pátria, pátria no sentido verdadeiro da expressão, é um lar imenso, onde todos se entendem pelo mesmo falar, onde todos vibram através dás mesmas aspirações, onde há um hino que todos amam e uma bandeira que todos respeitam.

Pátria — é a terra na qual todos trabalham, e se esforçam, e lutam, visando o bem-estar das gerações presentes e futuras e a tranquilidade dos dias da velhice. Sim, pátria — é um grande lar, um lar imenso, que tem por paredes as fronteiras com os outros países; que tem por assoalho a extensão tôda de uma ilha ou de um continente; que tem por tecto o céu durante o dia e as fulgurações das estrelas com o chegar da noite.

Isto sim, é pátria... o lar amplificado no dizer de Rui Barbosa.

Meus amigos e colegas, um país que evoluciona é um povo que caminha; que caminha sempre, realizando as suas aspirações e definindo os seus objetivos; que se move com passos largos e firmes pela estrada da vida, nela deixando marcos de ouro que falem da sua história, monumentos que contem de suas decisões e conquistas.

Sete de Setembro é um dos marcos de ouro na existência do Brasil. E para nós não representa êle apenas uma data, — mas um exemplo e um estímulo. Um exemplo e um estímulo, para que continuemos conduzindo o magnífico pavilhão auri-verde com o mesmo carinho dos poetas, que tanto o exaltaram em suas estrofes; com o mesmo amor daqueles que não temeram a morte, para que êle pudesse flutuar sobranceiro no tôpo dos mastros; com a mesma devoção daqueles que fizeram da vida um hino de trabalho pelo seu engrandecimento.

Todavia, uma nação não pode viver sòmente das glórias do passado; tudo aquilo que foi construido e conquistado pertence ao pretérito, merecendo, não há dúvida, respeito, admiração, e principalmente o nosso culto.

Mas é preciso também que, seguindo o exemplo daqueles que viveram antes de nós, ergamos, pelos caminhos onde se fizer a cadência de nossos passos, outros marcos e outros monumentos, para que não haja, na trajetória de progresso do Brasil, uma lacuna ou um hiato, —o que seria a confirmação ou da nossa inépcia ou da nossa incúria.

E para conseguirmos isso não é preciso muito — apenas um pouco de trabalho e um pouco de boa vontade.

Assim, jovens de Ponta-Grossa, não vacilemos jàmais, para manter nossa Pátria no pedestal glorioso em que êle se acha — no pedestal da LIBERDADE.

E cada vez mais burilemos êsse pedestal: com a coragem — para mantê-lo intacto; com o dinamismo — para engrandecer o Brasil, que êle sustenta; e mais ainda, com o caráter — para que êsse pedestal preserve a sua dignidade, e a nossa Pátria se imponha pela inteligência, pelo trabalho e pela honradez.

O Poema da Raça

Por BARROS CASSAL — (Curitiba)

Em tempos que lá vão, por entre a história e a lenda,
Quando a Pátria, ao nascer, falava, em cada senda,
Pela voz do pagé, todo o revide indiano
E a inúbia despertava a intrepidez gentia
— Nessa hora imortal, na América bravia,
O tropel sacudira o solo americano.

Desde o adeus vegetal do leque das palmeiras,
Da água bruta a cantar a ária das corredeiras
Feitas de interjeições tamoias e tapúias;
Desde a verde opressão das matas seculares,
De troncos senhoriais ocultando os cocares,
De seivas maternais protegendo as imbúias;

Tudo — a paca veloz, o gavião, a jurema,
Por tôda a região do Paranapanema
Que tomba em cachoeirões, espumando nas cheias,
Ouviu da horda invasora o estrupido e, fremindo,
Viu do arco do bugre uma flecha partindo
E o grito de vingança ecoar pelas aldeias...

Houve em cada carreiro uma clareira aberta,
Em cada sesmaria uma taba desperta
Clamava, no fragor, a abrir novos carreiros,
Cada estrêla do céu abençôou a bravura,
Um incêndio de luz beijava a selva escura
Para dar ao nativo a boca dos roteiros.

O índio — era o arco, a flecha, o tacape, era a vida
Ampla e forte, a correr, na planície indormida,
Sem Deus alem do sol, sem templo alem da mata,
Tinha nas emoções a piedade bravia,
Era a voz de Tupã que, alem, repercutia,
Pelo verbo infinito, o alcorão da cascata!

Nesse tempo feliz um ninho em cada galho
Cantava a primavera, abençoando o trabalho,
E a fartura da messe ondulando nas eiras,
E fára perfumava a água clara dos rios
E Saci-Pereré, dos socavões sombrios,
Bendizia o oesplendor das novas sementeiras.

Fora ali — esta selva é sim a mesma selva,
É a mesma macier veludosa da relva
E o sol, é o mesmo sol que doira a mesma mata,
Nos mesmos galhos, no alto, os mesmos ninhos cantam,
A mesma bruma, alem, os montes se levantam,
Se escuta a mesma voz pela voz da cascata!

Sim, fôra alí que a guerra ecôou, de taba em taba,
Com a fúria de um tufão que súbito desaba
Em torrente, em caudal, ferindo a terra moça!
É o inimigo que vem para a conquista, o sangue
Há de em pouco jorrar de cada peito exangue,
Em cada aldeia, em cada taba, em cada choça.

Vê-se em cada desvão um cocar que se apruma,
Um peito que se arroja e, aos poucos, se avoluma
A avalanche inimiga, aterradora e brava,
E da planície e do vale à montanha,
Há brados de furor de energia tamanha,
Na gleba que nasceu para não ser escrava.

Não! Que importava a dor, o sacrifício, o luto,
O corpo que se abate, o desespêro bruto
Nessa luta cruel, desoladora e má?
Os santos manitós abriram-lhe rastilhos,
Anhangá dava fôrça às armas de seus filhos,
Velando a intrepidez do forte Guairacá!

Agora, aquí e alem, era o orgulho ferido,
Tomba um bravo na luta, ecoa o sêco ruido
dos tacapes e a voz morre na imprecação...
E pela mata hirsuta a natureza em festa
Rezava a prece amiga ao gênio da floresta
E as flores do aiatí tapetavam o chão.

E quando mais feroz o inimigo castigava,
Quando mais se avoluma a cohorte inimiga
E jazem sôbre o solo heróis no último sono,
Ouve-se a voz fiel que a bravura remoça:
"Avante, meus irmãos, porque esta terra é nossa,
É preciso mostrar que esta terra tem dono!..."

Vem a lenda depois segredar-nos com ânsia
A Glória que ficou perdida na distância,
Mas que chega até nós em apêlo profundo,
É a voz de Guairacá que ainda o invasor ameaça,
A voz que fêz brotar as sementes de um mundo,
Riscando sôbre a terra o esbôço de uma raça.

Ter Mãe

INÉDITO DE LOURIVAL SANTOS LIMA (Ponta Grossa)

Minha mãe! Minha mãe! como te adoro!
Como te quero, nestas horas tristes,
Em que a saudade me consome: eu choro...
Em que a esperança me conforta: existes!

O mundo... o mal. ..a dor... que hoje deploro,
Eu nada temo, porque sei que assistes
À minha vida, que ao bom Deus imploro,
Para ver-te e alegrar teus olhos tristes...

Ter mãe é ser feliz, na própria dor!
Ter mãe é ter um céu, na própria terra!
Ter mãe é ver no ódio o próprio amor!

E se, na morte, alguém feliz viveu,
É porque todo o paraiso encerra
Um carinho da mãe que já morreu...

O Negro e o Sertão

Por Luiz Viana Filho (Sociólogo e Historiador Baiano)

O Sertão não foi hostil ao negro.

A sua organização econômica, no entanto, repeliu o escravo negro. Primeiro associado ao açúcar, depois as minas, e mais tarde às plantações de café, o escravo africano, dentro da economia rudimentar das caatingas e dos campos de criação, foi um elemento deslocado. Para isso concorriam múltiplos fatores. Primeiro o seu alto preço, em desacôrdo com a pobreza das explorações da região. Depois, a própria natureza dos serviços locais, reclamando apenas limitado número de trabalhadores afeitos ao conhecimento geográfico dos taboleiros sem fim, e destinados a uma constante mobilidade no rastro dos animais tresmalhados. Por último, a impossibilidade de uma severa fiscalização, como a que exerciam, nos canaviais e nas minas, os feitores atentos. Tudo conspirava contra o regime da escravidão negra. Caro, ignorando a região, sem despôsto à fuga, o negro não oferecia, no sertão, as mesmas vantagens que êle fizeram o trabalhador indispensável do litoral. Exceptuadas as zonas auríferas e diamantíferas, a cuja exploração se adaptava perfeitamente, não houve para êle um lugar na vida sertaneja. Um ou outro existia, desempenhando funções de criado, ou de lacaio. E quando muito foi um elemento de passagem, transitando pelas estradas do interior como tropeiro ou carregador, ou como parte mínima de alguma bandeira. Nas demais atividades, o precioso colaborador do branco foi o INDIO, e depois, ao se alastrar a miscigenação, o MAMELUCO ou Curiboca. Estes foram os que fizeram o sertão, integrando-se na sua vida, amando-a, e dela tirando os seus hábitos de sobriedade e de energia, distantes do luxo do litoral e ambicionando apenas o domínio de largas áreas de terras, sujeitas ao seu poder de mando incontrastável. A pobreza e o isolamento enriqueciam a fibra do sertanejo. Segregado, desconheceu o que fôsse a sujeição a outra vontade além da sua. Esparso pelas fazendas e sítios de população escassa, e entre os quais se interpunham léguas e léguas de caatinga, ignorou as vaidades da emulação, os desperdícios da ostentação, que exigiam largos lucros, empréstimos, sacrifícios financeiros. Adaptou a sua vida às pequenas margens de ganho. Trocou o fausto pelo prazer do mando.

Desse sertão de economia modesta, de hábitos simples, a região mais característica da Bahia, nos primeiros séculos, foi o S. Francisco. Divorciado do litoral, desconheceu as suas misérias e as suas grandezas. E aí, onde a riqueza não existia, a lei também foi uma simples ficção, que os homens preferiam relegar totalmente. A pobreza era compensada pela liberdade.

Duas fôrças atrairam o homem, fazendo-o desprender-se da praia para alcançar o interior da Bahia, ainda desconhecido — a bandeira e a criação de gado. Em ambas o negro, pode-se dizer, esteve ausente.

Da bandeira, que foi o primeiro condutor de homens brancos para as regiões centrais do país, o negro não participou. Não faz muito que Cassiano Ricardo, contestando Afonso de Taunay e Alfredo Elis, afirmou a presença do negro nas bandeiras paulistas. O poeta paulista poderá ter razão se quiser dar a essa presença um sentido matemático, absolutamente rigoroso. Fora daí, estará em equívoco. Na bandeira, o negro é um elemento imponderável. Se um ou outro participou de alguma das expedições, pouco importa. Jâmais, porém, terá tido a sua contribuição um vulto capaz de a fazer notada no panorama da história. O conquistador português era bastante inteligente para compreender que o negro não tinha as qualidades necessárias para ser, no interior do Brasil, um varador de terras, vencendo obstáculos, transpondo rios, enfrentando perigos e provações, em que o índio já estava perfeitamente aparelhado e com o qual o negro, nesse trabalho, não podia concorrer. Naquele a educação formára um sexto sentido, o sentido da defesa diante de todos os perigos dessas travessias ousadas pelo coração do país. O índio, melhor e mais barato, era o colaborador imprescindível das bandeiras. Nelas o negro, se existiu, foi como parcela mínima, insignificante. A sua presença, ignorada pelos cronistas, não teria sido bastante a marcá-las com a sua côr e os seus hábitos. Terá sido a presença de um elemento falhado, fadado a desaparecer.

Mateus Cardoso, ao chegar à Bahia, em 1690, traz "mais de cem homens brancos com os seus oficiais de que se formou um regimento e grande número de índios mansos, e para aquele efeito". Nenhuma referência ao elemento negro. A bandeira Adôrno tem 150 portuguêses e 400 índios auxiliares. Também Cristóvão de Barros Cardoso leva 150 brancos e mamelucos e . . . 3.000 frecheiros tapuias. Assim são as bandeiras. Brancos, mamelucos e índios são os elementos que as compõem. Nos índios repousa a sua fôrça numérica, a sua eficiência militar maior, não só como estrategas, pelo conhecimento profundo do terreno em que vão lutar, mas também pelas virtudes guerreiras, pela bravura com que se batem. Sem êles a conquista seria impossível no momento em que se realizou. Ao índio, o único elemento a opor eficientemente, é o próprio índio.

Também na criação de gado não prosperou o trabalho do negro escravo. O fato é fácil de explicar. Assentava, principalmente, em razões de ordem econômica. A criação, além de não suportar as despesas exigidas pelo regime escravo, fazia-se fora das vistas dos donos das extensas sesmarias, quase todos êles residentes nas cidades. Adotara-se por isso o sistema fácil da parceria. O vaqueiro não era um assalariado. Era um sócio. Da bezerrama "ferrada" em cada ano, 25% lhe pertencia como remuneração dos seus serviços. Dêle, no entanto, se exigiam duas qualidades imprescindíveis: fidelidade absoluta e domínio completo da região. Eram virtudes que só o tempo poderia criar. Aquela havinha duma moral fortemente arraigada na tradição. Esta se adquiria numa existência tôda ela vivida no rastro do gado perdido no despotismo da caatinga. O negro emigrado da África ou nascido no litoral não se integraria nesse regime. Era antes um sinônimo de colaboração econômica do que de subordinação. E o escravo negro sòmente em organizações de total subordinação poderia compensar o seu alto custo. Escravos negros como que só existiam, pelo menos em número ponderável, nas áreas próximas do mar, nos engenhos, nos currais de tabacos, nas fazendas de farinha. Nas fazendas de criação, mesmo pleiteando um favor régio, ninguém se atreveria a declarar a existência de escravos-negros.

Assim, ressalvadas as manchas das minas, o sertão se formou quase sem a contribuição do negro. Ainda hoje, quem o percorrer, há de notar como apenas dentro do raio de expansão de alguma antiga mina se assinalam os tipos étnicos de caracteres africanos. Fora daí o que domina é uma população clara, a pele tostada pelo sol, muitos de olhos azús, o cabelo liso, os traços finos e livres do exagerado prognatismo dos mestiços descendentes de negro. Euclides da Cunha, que foi o nosso melhor observador do sertão, notou que do forte cruzamento de brancos e índios despontára "uma raça de curibocas puros quase sem mescla de sangue africano".

Tudo isso explica a inexistência do negro no sertão.

Muitas das profundas divergências que distanciam o sertanejo do praieiro devem ter a sua origem no fenômeno étnico, agravado pelo antagonismo econômico. São as diferenças existentes entre o curiboca (isto é, o caboclo ou mameluco) e o mulato. A perseverança e à sobriedade daquele se opunham a volubilidade e a imprevidência dêste. Aquêle é o filho do índio criado numa sociedade pobre. Êste é o descendente do negro, nascido numa sociedade rica. Diferenciam-se pelo sangue e pelas tradições.

Só o tempo poderá fazer que se entendam algum dia.

Guairacá ou 'Esta terra tem dono'

Por Romário Martins — Saudoso Historiador paranaense).

Guairacá (Lobo dos Campos e das Águas) era o cacique intrépido, o defensor forçudo da sua raça e da sua terra, que se extendiam do Paranapanema ao baixo Iguaçú e do vale do Tibagi à margem oriental do Paraná.

As expedições que visavam a conquista dessa imensurável região, da parte dos castelhanos dominadores dos rios da Prata e Paraguai, tôdas tiveram que defrontar o valor guerreiro de GUAIRACÁ com os seus milhares de arcos vencedores.

Sucedeu-o no comando dos povos de cem tribus de outros tantos cacicados, outro guerreiro formidável, — Mbiassá, grande entre os grandes capitães dêsse agitado momento da América selvagem. Mbiassá deu à dilatada região o nome glorioso do herói ameríndio que nela rechassára tôdas as tentativas de domínio estranho, e que, mesmo morto, a influência da sua memória manteve asim, ardente e vivo, o ideal de liberdade nas almas sonhadoras dos guaranás.

E por muitos anos o nome de GUAIRACÁ abreviado para GUAIRA pelos castelhanos e portugueses, foi o da região do seu famoso domínio sem contraste e o nome e a flâmula de guerra da defesa hercúlea.

Como CUAUHTÉMOC no México, ATAUALPA no Perú, CAUPOLICAN no Chile, ante os mesmos adversários, GUAIRACÁ impediu no Brasil que a sua terra e a sua gente fôssem senhoreados pelos conquistadores, recaleando-os para as bandas do mar.

Êle é o exemplo que se levanta, aos primeiros clarões de nossa história, decidido e sublime na defesa da Terra e em pról da Tribu.

Na literatura dos povos vizinhos do país de GUAIRACÁ há referências ao valoroso dominador e defensor das terras meridionais do Brasil margeadas pelo rio Paraná, tendo por centro os campos, as florestas e os rios de Guarapuava, por onde se extendia a fama guerreira do selvagem e bravo capitão.

Assim é que o General D. Diogo de Alvear (RELAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DE MISSÕES, pág 37) diz . . . "yace la gran Provincia del Guaíra, cuyo nombre tomo del Cacique GUAIRACÁ, señor de muchos vasalos y antiguo soberano de aquel territorio" . . .

Montoya, coordenador da língua guaraní, se refere a GUAIRACÁ.

O padre Gay, na sua HISTÓRIA DA REPÚBLICA JESUITA DO PARAGUAI fala dos seus doze povos aliados. Mas antes ainda dos autores citados, o arcediago Centeneira, contemporâneo e confessor das expedições militares levadas ao ocidente paranaense de hoje pelo Capitão Juan de Garay, no seu poema histórico "LA ARGENTINA" imortalizou o nome e o valor de GUAIRACÁ cantando assim a magnificência da terra e o formidável lidador de sua defesa:

Alegre y apacible mui graciosa
La tierra que aqui vimos problada
De frescas arboledas y abundoza
De caza . . .

E relata:

Andaba Guayracá mui valeroso,
Astuto, sábio, artero e mui valiente.
Compuzo una terrible palizada
De aguas e costaneras ajustada
El fuerte fue con mana fabricado:
A los lados con muchos terreones,
Estaba a todas partes resguardado
Con sus trincheras, fossas y bastiones.
Sin duda Sanchiriqui le revelado
A Guayracá el modelo y inveciones.

Os séculos passaram sôbre os grandes dias dos seus grandes feitos. Mas para os que amam a Pátria e a querem livre, GUAIRACÁ deve ser, ainda agora e sempre, o nome e o símbolo das defesas heróicas, a flâmula condutora das grandes resistências, o clarim que conclama a grei solidária para as conquistas da Paz que sòmente se fazem com esforços decididos, incansáveis e superiores como os dele!

Manual de Conversação da Língua Tupí

Com expressiva dedicatória, veio-nos recentemente às mãos o livro cujo título nos serve de epígrafe, escrito pelo nosso distinto consócio do P. E. N. Clube do Brasil e do Grêmio Cultural "Euclides da Cunha", de Ponta Grossa, Dr. Faris Antonio S. Michaele, um dos mais ardorosos indianistas que possui atualmente o Brasil.

Não merecemos, infelizmente, a qualificação, que nos dá generosamente o ilustre consócio, de — "uma das incansáveis penas ao serviço do brasileirismo", isso porque mui pouco temos produzido na seára a que se refere, dado que o melhor do nosso esfôrço publicitário temo-lo aplicado em trabalhos de feição religiosa.

Nutrimos, porém, pelos problemas da nacionalidade, ou mais caracteristicamente, do brasileiríssimo, um enorme simpatia que nasce da convicção de que o nosso maior dever é esforçarmo-nos por manter, em face à compressão cada vez maior do influxo alienígena contrário aos nossos índices etnológicos, o espírito da nacionalidade alegada sempre a êsses índices, a fim de que nos possamos preservar dos males que pesam sôbre a humanidade contemporânea, levando-lhe um constante estímulo de Fraternidade, que é bem lição americana a contrapôr-se ao ferrenho egoísmo dos povos colonizadores. O livro de Faris Michaele traz preciosa contribuição nesse sentido, porque avalia-se melhor a excelência de uma raça, de um povo, de uma nação ou de uma tribo, conhecendo-lhe a expressão do seu pensamento, traduzida na linguagem, na arte, na cultura científica, etc.

O "Nheengatú" ou Tupí Moderno, escreve o autor na Introdução, é o ramo mais setentrional da grande família linguística tupí-guaraní, que se estendia por mais de dois têrços da América do Sul. É falado em tôda a enorme bacia amazônica, constituindo liame natural entre as numerosíssimas tribus indígenas e entre estas e os civilizados, geralmente mestiços das duas raças: a branca e a ameríndia". Depois de outras considerações, informa: "Quanto ao número de pessoas que se servem de ambas as línguas (Nheengatú e Guaraní), podemos considerar como certa a seguinte estimativa: Guaraní: República do Paraguai: um milhão e quinhentas mil; Argentina: um milhão e seiscentas, assim distribuidas: Corrientes, 700.000; Chaco, ... 100.000; Formosa, 80.000; Missiones, 100.000 e Santa Fé

(Cont. na 14ª. página)

Maestra de mis hijas

Maestra de mis hijas, bondadosa y sencilla,
como cuadra a tu esencia, tu obra y tu ternura,
y para completar tan grata maravilla,
derramas a raudales, tu luz y tu ternura...

Maestra de mis ninas, de este tesoro vivo,
hecho voz y hecho carne, que son mis pequenuelas,
por las que he de quedar por siempre redivivo,
para seguir no sé que incógnitas estelas...

Por el amor que mueve el sol y las estrellas,
Dios me obligó a dar forma viviente a etos dos seres,
y tú, en labor tan única, haz inculcado en ellas,
el verbo y el ejemplo del bien que les confieres...

Si mi misión fué instinto o promesa cumplida,
la tuya, por lo pura, fué Arte, y, a más fué Ciencia,
que al misterio sagrado de la ninez dió vida,
y a su alma en embrión le infundió una conciencia!...

Fué primero el candor de los primeros pasos,
el deletrear a tientas de la letra primera,
que es alfa en todo idioma, y se abre como brazos,
irguiendo hacia la luz su orgullo de bandera!...

Luego el asombro mudo, la comprensión temprana,
la mente que se abre como un surco sediento,
y el triunfo de ver, cómo, en una manana,
a la razón se eleva, fecundo, el pensamiento!...

Por que fui nino, y, supe, comprender el esfuerzo
de la primer maestra de mi ninez doliente,
quiero dejar aquí, en este humilde verso,
la gratitud profunda de mi alma y de mi mente!...

Y, en la emoción, que sangra en mí como una herida,
por que la maestra buena de mis pequenas fuiste,
los versos que te digo te elijen preferida,
y, en el nombre de todo buen padre aquí presente,
te dan gracias, senora, por todo lo que hiciste!...

Montevideo.

Adilio VERDECANNA

Casa do Poeta

Raymundo Maranhão Ayres (Mato Grosso)

Fundada há algum tempo na Capital bandeirante e inspirada nos mais belos motivos para desenvolver-se e expandir-se, a CASA DO POETA que desde a sua organização contou sempre com o dinamismo de Colombina e a colaboração eficiente de Sudra Vana, está fadada a ser uma realidade perene se para tanto puder contar com o auxílio e apôio de todos os intelectuais patrícios.

Observa-se entrementes que essa encantadora instituição em tão boa hora criada em São Paulo, prometendo executar um programa de alta relevância, não tem encontrado os estímulos que necessita. E não sòmente isso, nem também a cooperação franca, valiosa e expressiva, capaz de lhe oferecer subsistência constante e crescente.

Esposando finalidades tão altruísticas, como sejam "tornar conhecidos os poetas e escritores que não encontram apôio da imprensa; auxilia-los a publicarem seus livros, quando assim o merecerem e em casos de doença, concorrer para a sua cura, com os meios que estiverem ao alcance da associação, a CASA DO POETA além do apôio simples e dos aplausos gerais, não recebeu ainda o verdadeiro auxílio que carece para viver. Faltam-lhe recursos. Faltam-lhe meios econômicos com que cumprir o seu programa. Falta enfim o decidido apôio monetário dos seus associados ou mesmo daqueles que apreciam e exaltam as grandes iniciativas, para que ela se transforme inegàvelmente na entidade que foi projetada e idealizada.

É uma obra de alta ressonância espiritual e também de elevado alcance social. Obra meritória que até agora só tem tido verdadeiramente o esfôrço gigantesco de sua idealizadora — Colombina, auxiliada pela poetisa Sudra Vana. E num país de poetas e intelectuais, é justo a cooperação de todos, a contribuição dos que desejam o engrandecimento dessa instituição fadada a prestar tão marcantes benefícios à classe intelectual e especialmente a dos novos, dos que se iniciam, dos que aspiram triunfos e aguardam a repercussão do que produzem, do que escrevem...

Instalada na terra da garôa, funcionando no salão nobre do jornal "Fanfulla", possuindo já uma equipe valorosa de artistas e intelectuais de realce na, panorama nacional, a CASA DO POETA se for melhor compreendida, melhor aquinhoada com o que lhe falta, terá amplo desenvolvimento e triunfará cedo, porque as suas bases são magníficas, admiráveis!...

Poetas de São Paulo, Poetas do Brasil, estejais alertas e convencidos: a CASA DO POETA fundada por Colombina, essa poetisa vibrante, notável, vitoriosa, é a vossa casa. Nele cabem todos os que buscam no ideal, realizar o ideal da própria vida espiritual...

Emprestai a vossa colaboração valiosa à essa agremiação e estais concorrendo para o benefício da classe, para o vigor de uma sociedade que só visa o bem comum, a fraternidade espiritual...

O endereço da **Casa do Poeta** é — Rua Brigadeiro Tobias — 55 — Apto. 66 — enviando à sua Presidente Colombina — São Paulo — Capital — Estado de São Paulo.

Emile Schaub-Koch y su obra sobre Constancio C. Vigil

El Dr. Emile Schaub-Koch, fecundísimo escritor suizo y uno de los más altos espíritus críticos de la ilustre Europa, acaba de publicar un amplio y extraordinario estudio, acerca de nuestro gran pensador, señor Constancio C. Vigil y de su valiosa y trascendentalísima labor espiritual, redentora y americanista.

El libro, que se intitula "Constancio C. Vigil y su obra", ha sido traducido al castellano y publicado, no ha mucho, en Buenos Aires, bajo los aupicios del "Comité Cultural Argentino".

Se trata de un trabajo que refleja mucho honor sobre los hombres de letras hispaoamericanos. No es muy frecuente, por lo demás, que los hombres de pensamiento del viejo continente, dediquen sus energías y sus talentos, a ensalzar las virtudes formales y de fondo, de los grandes escritores sudamericanos.

El Profesor Schaub-Koch, analiza y enfoca la labor de Vigil, bajo múltiples aspectos, con una erudición, minuciosidad, fervor y elocuencia, que dicen, bien a las claras, de la eficaz hondura con que nuestro compatriota ha sabido llegar al corazón y al espíritu de quienes lo leen y, en este caso concreto, al espíritu y al corazón, de tan grave y entusiasta comentador.

Admira el senor Schaub-Koch, el espíritu ordenado, enérgico, disciplinado, de Vigil, austero maestro latinoamericano, cuyos trabajos, concisos, densos, serenos, no revelan todas las características psicológicas del hombre latino, que, en general, es un incansable conversador, carente de densidad en las ideas y sin un severo ordenamiento o trabazón lógica, en su precipitado y ligero discurrir.

Uno de los aspectos más interesantes que el sabio investigador, hace resaltar en la obra de nuestro gran moralista y extraordinario "adiestrador de hombres", es su confianza y su fe, en el valor y significación de la reforma individual, que conduce, insensiblemente, al progreso, a la redención y al perfeccionamiento moral de la sociedad; cumpliéndose así, de manera admirable, el proceso que implica "la ley de los cambios sociales auténticos y profundos".

Encontramos en la obra objeto de este comentario, una curiosa particularidad del senor Schaub-Koch: siendo europeo, se nos aparece como un americanista entusiasta y como un conocedor, a fondo, de nuestros más graves y urgentes problemas políticos y sociales. Por otra parte, él, como tantos otros altos y agudos espíritus del orbe, funda toda su esperanza de redención moral de la humanidad, en la América acogedora y libre; crisol de razas: pero también, fermento poderoso de ideas nobles y renovadoras.

El escritor observa que la antorcha de la civilización occidental, parece haberse detenido y refugiado en América. Y, en seguida, establecieendo un parangón, entre Espana y la América por ella conquistada, afirma que, "esa es la causa (el ser este continente una especie de activo y fecundo vivero de las ideas) de la admirable y pujante producción intelectual de los países latinos del Nuevo Mundo, cuya posición y papel hemos fijado — concluye — muy por encima de la tradición hispánica". Y, al echar una mirada sobre el panorama mundial actual, en el que, aparentemente, predomina la decisión de las multitudes, el senor Schaub-Koch hace observaciones admirables, reales, verídicas y sinceras. "Las masas — dice — se dejan enganar, y quienes las arrastran caprichosamente — incluso sobre montones de cadáveres — no lo hacen para darles la libertad, si no para someterlas a la tiranía de un feudalismo burocrático". Observa, por otra parte, el cultísimo escritor suizo, que no obstante ser el pensamiento de Vigil, universal, su individualidad, lleva implícitos los rasgos característicos propios de nuestra joven, acogedora y promisoria América. "Los pensadores americanos — expresa — son los más libres del mundo, pues aún en los que son adversarios, se notan ocultas y profundas solidaridades".

A grandes rasgos, hemos hecho alusión al libro, por muchos conceptos valioso, del reputado crítico y pensador europeo, con el afán desinteresado y noble, que despierta siempre, en nosotros — ávidos de cultura y de conocimientos — la presencia vivaz de la obra de los privilegiados del intelecto.

Carmelo R. Hernándes (Uruguai)

A Alma do Outro Mundo

Arnaldo H. Cruz (Argentino)

Costumava passar minhas férias em casa de certos parentes que moravam numa cidade, perto de Buenos Aires.

Habitavam êles um enorme casarão que tinha fama de albergar "almas do outro mundo". Em nenhuma de minhas estadas anteriores, havia notado nada que fôsse anormal, exceto a fantasia da gente, que relatava contos terroríficos de fatos ocorridos dentro da casa.

Geralmente, não permitia que as sombras da noite me surpreendessem fora, daí o procurar estar de volta, cedo, de meus passeios. Êsse dia, eu me havia entretido mais que comumente com meus amigos, que me fizeram notar êste fato, perguntando-me se não sentia medo de regressar tão tarde. Isso foi o suficente para me recordar o imaginário perigo que me espreitava, e, um tanto temeroso, apressei meu regresso. Entrei na casa sem nenhuma novidade digna de menção e, logo, após o jantar, fui deitar-me. Meu apartamento se encontrava separado dos restantes por um amplo corredor.

Cansado de ler, apaguei a luz e tratei de conciliar o sono. Entanto, um estranho desassossego se havia apoderado de mim, incitando-me a amplificar os menores ruidos que chegavam ao aposento. A isso se somava a lembrança dos relatos pouco amáveis que se faziam na casa. Tudo isso se unia para aumentar minha nervosidade e o medo que de mim se estava apoderando. Êsse o meu estado de ânimo, quando ouví que o balde, que se encontrava no bocal do poço, caira estrepitosamente. Um estranho frio me invadiu a coluna vertebral; tratei de tranquilizar-me e, pondo-me em brios, pensei que o causante havia sido o vento. Procurei novamente dormir, porém, o sono se mostrava esquivo. Morfeu fugia de meu chamado, zombando de minhas súplicas. A tensão nervosa que suportava era enorme, quando, de pronto, ouví ruidos dentro de um guarda-roupa. O esfôrço que realizei para não romper em gritos, foi realmente grande, ficando o mais quieto possível. Até a respiração havia cortado, quando senti um descomunal ruido produzido por alguém que arrastava correntes no corredor. Aquilo ultrapassava o que humanamente se podia suportar; sem poder conter-me, saltei da cama como impelido por u'a mola e saí correndo até onde descansavam os meus parentes.

Em minha louca carreira e para aumentar o espanto, dei de frente com um vulto que se movia. Meu couro cabeludo sofreu uma comoção como se tivesse recebido uma descarga elétrica, pondo-me os cabelos em pé. Ao chegar ao ponto que havia tomado por meta, depois de transcorrido longo tempo para serenar-me, vim a saber, por intermédio de meus parentes, o que realmente havia acontecido. O balde havia caido por causa do vento, o ruido do guarda-roupa era produzido por camondongos, o cachorro era autor do arrastamento de correntes e o vulto que se me deparou era um parente que se havia levantado para amarrar o cão.

Êste episódio me ensinou a não crer em coisas sobrenaturais.

O Homem e a Palmeira

(VIDAS PARALELAS)

Por **Itélio Chaves** (Petrópolis)

A Palmeira, gênio e esteta,
leva tempo pra crescer;
Assim cresce a vida reta,
leva tempo a aparecer!

"Gnothi seauton".

Auto-crítica faz falta
a quem nalma não tem olhos.
Oh! engano! a gente incauta
bem os tem, mas com antolhos.

Deus fêz a mulher surgir
de uma costela de Adão;
Eva quis retribuir,
dando ao homem coração!

Quer muita gente, sem tino,
flutuar, na vida, só;
esquece que igual destino,
muitas vezes, tem o pó!

Minha Infância

(Ao Dr. Faris A. S. Michaele)

Oh! que saudades infindas
Do tempo que longe vai!...
De minha mãe carinhosa
E do bondoso papai,
Êle era um bravo gaúcho
Criado ao sol das campanhas,
Que me contava façanhas
Da Guerra do Paraguai.

Naquelas manhãs doiradas,
Meu bom pai me conduzia
Através da pradaria,
Indo até o Caracará,
Voltando por Uvaranas.
Eu ia ao colo, montado
No seu cavalo tostado,
Que se chamava Pachá.

Da cidade em que nasci,
Conhecia os arredores
Melhor que os agrimensores,
Que o prefeito e os tabeliães.
O Prado — é dos italianos;
O Pelado — da russada;
A Rouda — da polaceda;
As Orfãs — dos alemães.

Havia um Bairro Chinês,
Puramente brasileiro;
Corrientes — rincão negreiro,
E o foco dos valentões.
Na baixada, se estendiam
As Oficinas ativas
Forjando locomotivas,
Tôda a espécie de vagões.

A nossa casa era enorme,
Tinha belos arvoredos,
Prestava-se a mil folguedos
Com meus gratos amiguinhos.
Mal a aurora despontava,
Para o quintal eu corria
A ver se arapuca havia
Apanhado passarinhos.

Meu pai, indo à porta dos fundos,
Enviava ao sol nascente esta oração:
— Salve! lindo sol rei dos mundos,
Soberano da criação
De Deus! Dê-me uma longa existência
Gozando a luz dos raios teus.
E, afastando a vista dos ceus,
Abençoava-me com a mão.

Minha mãe era tão boa
Que previa meus desejos,
E me cobria de beijos
Quando eu regressava ao lar.
Sempre me dava algum mimo,
Belo doce ou linda fruta,
E roupa asseada e enxuta
Para depressa trocar.

Passava os dias trepado
Nos arvoredos frondosos,
Comendo frutos gostosos,
Ouvindo alados cantores;
Ou me embalava na rede,
À sombra dos jasmineiros,
Mirando os vernais canteiros
E as roseiras multicores.

Tinha um circo em nossa casa,
Onde eu fazia de tudo:
Desde o mistér de "peludo"
Ao de empresário e histrião;
E mais outros passatempos
De encantar a petizada:
Balanças, gangôrra e escada
Prá ir brincar no sotão.

Na subida do rio Verde,
Montando égua lampeira,
Disputei muita carreira
Com os lerdos trens de carga
E com o Expresso paulista,
Passei por tanta aventura,
Que dariam contextura
A uma novela bem larga.

Como era belo êsse tempo!
— Não só por ser minha infância —
Havia tanta abundância
De manjares deliciosos!...
Trinta carros alegóricos,
No Carnaval deslumbrante,
C'roavam a vida brilhante
Daqueles tempos difosos.

Ribas Silveira
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

VELEIRO

Entre os livros de 1950, publicados por intelectuais do País das Araucárias, figura, com brilho atraente, a coletânea de rimas rotulada "Veleiro", magnificamente apresentada, estampada em ótimo papel e envolvida em evocativa capa ilustrada a côres. Engalana o volume um prefácio magistral, que seria supérfluo enaltecer, havendo saído da pena adamantina de Júlio Dantas.

É responsável pela autoria dos versos dona Lisette Villar de Lucena Tacla, poetisa estreante e que nas composições coligidas em "Valeiro" estadeia qualidades estimáveis, que, desenvolvidas e acendradas com o estudo e o decorrer do tempo, virão a assegurar-lhe no Parnaso feminino paranaense um lugar de relêvo incontestável e renome perene entre os nossos tangedores de lira.

De regra, preferimos, ao contrário da crítica tradicional francesa, saborear a analisar as lucubrações dos poetas. Assim, diremos chãmente, sem mais delongas, que nos satisfizeram as peças rimadas de dona Lisette, não como produtos de um gênio poético, mas como filhas de vivaz intelecto, de espírito jovem e, por vezes, inspirado.

Assume ela, em certos passos do livro, atitude de apologista do racionalismo, como na quadrinha da pág. 50:

Êste amor que a gente cria
A clara luz da Razão,
Não é como a Fantasia:
Tem eterna duração.

Ou no soneto intitulado "Luz", à qual se dirige:

Mas quando mais te admiro e te venero,
É quando brilhas, diáfana e divina,
No horizonte imutável da Razão!

E é por isso que em "Visão", apesar de crente, o seu espírito, dubitativo e desnorteado em certas horas, interroga a superna "Luz que lhe ilumina o trilhar terreno":

E de que essência és feita? De onde vieste?
Nesta ânsia desmedida de encontrar-te,
O olhar esqueço na amplidão celeste!

E, então, entra a devanear possivelmente, extasiada ante a beleza maravilhosa do Cosmos. E já outra se manifesta, porque o lirismo lhe explui sincero, como "a revelação inconsciente do que de mais íntimo e essencial existe na sua alma", para usar expressão de João Gaspar Simões. Reconhecendo que, "no mundo ingrato e falso, onde só se vislumbram ambições", há o supremo refrigério do Sonho, endeusa, como sacerdotiza da Poesia excelsa, "o mago fascínio" da Quimera,

"a centelha de oiro da ilusão,
Que à vida empresta um suave encantamento..."

Desta sorte, dona Lisette não só filosofa, como, em várias páginas de "Veleiro", também demonstra sentir, e sentir, por vezes, com intensidade. É exemplo do primeiro caso o belo soneto

VIDA

Centelha augusta do poder divino!
Fonte de todo o bem, de todo o mal:
Ês sempre a Eterna Esfinge do destino,
Desafiando a argúcia universal!

Vida!... fardo mais leve do peregrino,
Se a anima um nobre anseio, um grande ideal!
Ao teu mistério intérmino me inclino,
Vislumbrando, no efêmero, o imortal!

Vida!... que és para o aflito vil tormento,
E para o mau vingança e perdição;
Para o descrente és sempre um só lamento,

Para o estóico, renúncia e abnegação;
Que não poupas ao justo o sofrimento,
Porque sendo Calvário, és Redenção!

E no segundo caso estão as sugestivas trovas que citamos a seguir:

Canta! O viver é tão pouco
Para as venturas que tem!
De cantar, fica-se rouco,
Mas não faz mal a ninguém.

A canção, alegre ou triste,
Tem um estranho poder:
Desfarça a mágua que existe,
E o acerbo mal de viver!

Olhos que amo nesta vida,
Olhos, que moram nos meus;
Quem me dera, embevecida,
Que morasse eu, só, nos teus!

Saudade — bem que tortura!
Saudade — mal que consola!
Contigo, não há ventura...
Sem ti, todo o amor se estiola.

Esta dor que a gente sente,
Sem a saber traduzir,
É como o tempo presente:
Tem passado e tem porvir.

Trago encerrados no peito
Dois corações desiguais:
Quando um canta, satisfeito,
O outro chora ainda mais!

Não temas que amor se ausente,
Quando é sincera amizade:
Estará sempre presente
Na tua eterna saudade!

Quem diz ter de amor vivido
E torturas não sofreu,
Deve estar bem iludido,
Pois nunca amou, nem viveu!

Os poetas e a desventura
Trilham caminhos iguais.
Desde o bêrço à sepultura,
Cada vez se acercam mais.

Quando fito a Humanidade,
Que angústia eu sinto, meu Deus!
Tanto egoísmo e falsidade,
E se dizem filhos teus!

Cantigas, embora tristes,
Têm magia singular!
Julgais que é canto o que ouvistes?
É outro modo de chorar.

Dor sutil que a gente sente,
Sem saber de onde ela vem,
Mas que está sempre presente,
Se estamos longe de Alguém.

Não há sorriso expressivo
Como o que encobre uma dor...
Efeito decorativo:
Sôbre o túmulo uma flor.

Em pequena e graciosa poesia a cantora de "Veleiro" celebra o rincão idolatrado em que veio ao mundo:

CURITIBA

A cidade onde eu nasci
É uma menina faceira.
O seu nome guaranî
A torna mais feiticeira!

Fico a olhá-la, embevecida,
Se a geada estende um lençol.
E mais a quero florida,
Tôda vestida de sol!

Sabendo, à semelhança de ágil malabarista, jogar com as suas imagens, não destituídas da lógica, nem da sintaxe indispensáveis, possuidora de lastro de boas leituras, aplicando-se ao manuseio dos poetas prediletos, talvez em mór número portugueses, dona Lisette pode aspirar a um futuro auspicioso como cultora da arte poética, pois desde já consegue estilizar a sua vida psicológica, exteriorizando-a fielmente, anelo precípuo de todo verdadeiro lirista.

Rodrigo Junior

Principios Gerais do Direito Constitucional Moderno

MARIO LINS

A Faculdade de Direito do Recife era por volta de 1882, quando Tobias Barreto conseguiu atravessar — seus umbrais, após memorável concurso, um centro rotineiro onde vinham sendo ensinadas velhas noções de direito já inadequadas para a época.

Eis que, agigantando-se nesse meio, numa expansão de sua invulgar capacidade para captar as tendências mais avançadas no pensamento filosófico e jurídico do seu tempo, surgiu Tobias que lançou, com o seu talento criador, os princípios fundamentais da famosa "Escola do Recife".

Sôbre êsse movimento pôde Clovis, na sua "História da Faculdade de Direito do Recife", observar que foi "de ação poderosa no momento de sua maior efervescência, e que deixou impressão inapagável na evolução mental do Brasil".

O ensino do direito estava até então, de modo geral, impregnado do velho dogmatismo metafísico, que vinha na Faculdade sendo transmitido, sem que se tivessem em conta os avanços que haviam sido já feitos em outros centros de estudo. Lutando contra êsse ambiente retrógado foi que Tobias, após derrubar o "velho edifício da metafísica jurídica", erigiu com após dos seus discípulos a "Escola" que, ligada ao, seu nome, passaria indestrutível à história da Faculdade.

Êsse espírito de renovação vem, ao que parece, renascendo agora, através de uma nova fase, sob o impulso fecundo de um dos maiores talentos que já teve em seu seio a velha Faculdade. Refiro-me ao Prof. Pinto Ferreira que, em concurso considerado dos mais brilhantes na história da Faculdade, recentemente conquistou com distinção a cátedra de Direito Constitucional, onde está fazendo germinar as sementes de uma nova escola.

No discurso proferido na solenidade de sua posse na referida cátedra, aludindo ao movimento de renovação que vem surgindo, teve oportunidade de salientar, ao definir as suas bases: "Essa agitação social e ideológica tem, no entanto, as suas finas ligações afetivas com o espírito da Escola do Recife, liderada por Tobias Barreto... O gênio tutelar do grande mestre se encontra redivivo, deixando retatar o fio histórico do passado com o presente, para arquiteturar os lineamentos estruturais de uma **Nova Escola do Recife**, baseada na interpretação científica e filosófica da realidade, necessária à transformação da história..."

Consubstanciando essa renovação acaba o Prof. Pinto Ferreira de publicar os "PRINCÍPIOS GERAIS DO DIREITO CONSTITUCIONAL MODERNO" (José Konfino — Editor — Rio de Janeiro, 1951), 2ª edição, ampliada em dois volumes, de sua tese de concurso, onde, através de sua notável erudição, temos expostas as linhas básicas do seu pensamento filosófico-jurídico.

As bases gerais das idéias filosóficas do Prof. Pinto Ferreira assentam-se nos novos rumos traçados pela filosofia científica contemporânea, com Haldane, Frank, Reichenbach, Carnap, Alexander, Korzybski, de que resultaram as tendências atuais do monismo, do evolucionismo e do determinismo probabilitário. Os lineamentos dêsse arcabouço básico refletem-se em tôda a estrutura geral de sua obra, adaptando-se aos vários setores específicos em que se têm diferenciado as suas brilhantes atividades intelectuais.

Alicerçado dentro dessa orientação, pôde o Prof. Pinto Ferreira estruturar a sistemática do Direito Constitucional Moderno, após fazer a análise crítica das várias teorias que contribuiram para a sua fase atual. Depois de apontar as diversas conceituações existentes sôbre o direito constitucional, que são criticadas por não atenderem a um critério objetivo, define êsse direito como sendo a "ciência positiva das constituições". Dêsse modo, o seu material de pesquisa é fornecido pelas constituições estatais, que variam em seu conteúdo histórico no espaço e no tempo, sem que todavia se torne impossível, através dessa variação, induzir os princípios gerais e as fórmulas básicas que presidem à regulação técnica do regime constitucional.

É adotada, então, uma concepção dialética, que procura integrar a **multiplicidade una** das instituições econômicas, jurídicas, políticas e sociais **na unidade múltipla** da lei fundamental do Estado".

No que concerne ao famoso debate entre os puros formalistas do direito e os que lhe procuram dar um conteúdo histórico-social, rejeita o Professor Pinto Ferreira o logicismo de Kelsen. Em verdade, o puro formalismo não pode ser aceito na conceituação do direito, do mesmo modo que um puro historicismo não lhe daria uma base conceitual adequada. Isso porque tôda ciência necessita por alguma vía de formalizar a realidade para dela extraír as constantes com que passa a operar.

Se, portanto, por um lado um puro formalismo daria uma ciência jurídica operando numa abstração da realidade, por outro lado uma pura concretização histórico-social deixaria essa ciência sem sistematização teórica, como tal meramente empírica. O problema é então, "formalizar" o conteúdo e "conteudizar" a forma, através de uma síntese construtiva, onde nem sejam desprezados os aspectos formais, imprescindíveis à construção teórica, nem tão pouco relegada à base concreto-empírica, da qual são extraídos os princípios formais.

O Prof. Pinto Ferreira presentíu êsse aspecto integrativo ao salientar, na sua crítica a Kelsen, que o direito constitucional é uma ciência jurídica sistemática, tendo não só uma base normativa (formal), como também um conteúdo sociológico (histórico-social).

Partindo dêsse presuposto, êle procura analisar os grandes princípios que o direito constitucional induz da realidade histórico-social, os quais servem de base à estruturação do Estado. Esses princípios são analisados como sendo:

a) — O princípio da legalidade constitucional, através do qual se assegura a supremacia da constituição, lei básica a que tôdas as demais se subordinam.

b) — O princípio democrático, pelo qual ao lado da forma constitucional do govêrno da maioria, se assegura às minorias no parlamento o direito de representação, fiscalização e crítica, sôbre a base da liberdade e igualdade.

c) — Oprincípio da liberdade, que se expressa através da garantia constitucional quanto ao livre exercício dos direitos fundamentais do homem.

d) — O princípio do socialismo, pelo qual se procura manter não apenas uma igualdade perante a lei, mas, também, uma igualdade de participação nos bens essenciais da vida.

e) — O princípio do federalismo, pelo qual, embora se atribua à União a supremacia sôbre os Estados-membros, a êstes se assegura uma relativa autonomia constitucional perante a mesma União, através de uma repartição de competências.

Esses princípios básicos são amplamente desenvolvidos pelo Prof. Pinto Ferreira nos dois volumes de sua obra, onde tem oportunidade de dar-nos uma das mais completas sistematizações já tentadas sôbre o assunto. Pela riqueza do estilo, bem como pela prodigalidade nas citações, quer no texto, quer em notas e pelo aspecto crítico que, não obstante a exposição histórico - doutrinária, fica subjacente em tôda a obra, esta se torna de leitura um tanto difícil para os que não possuam o domínio da técnica do direito público moderno.

Isso, todavia, não me parece próprìamente um defeito, pois, não obstante os pequenos senões que nela se possam apontar, é através de obras dessa natureza que a ciência avança. Êsse avanço pressupõe, em primeiro lugar, uma tomada de posição em face do que já foi conseguido, para sôbre êsse reduto lançar-se a crítica construtiva, da qual surgirão as novas etapas evolutivas.

Ao lado das obras mèramente didáticas, que se limitam a uma simples exposição do que já se fêz, necessário se tornam as obras de construção crítica para que se opere a adequação da nossa estrutura conceitual à realidade dos novos fatos.

A obra do Prof. Pinto Ferreira constitue, dêsse modo, uma indicação de que como na tradicional Faculdade de Direito do Recife, um ambiente propício aos debates das novas idéias, o qual, pela sua possível influência sôbre a mocidade, poderá trazer um espírito de renovação, de que resulte uma nova e brilhante fase na vida da Faculdade.

Iracema

Quieta, distante, a lua se levanta.
Vem Iracema a flor dos Tabajaras —
ao moço branco. No seu corpo canta
a sedução de tôdas as Uiaras.

Na floresta há murmúrios de águas claras
e, embriagados de magia tanta,
sorvem do amor as lindas gotas raras,
o prisioneiro e a virgem que o encanta.

Na tremura do corpo da vestal,
atingido das flexas de Rudá —
grita a angústia do amor o hino triunfal.

E rompido o tabú, como um elo qualquer,
sonha Iracema, ao canto alegre do sabiá,
seu crime de vestal e glória de mulher!

LACYR SCHETTINO

Barra Mansa, 6-8-1951.

Renato Descartes

Por **Armando Alonso Pinero** — (De la Academia de Roma)

Al revolucionar la filosofía con las hasta ese entonces desconocidas leyes cartesianas, Renato Descartes sentó nuevas bases para una filosofía pragmática con miras esencialmente racionales. Su frase célebre — "cogito ergo sum" — constituyó el primer pilar de esa combatida teoría que quebró todos los basamentos de lá antigua estructura filosófica, y marcó nuevos rumbos por la sagrada senda del saber, atentando contra las más elementales leyes que predominaban en aquel entonces.

"Pienso, luego soy, existo", es la explicación somera más admirable del álgido problema existencialista. Se dice que de Descartes partió el existencialismo; yo diría, mas bien, que con Descartes, murió la palanca del existencialismo.

El genial francés no negó a Dios; dudó de él, dudó de su existencia; todo su método es una duda constante. Y por la duda, alcanzó la verdad; el el producto de la duda llegaba a ser tan positivo, que no podía concebirse la dudabilidad de la duda. En ello estaba resumida la genialidad del método, de la severa disciplina filosófica cartesiana, ferozmente combatida por el socrático y el jesuita.

Lo que justamente se ve con poca simpatía, es la natural tendencia del célebre matemático al negarse a discutir ni tocar las teorías religiosas, confesando él mismo que si investigaba tal cosa, intuía que iba a quedar malparada, por la acción de la filosofía independiente; esto es, que por el análisis conciencudo y severo, se llegaría al conocimiento de ciertas verdades religiosas, que podrían producir revuelos indeseables.

Difícilmente puedo concebir esa cobardía de Descartes ante tan árido problema filosófico. No es aceptable su excusa a este respecto.

Pero ni tal contradicción en la fecunda mente del francés, ni ciertas fallas en el Método, quitan su inmensa genialidad de notable pensador y consumado filósofo.

Veamos lo que, con respecto a su concepción, novísima en su estructura por esos tiempos, colocaba en boca de Eudoxio: — "Cuanto error observamos en las ciencias proviene de la rapidez con que admitimos por principios algunas cosas obscuras, de la que no es posible tengamos un conocimiento claro y preciso."

Y luego, su pregunta fundamental, pilar del método cartesiano:

"En qué forma hallar verdades tan seguras como la de nuestra existencia ?"

El mismo nos otorga la respuesta:

"Todo el secreto estriba en dar comienzo por las primeras y más sencillas, yendo poco a poco y por grados hasta alcanzar las más alejadas y complicadas. Hay alguien que dude que cuanto yo expuse como principio, es lo primero que podemos llegar a conocer cierto método ? No podemos dudar de tal principio — he aquí como Descartes llegaba a la positivez del producto de la duda — a no ser que también dudemos de cuanto contiene el universo."

Renato Descartes se ha perfilado siempre como uno de los más grandes pensadores; el fundador de la filosofía moderna descolló también en las Ciencias Exactas, demostrando la fidelidad de las Matemáticas, exactitud que, nos dice uno de sus críticos, "hubiera demostrado prácticamente el notable sabio Galileo Galilei".

Cabe puntualizar que Galileo, habiendo encontrado el centro de gravedad, demostrado el isocronismo del péndulo y correspondiéndole el honor de ser el constructor del sistema solar, jamás se preocupó de la organización de su ímproba tarea.

Es pues, a Descartes a quien le pertenece la gloria de haber dado la denominación de Exactas a las Matemáticas.

(Buenos Aires).

Introspecção

PAULINO SANTIAGO

Eu... sonho, inquietação, cuidados, cisma,
A dor de uma quimera inatingida,
Um coração pulsando de desejos...
E,em contraste com uma alma que se abisma
Nu violáceo crepúsculo da vida,
— Lábios frementes a pedirem beijos.

— A tortura dos sonhos multicores
Em farrapos nas puas dos caminhos;
O horror das esperanças afogadas
No atroz dilúvio de um milhão de dores;
Gritos de angústia do viajor sòsinho
A agonizar na poeira das estradas.

Espetos frios do estouvado bando
Das ilusões que a Primavera trouxe
E felizes no Estio floresceram.
O Outono passa... e o Inverno vem, chorando
Dentro de mim, como se eu próprio fosse,
— Saudades das saudades que morreram.

As crises endócrinas da História do Brasil e seu cirurgião

Por José Lourenço de Miranda (B. Horizonte) —

Segundo Oliveira Viana, mesmo que fôsse homogêneo o habitat e idêntica a composição étnica do nosso povo, não se poderia tomar a nossa terra e a nossa gente, como um todo, porque a nação é a aglutinação de histórias diferentes — a do nordeste, a do centro-sul e a do extremo sul, a dos sertões, a das matas e a dos pampas, com os seus tipos específicos — o sertanejo, o matuto e o gaúcho.

Não há compreender os motivos das crises revolucionárias das diversas regiões do Brasil, no Império, se não atentarmos no caráter regional de sua gente, em face das condições locais.

O desequilíbrio da estrutura política do Império se assenta na impotência do centro em se impôr perante as correntes regionais.

Êsse respeito à autonomia vem desde as capitanias hereditárias, em que os donatários têm direito de vida e de morte sôbre seus súditos. Revigora-se com os governadores gerais, que deixaram, ainda, aos verdadeiros senhores, a administração e a justiça das suas terras e da sua gente.

Mais tarde, no Império e na República, reponta nas oligarquias. A razão das crises revolucionárias, que atestam a falta de unidade, se condiciona às comunicações, aos contactos sociais que não são permanentes com a metrópole brasileira.

O Norte, pelo Maranhão, por exemplo, há **um tribunal superior que decide sem a audiência da Capital.** Estabelece, mais fàcilmente, contactos com Lisboa que com o Rio. Ali se aglutinam Portuguêses que se estendem até o Pará. Estão na órbita de Lisboa.

Já o Sul, nos seus campos sem limites, a que, a pastagem longínqua e o gado nômade obrigam ocupar, faz, como que, um retôrno ao patriarcado, com as tiranias próprias do regime, consubstanciando-se no caudilhismo.

Como as fronteiras físicas só admitem como divisas os obstáculos intransponíveis, e não as meras convenções políticas, o caudilhismo gaúcho sofre a fôrça centrípeta do seu irmão da outra banda do Rio da Prata.

Ambos, o Norte e o Sul, sofrem influências externas. Um de Lisboa, o outro das colônias espanholas do Rio da Prata.

É a falta de circulação nos extremos que provoca a gangrena e a decomposição.

Estudados os ciclos a que aludimos, passemos ao ciclo do centro. Êste sofre de influências externas, também. Mas, influências espirituais, das doutrinas pregadas pelos revolucionários, ora importadas da França ou dos Estados Unidos.

Entretanto, o processo de absorção dêsses elementos de decomposição é mais rápido, em função da circulação mais ativa dos meios quer políticos, quer sociais.

Para todos êsses males que ameaçam ruir a estrutura política nacional há sempre um remédio: a manutenção da unidade que se tenta desassociar; e o cirurgião é sempre o mesmo: Caxias.

O Rio São Francisco

Palestra de Encerramento da "Semana Euclidiana" pelo Snr. Major Murilo Teixeira Barros

Encerrando com esta palestra as comemorações da "Semana Euclidiana", aqui em Ponta Grossa, patrocinada pelo Centro Cultural "Euclides da Cunha", dentro do espírito do nosso imortal patrono, vamos abordar o tema "O Rio S. Francisco" — assunto que não poderá deixar de empolgar àqueles que acreditam que o futuro do Brasil está no interior e que o verdadeiro sentido de nossa nacionalidade é rumo ao centro, de onde sôbrotarão as energias vitalizantes de um Brasil brasileiro. Falar sôbre o rio São Francisco é abordar um dos maiores problemas do Brasil, cuja solução reclama estadistas de visão ampla e economistas alheios às competições de partidos políticos.

Quando o viajante contempla o majestoso cenário formado pelas águas barrentas com tonalidades alaranjadas do rio São Francisco, a bela e exuberante vegetação das margens, as enormes planícies dos "campos gerais" em cujo horizonte se elevam os perfís de azul-claro das serras longínquas e o céu sempre limpido e esplendidamente cheio de sol, cortado pelo vôo das garças, parece que ressôa o êco vibrante da vóz de Castro Alves:

Longe, bem longe dos canôes bravios,
Abrindo em alas aos barrancos fundos;
Dourando o colo aos perenais estios,
Que o sol atira nos modernos mundos;
Por entre a grita dos ferais gentios,
Que acampam sob os palmeirais profundos;
Do São Francisco a soberana vaga
Leguas e leguas triunfante alaga.

A bacia do São Francisco é estreita e alongada no sentido dos meridianos, tendo aproximadamente 610 mil quilômetros quadrados.

O caráter mais saliente dêsse rio essencialmente brasileiro é ser de altitude média, pois o seu longo curso da extensão de 2.500 quilômetros é quasi todo em planalto. Depois de descer com certa rapidez das serras, onde tem origem, corre com pequeno declive na altitude média aproximada de 400 metros que só abandona próximo à costa.

Há duas zonas de desnivelamento acentuado: o curso superior que abrange das cabeceiras à Pirapora e o curso médio inferior, que vai de Joazeiro à Marechal Floriano, onde se destacam as cachoeiras de Itaparica e Paulo Afonso.

O rio São Francisco compreende:

a) Curso Superior: das cabeceiras à Pirapora, 467 quilômetros;

b) Curso Médio: de Pirapora à Joazeiro, 1369 quilômetros;

c) Curso Médio inferior: de Joazeiro à Mal. Floriano, 466 quilômetros;

d) Curso Inferior: de Mal. Floriano à fóz, 238 quilômetros — Total, 2540 quilômetros.

A sua largura média é de 500 a 600 metros e a profundidade é variável de 2, 5 a 5

(Cont. na página 16)

Manual de Conversação...

(Conclusão da 10ª. pág.)

(Norte), 620.000; Brasil: .... 50.000 (Mato Grosso, Paraná e região limítrofe em geral). Total para o guaraní aproximadamente 3.200.000. Agora vejamos o Nheengatú. Temos, na pior das hipóteses, uns sesentos mil indivíduos a se expressarem nele, o que vem a dar uma cifra de quase ..... 4.000.000 de pessoas para o tronco tupi-guarani". O que interessa ao autor, agora, é o Tupi Moderno, pretendendo voltar a falar no fim do curso, cuja primeira série é constituída pelo manual de que nos estamos ocupando, do Guaraní, quando então tratará da literatura de ambos os ramos, "uma das mais ricas do mundo, conclúi, ainda que pareça mentira". O que Paris pretende, portanto, é trabalho de fôlego e, por esta primeira série, os nossos prognósticos realmente devem ser os mais favoráveis à realização completa do nobre empreendimento.

Entre os capítulos do Manual de Conversação da Língua Tupi, queremos destacar o que diz respeito às peculiaridades sintáticas do idioma, as quais principalmente são as seguintes, escreve o autor: "a) A posposição das preposições. Exemplo: Iauára Peró qui (cão Pedro de), o cão de Pedro. b) O pronome relativo e a conjunção subordinativa, como a maioria das conjunções, são usados no final do período. Exemplo: Ubá oueuê oikô uahá poranga reté. (A ave que está voando é muito bonita) ou, literalmente, "a ave voando está que bonita muito". c) No presente definido, como acabamos de ver no exemplo acima, o particípio presente precede o presente do indicativo. Exemplo: Xamuhká xaikô iepé okena (fazendo estou uma porta) estou fazendo uma porta."

Esta lição do Manual nos trouxe confirmação total, do que tivemos ocasião de dizer, em artigo publicado no "O Estado", de Florianópolis, de 16 de maio de 1948 e também na "A Notícia", de Joinville, da mesma época, a propósito do Dicionário Tupi, sob o título "Nos Domínios da Semântica": "O vocábulo, dizíamos, pode, portanto, ter sido inicialmente formado por elementos impúlsivos de pronunciação quase análoga à atual, como por exemplo: Itê — já — y, e que em virtude das formas peculiares à construção de línguas, tão diferente da nossa, em vez de serem considerados cada um de per si — do que resultaria apenas uma frase sem sentido (excelente — que — água), formaram no seu conjunto harmônico a expressão bem significativa: **Que água excelente !".**

Com um pouco mais de sacrifícios, com os preceitos clássicos da sintaxe portuguesa, aceitamos para Babitonga, as formas tupi-guaraní **Ibi — poranga,** com o assentimento tácito dos amáveis leitores do nosso poema dêsse nome e expressa aprovação do antigo embaixador do Paraguai, o Snr. Dr. Justo Pastor Benites, com quem tivemos a honra de palestrar no escritório do nosso ilustre conterrâneo, embaixador Dr. Edmundo da Luz Pinto".

Sempre muito grato nos é a confirmação, pelos mestres, do que afirmamos como discípulos. Faris Michaele bem merece êsse título. O seu Manual de Conversação da Língua Tupi é realmente trabalho de quem escreve para ensinar.

Os nossos parabéns e o nosso — muito obrigado.

ARNALDO S. THIAGO
Rio, 26-6-951.

O Monge de Tibagí

Lourival Santos Lima

Não só o homem é enigma para si mesmo, quando contempla as suas estranhas fôrças criadoras. A história, também, por ser criação do homem, está cheia de inexplicáveis sucessos e insondáveis mistérios, que se eternizam nas lendas para as cismas do povo.

As vezes, mesmo, há mais verdade nas lendas do que na história. Porque, se as lendas sofrem as alterações destentícionais do povo, a história, muitas vezes, é vítima das adulterações preconcebidas dos autores. Por tal, a lenda é sempre inocente, até suas inverossimilhanças; a história, não, sempre é pérfida, quando engana. A mentira da história nunca é perdoável, porque é a má fé da ciência; a mentira da lenda sempre é querida, porque é a boa fé da poesia.

O título que encima esta crônica refere-se a uma personagem "circundada por uma lenda de santidade e mistério" — como escreveu o poeta tibagiano Otávio de Camargo, ao relatar os fatos positivos e provados, que a tradição chama sôbre Frei Manoel, o Monge de Tibagí.

No início da segunda metade do século passado é que surgia essa estranha figura na cidade diamantífera de Tibagí. Renunciando a tôdas as regalias do mundo, Frei Manoel dirigiu-se para lá, "moço, de 30 anos de idade, estatura média, olhos azuis-claros, cabelos louros, vestido modestamente e calçado de alpargatas, conduzindo uma maleta cheia de livros. Dêle só se soubera ser natural de Gaia, Portugal e que fizera parte de uma ordem religiosa de frades. Motivos íntimos indizíveis o abandonar a pátria e findar seus dias no Brasil — para cumprir uma missão, dissera êle, certa vez. Desde logo grangeara a simpatia dos sertanejos, pelo seu coração bom e estremamente caridoso. De 1861 a 1892, data em que faleceu, levara vida inteiramente consagrada ao consôlo dos aflitos e à cura dos doentes. O próprio processo, com que o quiseram condenar como explorador da fé pública, e a tradição oral documentam os milagres que operara e o seu absoluto desapêgo aos bens terrenos. Certa ocasião, durante a guerra do Paraguai, as autoridades da vila deportaram-no, por incapaz, para a margem direita do rio Tibagí, que se achava em enchente. Impedido de voltar pelo balseiro, Frei Manoel reaparecera, como por encanto, na margem esquerda, "não se sabendo como passara o rio (impossível de ser atravessado a nado, com a violência das enchentes), ficando êsse fato envôlto em mistério". No fim da vida, fixando morada numa choupana do sítio de Thomé Gonçalves Delgado, no lugar denominado Povo, em virtude de não poder locomover-se, atacado de paralisia — ali continuara a ser mais ainda alvo da romaria popular e da peregrinação de pessoas de todos os níveis sociais, vindas de distantes cidades. Na sua tosca choupana, ao pé do fogo sempre aceso, a tomar chimarrão, realizara estranhas curas, sempre rejeitando as ofertas que lhe faziam. A água de seu pote e a cinza de seu fogo eram remédio infalível, disputado pelos doentes. Nunca saia da choupana e, uma vez, grande tempestade preocupou os devotos, que o quiseram levar dali para lugar mais seguro. Mas Frei Manoel recusou-se, e, desabando o teto, como por milagre, ficara salvo sob três vigas protetoras. "O monge nu, com os cabelos enormes, emaranhados, as unhas retorcidas em forma de garras, esquálido, esquelético, foi adorado como um deus por mulheres lindas que vestiam custosas sedas e algumas delas até instruídas !", — diz o citado narrador. De uma feita, trouxeram-lhe uma banda de música, que executou um número qualquer em sua presença. A reação daquela "fisionomia impassível, enigmática e misteriosa", foi de grossas lágrimas, tão pungentes, que mandaram cessasse a tocata. Um dia, finalmente, "encontraram - no morto, enregelado, junto ao fogo apagado." Mais de quatro mil pessoas acompanharam-lhe o corpo em grande comoção. Logo mais, sua choupana tornou-se uma capela modesta, a capela do Monge, onde fazem, desde então, festas santas. No seu túmulo, constantemente iluminado pelas velas dos fiéis, mandaram escrever: "Aqui jaz o homem penitente destituido das vaidades do mundo".

x x x

Quando visitei a capela do Monge de Tibagí, tinham já quebrado seu velho pote e substituido por outro cuja água, dizem, ainda faz curas. O local das cinzas tornou-se um buraco de mais de um metro de profundidade, onde os crentes, ao invés da cinza extinta há muito, tiram ainda a terra milagrosa. As fôlhas das laranjeiras abençoadas pelo Monge têm fama de ter dado saúde a muitos que as buscaram. Nas paredes da capela, estampas e imagens de santos cortejam a lembrança de Frei Manoel.

Os visitantes do Monge de Tibagí, quando são dos sertões, respeitam o lugar sagrado; quando da cidade, acham tudo muito curioso, se não preferem lamentar a superstição dos nossos irmãos caboclos, que levam a sério aquela história lendária, de milagres e renúncias inexplicáveis.

Eu, por mim, que lá fui sem muito ceticismo e sem muita superstição, continuo a julgar o homem como a história — cheia de inexplicáveis sucessos e insondáveis mistérios... O que inspira sempre mais cismas ao espírito, que sabe, quanto mais sabe, que não sabe...

(Do livro, em preparo, "Páginas Paranistas").

O Elogio Fúnebre de Euclides Bandeira

Pelo Snr. Prof. **Raul Gomes**

— "O Centro de Letras do Paraná, fundado por Euclides Bandeira, me cometeu esta despedida. Faço-a sob o torvelinho das evocações amigas suscitadas por uma convivência, longa de muito mais de trinta anos. Na desobrigação dessa tarefa procurarei realçar algumas das faces de sua grande trajetória pelo mundo.

Entre as Máximas de Epiteto, o último estoico, encontro uma mais parecida a um episódio biográfico.

Era êle escravo dum plutocrata romano. Mas escravo rebelde, da rebeldia da inteligência.

Esta fazia-o altivamente, destemidamente, independente. Pois devido a sua filosofia, fortalecia-o, sustentando-o nas tremendas provas de crueldade a que o submetia o amo.

Uma feita, êste, por méro prazer sádico, começou a apertar os anjinhos sôbre os punhos de Epiteto. Êste, sentindo embora os ossos quasi a se pulverizarem, lhe observou:

— "Cuidado, meu senhor! Assim arrebentais a rôsca e o parafuso".

Aproximando essa de outra Máxima do genial sêrvo, se nos elucida a lição por êle nos deixada:

— "Podem me triturar a carne e o esqueleto. Mas uma coisa lá em mim superior à sua vontade, violência e perversidade, livre e acima de tudo: minha alma."

Ao ver Euclides Bandeira, na fase derradeira de sua vida, lembrava-me dêsses lances de Epiteto. E lhes assemelhava os do meu velho e querido amigo e companheiro.

O destino, — para não empregar aqui o têrmo Deus não muito agradável ao seu negativismo, campou em relação a Euclides, o senhor da cêna do Epiteto.

Foi atacando, corroendo, aniquilando, consumindo o corpo, a pobre carcassa daquele amante do movimento e da atividade, e para quem ação tinha a volúpia das coisas raras e para quem a pena constituiu terrível e eficiente arma de combate de um materialista irredutível e militante contra o espiritualismo.

Mas, naquela sua estagnação, na derrocada daquela estrutura orgânica, uma coisa, por uma paradoxia insólita, algo resistia invencivelmente naquele homem.

Era a alma!

Era aquilo que mais êle negava, era aquilo que mais êle combatia, era aquilo que êle mais ironizava implacàvelmente!

Quantos o frequentavam, — e constituiam os amigos e admiradores de todos os tempos, pois êle era estranhamente centrípeto na manutenção e comunhão da amizade, — quantos o conversavam saiam de sua presença vencidos e surpreendidos da resistência daquele espírito, no flagrante e dramático antagonismo com a sua decadência corpórea.

O corpo se lhe deperecera, estrangalhára e se lhe minguára.

Mas, dentro nele, como uma parcela de rádio cintilava, através do granito, da argila, do pó e das cinzas, uma fôrça esplêndida, cheia de lucidez, espantosa de vitalidade, impressionante de energia e incrível de penetrabilidade!

Êsse vigor formidável de sua alma, resistente às tristes e amargas contingências de uma insopitável enfermidade consuntiva, — explica a pujança, a eterna juvenilidade, a coragem, a inamalgabilidade de seu caráter, — e aplico aqui êste vocábulo abusivamente gasto e descompreendido, no seu mais alto, e nobre e puro conceito.

Pois caráter tem de ser a homogeneidade, a integralidade, a macissez, a unidade de pensamento, palavra e ação, e coerência para a maldade ou para a bondade, — "sans peur est sans reproche".

Euclides Bandeira foi assim durante a sua existência.

Um homem, um sêr, e uma personalidade só, integérrima e invicta. Nele não se defrontavam, substituiam ou desavinham, — aquele Deus que chora e aquele Demônio que ruge de Bilac.

Fácil, numa imitação à frase de Rui, — **"Minha vida é uma reta entre o Direito e a Justiça"**, — cristalizar num talho de expressão a psicologia pragmática de Euclides: sua existência foi uma reta entre os ideais da juventude e as convicções da velhice.

E assim lhe foi o roteiro, inflexível e seguro pela terra, através de uma época convulsa e explosiva de paixões e ódios. Livre pensador, democrata, apolítico, mas florianista, nacionalista, mas paranaensista, nunca esmoreceu, hesitou, se atemorizou na sustentação de seus nítidos e arraigados pontos de vista.

Nunca escondeu a sua opinião, pois nada sabia se acomodar.

Quando em pleno trabalho jornalístico ou na sua aposentadoria, — e desta seguia a marcha dos acontecimentos com uma reportagem exemplar e espantosa, — se manteve numa batalha perpétua.

Foram combates dos mais duros, atribulados, turbulentos, e até perigosos da história da nossa imprensa.

Inúmeras as polêmicas por êle mantidas.

E tomava sempre a posição mais arriscada. Era contra a igreja. Era contra os abusos dos políticos e do poder. Era inimigo do êrro, da fraude e da iniquidade.

Sua direção no "Diário da Tarde" se caracterizou pela imparcialidade do meio do energumenismo da éra, pelo destemôr diante da truculência dos potentados, pela firmeza num tempo de defecções e dissoluções partidárias.

Daí o formidável prestígio daquele jornal. E disso são eloquentes testemunhos os episódios em que o valente vespertino se envolveu em luta pelas causas populares.

Ameaças de empastelamento, confisco e incineração de edições, metralhamento do povo em plena rua Quinze na frente da redação, perigos de agressão da parte de beleguins da polícia e de facínoras e capangas políticos nunca o detiveram nem o desviaram da sua linha.

À custa de riscos permanentes de ruidosas e triunfais campanhas e discussões com os mais célebres contendores do Paraná, consolidou a situação do "Diário da Tarde", criando-lhe a tradição de popularidade e independência que nada pôde anular, nem mesmo seu posterior e indecoroso oficiosismo.

Ao se traçar um dia a história cultural do Paraná, avaliar-se-á o alcance da sólida obra de Euclides Bandeira em prôl dêste incomparável ambiente de liberdade que desfrutamos. Dario Veloso e seus camaradas ensinaram a mocidade a amá-la, e defendê-la, a sofrer e até morrer por ela. Mas Euclides Bandeira erigiu o "Diário da Tarde" numa escola eficiente e fascinante para cultivar no povo o direito e o exercício da opinião, adextrando-o assim para sua utilização no curso dos acontecimentos nacionais.

Um necrológio traçado sob a emoção de sua partida não é o veículo mais útil e adequado para retraçar o vigoroso perfil dêsse grande e extraordinário paranaense e paradígma de jornalista. Meu ligeiro estudo de sua bela individualidade, foi feito mais para salientar o aspecto fundamental da sua figura humana, — o seu caráter. Aliás êle se autobiografa, nos versos lapidares daquele seu formoso e marmóreo soneto, — A UMA PENA, — síntese de uma personalidade à Carlyle, eril, máscula, indomável, mas escondendo sob uma realidade enérgica e varonil, uma rica, uma fortíssima sensibilidade artística e patriótica.

Encerremos a efusão dêste adeus com a sedutora beleza desta jóia antológica das letras do Paraná:

A Uma Pena

De Euclides Bandeira

Nunca soube escrever coisas amáveis, nunca!
Pena inclemente e rija, aço de camartelos,
Mal pousa no papel, logo o velino junca
De revoltas em fôgo e de horríveis libêlos.

Pena nervosa e má, estranha fórma adunca
Parece ao faiscar em córtes de escalpelos,
Estilete rasgando à sânia da espelunca,
Alvião pondo em escombro ilusórios castelos.

Ó pena escura e tôrva! Em tudo brilha a nuança
E não teve, jàmais, um riso, uma esperança!
— Só o trágico, o sinistro, o roxo, o cenotáfio...

Um sulco de tristeza e nada mais vertendo!
A pena assim cruel o castigo tremendo:
Traçar, molhada em sangue, o seu próprio epitáfio!

Meus Passos

Ao Prof. Faris Antônio S. Michaele, "ab imis"...

Meus passos e caminho a percorrer
hei-de traçá-los eu, sem mais ninguém!
Ainda que êles fiquem muito aquém
da fonte onde sonhava, enfim, beber...

Na cadeia da vida, meu viver
será apenas passos!... Eu sei bem...
Andar, andar, andar... sem ir além!
Porém, sustar meus passos é morrer...

E assim, embora estreita e escura a cela,
meus passos sem cessar cruzam-se nela
— na cadência do próprio coração...

Por trás das férreas grades da prisão,
que ao menos eu pressinta dêsses passos
o éco em alforria nos Espaços!

HERNANI DE LENCASTRE

Tavira (Portugal).

PONTE VIVA

Por SERAFIM FRANÇA (Curitiba)

(Nesta admirável poesia do Snr. Serafim França, uma das mais cintilantes expressões da intelectualidade brasileira, está estampado, de modo vivo, o momento político nacional).

Fruto gostoso da imaginativa,
ou flagrante feliz da vida real,
essa história simiesca a — Ponte Viva —
É um dos enlevos no serão rural.
Conta ela que os símios
(Atentai corifeus do Darvinismo!)
quando querem transpôr um rio ou abismo,
usam desta estratégia singular:
— Buscam um galho à beira do obstáculo
e, lá dêsse pináculo,
os ginastas exímios,
cada qual como um élo de corrente,
formam vivo cordão que, para a frente,
em forte impulso se balança no ar.
(Pêndulo que, si o cálculo não erra
e não fôssem os símios nisso uns fracos,
revelaria a rotação da Terra,
si houvesse um Galileu entre os macacos).
E assim, depois de um vai e vem sem conta
quando o alcance é maior — o lá da ponta
que é sempre um macacão matriculado,
enrosca-se num galho do outro lado.
E distendido, então,
fica uma ponte pênsil o cordão.
Dessarte a macacada alviçareira
vence o rio, entre gritos de alegria,
pois vai gozar as frutas da fruteira
que aos micos da outra margem delicia.
dá-nos o fiel retrato
Natural, ou inventado, êsse relato
da estratégia política de agora.
Vejamos: surge o candidato, é a hora
da cavação — ... Risos, promessa, juras,
abraços mil, engôdos...
— Vocês me ajudam e, depois, nós todos
teremos a fartar frutas maduras...
Faz-se a corrente — o espertalhão à ponta.
Balanço forte e zás: passagem pronta.
O candidato se firmou no galho!
— Oh! Deus, depois de tantos ais e lutas,
eis-me, afinal, entre as sonhadas frutas.
que soberba a invenção desta corrente!
Mas... aqui fica a história diferente.
A solidariedade, em vez de símia,
é a política, em passes mais exímia.

Seguro na fruteira o ex-candidato,
antes mesmo que o gesto se lhe o aplsúda
sem remorso e sem mágua,
faz corpo mole, vai colhendo cauda...
E como um pai da pátria, leal e grato,
... larga os amigos nágua.

O Rio São Francisco

(Conclusão da página 14ª.)

metros na estiagem e de 5 a 8 metros nas cheias.

Já se tem afirmado que o fluxo do São Francisco procede da descarga de 5 afluentes: Paracatú, Urucuia, Carinhanha, Corrente e Grande.

A descarga média, frente a Juazeiro, durante a enchente, é oito vezes maior que na estiagem. Devido à forte evaporação, a descarga em Petrolândia é menor que em Barra, sendo 300 metros cúbicos de diferença entre a primeira e segunda localidade. Isso não impede, porém, de o rio atravessar a região semi-árida com saldo de 600 m 3/s.

Saint Hilaire assim descreve a cachoeira Casca d'Anta, na serra das Canastras, onde nasce o soberbo rio: "Para sentir o enlêvo dêste conjunto, tentemos imaginar a reunião de tudo quanto nos encanta a natureza: um céu belíssimo, rochedos altaneiros, uma cachoeira majestosa, água limpíssima, a mais fresca verdura, enfim matas virgens que apresentam tôdas as formas da vegetação dos trópicos.

— "Das cabeceiras até Pirapora o rio corre em declive muito acentuado, saltando corredeiras, itaipavas, cachoeiras, espumoso e barulhento, tirando aos homens o gôsto das viagens". (M. Proença).

Nos cursos médio e inferior, abrangendo duas secções navegáveis: de Pirapora a Joazeiro e de Marechal Floriano (ex-Piranhas) à Penedo, as populações ribeirinhas do São Francisco vivem com 200 anos de atraso. Não há agricultura organizada e a pecuária não pesa na economia nacional. A maneira de cuidar dos minguados rebanhos e o tratamento de roças insignificantes ainda datam dos tempos do Brasil-Colonial.

Faltam escolas, estradas, assistência médica, tudo. São 3 milhões de brasileiros que vivem abandonados à própria sorte, castigados por uma natureza hostil, levando uma vida rudimentar e mal podendo manter-se com os próprios recursos. E o trecho do S. Francisco, que vai de Joazeiro à Marechal Floriano, atravessa uma região semi-árida, isto é, o pior sertão brasileiro.

— "Deixa as regiões alpestres, cidades alcandoradas sôbre serras, refletindo o arrôjo incomparável das bandeiras; atravessa depois as grandes gerais, desmedidas arenas afeitas à sociedade rude, liberrima e forte dos vaqueiros; e atinge por fim as paragens pouco apetecidas, amanhinhadas pelas secas, talhadas aos roteiros lentos e penosos das missões" (Euclides da Cunha).

As margens são formadas por caatingas, descritas com tanto vigor e exatidão nas páginas d'"Os Sertões", sendo caracterizadas por um solo rochoso avermelhado, onde brotam, aqui e ali, moitas, rolas de plantas raquíticas ou capoeiras de arbustos mirrados. Bem junto ao rio se encontra uma vegetação luxuriante capaz de animar um esfôrço agrícola. A natureza é selvagem e agressiva. Esmaga o espírito mais idealista com sua brutal hostilidade. É neste percurso que se encontra a cachoeira de Paulo Afonso.

No meio de uma região árida, pedregosa e de vegetação agonizante, aparece um soberbo quadro de beleza rústica e impressionante pela singular disposição de sua topografia. O formato da cachoeira é de um perfeito "C" e a impressionante massa de água cái, em três lances, de uma altura de 80 metros, produzindo 1 milhão e 200 mil cavalos-vapor.

A variedade de aspectos é incomparável e indescritível, suplantando a imponente Sete Quedas e o majestoso salto de Santa Maria do rio Iguaçú.

Quando a visitei, em 1948, escrevi no livro de impressões: "A Cachoeira de Paulo Afonso é um espetáculo digno da admiração de Deus!".

O rio São Francisco tem feito o relevante papel de traço de união entre o Norte e o Sul, por isso é apontado como sendo a base do Brasil.

Também exerceu importante papel histórico na era do desbravamento, pois serviu de roteiro às bandeiras baianas e paulistas, permitindo a confraternização de ambas na grandiosa tarefa de nossa expansão geográfica. Mauricio de Nassau que explorou 10 léguas do grande rio, com a visão genial de estadista, afirmou: "O rio São Francisco é o celeiro do Brasil!" Não se deu importância e nem crédito à frase lapidar do grande conquistador. Sòmente em nossos dias, deixou de ser uma figura retórica, quando o engenheiro Adosino Magalhães de Oliveira demonstrou que a bacia sãofranciscana, que mal sustenta 3 milhões de habitantes, sendo irrigada, poderá sustentar 100 milhões de pessoas.

E, com o aparecimento d'"Os Sertões" do imortal Euclides da Cunha, foi que se começou a estudar com seriedade o nosso interior. Além de ter sido um monumento que honra a cultura do Brasil, "Os Sertões" mostrou também o valor do nosso interior, ainda pouco conhecido, e salientou a formidável resistência física do sertanejo brasileiro. E, como era natural, os estudos sôbre o rio São Francisco passaram a ser focalizados.

Por ocasião da última conflagração, quando as incursões dos submarinos do "Eixo" prejudicaram as comunicações do Norte com o Sul, foi o São Francisco que conservou unidas as duas secções do País. E foi essa imposição dos acontecimentos que nos fêz considerar outros fatores, até então esquecidos. O papel do rio São Francisco na vida econômica brasileira está caracterizado sob tríplice aspecto: via de comunicação, fonte de água para irrigação e produtor de energia elétrica.

Qualquer outro problema que possa surgir, como industrialização do pescado, fabricação de adubos, extração de minérios ou siderurgia, está na dependência de uma de suas características fundamentais.

— "A navegação comercial no curso médio do São Francisco (de Pirapora e Joazeiro) qualitativamente obsoleta e quantitativamente deficiente e ainda dificultadas pela variação da descarga e mudança do leito, intensificadas pela devastação das matas à montante." (O rio das Velhas, por exemplo, outrora era francamente navegável e graças à alergia que o sertanejo brasileiro tem pelas árvores perdeu as suas condições de navegabilidade).

No curso inferior, isto é, entre Marechal Floriano e Penedo, sòmente dois pequenos vapores transportam passageiros. A quasi totalidade das cargas é transportada em cerca de 1.400 embarcações à vela e devido à constância dos ventos, a navegação motorizada dificilmente poderá competir com canôas, a não ser que o rio fôsse consideràvelmente melhorado, de modo a permitir navegação de maior tonelagem".

(Relatório da Comissão de Estudos e Obras do Baixo São Francisco).

— "A Constituição brasileira, para o soerguimento do vale do São Francisco, reserva 1% da receita da União para atender às providências fundamentais: comunicação, irrigação e energia.

É indispensável colocar o problema fora do interêsse dos políticos, tendo um plano de conjunto e estabelecer um programa para tôda bacia, como se fêz para a bacia do Tennessee".

— "É um passo nessa direção é o plano de Geraldo Rocha que consiste em:

a) — uma barragem com pouco mais de 20 metros de altura, no São Francisco, entre Sobradinho e Joazeiro, produzindo um remanso de cerca de 300 quilômetros para montante.

b) — uma barragem no Rio Grande, na garganta da "Serra do Boqueirão" formando um lago, cujo volume tenha aproximadamente quatro vezes o da água existente na baia de Guanabára. O remanso afogará a cidade de Barreiras, no curso superior, e subirá pelo rio Preto até São Marcelo.

Mauricio Joppert da Silva, ampliando o plano supra, prefere, em vez de uma única barragem, uma sucessão de barragens que representam a água em degráus necessários até Petrolândia, regularizando o rio pelo afogamento dos obstáculos, em vez de proceder a sua retirada; os estirões sucessivos seriam postos em comunicação por meio de eclusas ou canais laterais e a água aproveitada para fertilizar o semi-deserto; poder-se-ia produzir ainda energia em uma potência global de mais de 2 milhões de C. V. contando-se com Paulo Afonso e as reprêzas sucessivas desde Sobradinho.

Quanto aos afluentes, além de uma barragem no Rio Grande, barragem no Corrente, Urucuia e um canal ligando as bacias do Corrente e do Rio Grande. As barragens nos afluentes tem por finalidade:

1) regularização da descarga, diminuindo a amplitude da descarga no São Francisco;

2) irrigação das terras adjacentes;

3) produção de energia hidro-elétrica para estimular a indústria local". (Prof. Hildgard O. Sternberg).

A criação da Companhia Hidro-Elétrica do S. Francisco (outubro de 1947) foi o primeiro esfôrço concreto do govêrno em favor do soberbo rio.

Esta companhia já fêz brotar em pleno sertão agreste a cidade de Paulo Afonso, onde trabalham 15 mil operários nas obras da formidável usina que irá ser o orgulho de nossa geração.

Delmiro Gouveia, um rude cearense e titan de energia, foi o precursor do aproveitamento de Paulo Afonso. Captou, para movimentar uma fábrica de linha de costura, que montou na cidade que hoje tem seu nome, uma quantidade insignificante do potencial da cachoeira. E a obra feneceu com o seu trágico desaparecimento. Dado o descaso dos novos donos e sem auxílio do govêrno, não foi possível enfrentar a guerra movida pela Machine Cotton que acabou por comprar a fábrica por preço irrisório, tendo os ingleses jogado no rio todo o maquinismo que produzia linha.

A nova usina poderá fornecer, inicialmente, 700 mil C. V. e, uma vez regularizada a descarga do rio, essa quantidade poderá ser duplicada. Tôda a área dentro de um raio de 400 quilômetros de Paulo Afonso será beneficiada.

Cumpre observar que a grande variação de descarga devido ao regime climático e a falta de reservatórios de compensação dificultam o aproveitamento de Paulo Afonso; na enchente a descarga é grande a queda diminue; na estiagem, dá-se o inverso: a queda aumenta e a descarga diminue.

Em Itaparica funciona uma turbina com 1000 C. V., quando o potencial aproveitável ultrapassa de 150.000 C. V.

No alto São Francisco, de Pirapora para montante "oferece potenciais motrizes que por si só constituem riqueza suficiente para assegurar a prosperidade de um País" (Geraldo Rocha).

E quando a Capital brasileira se transplantar para o planalto goiano, maiores serão os benefícios para o vale do rio São Francisco, que fará, então, dentro da genial previsão de Mauricio de Nassau, o papel de Celeiro do Brasil.

E ao ruído das turbinas de Itaparica e Paulo Afonso, ouviremos também o riso alegre das crianças que habitam os lares felizes de homens livres, veremos ao sol fecundante de nossa terra crescerem as plantações e o Brasil será então uma terra de paz, trabalho e fraternidade, cumprindo assim a sua predestinação cristã, quando Deus colocou no nosso céu a soberba constelação da Cruz.

Mãos

Ao ilustríssimo intelectual e confrade Dr. Faris A. S. Michaele, com a admiração de Isaias Ramires

Autor de "PÉTALAS CAIDAS"

As tuas mãos... As tuas mãos mimosas
mãos pequeninas, brancas, perfumadas,
mãos que na vida só colheram rosas
mãos que por muitos foram decantadas.

Mãos de mulher e santa... mãos sedosas,
mãos tão finas, tão meigas, delicadas.
Mãos aromais, tristonhas, caridosas,
mãos que viveram para os céus voltadas.

Mãos de mulher e mãe, que ao sol nascente
nos vêm abrir os olhos, mansamente,
com gestos de carinho e de bondade...

São estas mesmas mãos, no fim da vida,
que vêm cobrir a face amortecida
do filho que se vai p'ra Eternidade.

Rio de Janeiro, 1951.

Deslumbramento

LUIZ OTAVIO — (Rio)

O céu será azul... Em festa a Natureza
há de exceder-se em luz, em Poesia e em beleza!
Os sinos tocarão vibrantes de alegria,
jubilosos também por êsse grande dia!
Um mágico luar, como um véu de setim,
virá cobrir de leve as flores do jardim...
A brisa agitará mansamente a cortina
e lá por dentro um poeta e uma quase menina,
nesta noite feliz de ternura e esplendor,
entre résteas de luar dirão frases de amor...
O Silêncio-virá com passos de veludo
emudecer a voz dos sêres e de tudo...
E apenas hão de ouvir suspiros de desejos...
carícias em surdina... e leves sons de beijos...
Deslumbrada e feliz a Natureza tôda
festejará o encanto e o brilho desta bôda!

.....

... Tu unirás assim o teu destino ao meu...
Serás então mulher... E um super-homem — eu!...

Fragmentos

Por Cyro Ehlke (Ponta Grossa)

O homem só encontra a verdadeira paz, em seu próprio coração. Olharmo-nos a nós mesmos, e interiormente, faz, às vezes, com que melhor sintamos o significado das coisas e melhormente saibamos aquilatar de sua razão de ser. Apesar disso, no entretanto, quão difícil nos é, descobrimo-nos a nós próprios... Há grandes altitudes a serem vencidas na ordem espiritual dos fatos e em razão direta de suas significações. Há bastante que aspirar, o suficiente que haurir dos ensinamentos da vida que, mais que outros, se nos mostram frequentemente, nas extremidades maiores, d o s planos que arquitetamos... Galgamos tão alto, para aí, então e ùnicamente, descobrimos que, na própria planície que atrás deixámos, há bastante do sentido que procurámos...

A felicidade, dizem, é feita de pequenas coisas; os mais insignificantes acontecimentos têm para nós, às vezes, razões sobejadas de contentamentos que as maiores altitudes nos não puderam proporcionar. Que dizermos, no entanto, se a vida assim se nos apresenta? Há que investigar, portanto, o desconhecido, para melhor percebermos do real conhecido. As distâncias se equivalem no espaço de tempo e, não obstante, há que estabelecer o meridiano das esferas conhecidas... Melhor, pois, fazermos como aquele homem simples, que descobriu, por final, residir em si próprio, o segrêdo de encontrar a felicidade. Não muito esperava ou desejava êle, para mais harmòniosamente poder viver com o meio ambiente, encontrando, ou fazendo por encontrar, por outro lado, sempre uma explicação satisfatória e de superior sentido, para êsses mesmos fatores. Extranho paradoxo... o mundo o julgava um desterrado da sorte, e, no entanto, êle cria haver encontrado, por fim, a grande quietude espiritual, está nele próprio... sente-a..., apalpa-a..., como apalpar se pode ao mais real dos objetos materiais.

Estranhos..., bastante estranhos..., os caminhos da vida...

. . . . . .

Chorarão uns; outros rirão; outros ainda há, que passarão indiferentes no carrossel da vida; uns absorvendo o amargor das lutas e incompreensões, outros, provando o néctar delicioso das venturas, havendo ainda os que, seja no meio têrmo ou no próprio afastamento, vivam sem compreender, passem sem perceber, existam enfim, sem disso terem, ao certo, consciência.

Fantasmas de ilusões... cortêjo de anseios e vibrações que conduzem e animam a mocidade... Que restará de vós, à extinção do sôpro frágil da existência? Que se levará, após a consumação de tudo, para vos lembrar a passagem, para dizer que já tínheis existido?

Pobre e ignorante de si própria, é a alma humana; quão de ilusória e passageira não é a própria vida? E a vida..., o que é afinal, a vida?...

Disseram, já, com bastante acêrto, sôbre o "hoje" e o "amanhã":

'O dia de ontem, é apenas um sonho; o dia de amanhã, uma simples visão; mas o dia de hoje, bem vivido, faz de cada dia passado um sonho de felicidade e de cada dia futuro uma visão de esperança; sejamos, pois, cuidadosos com o dia presente."

. . . . . .

Há um pouco do sentido geral da existência e do nosso "habitat" em tudo aquilo que vemos ou realizamos. Assim, por exemplo, temos para conôsco, às vezes, que o mundo é uma coisa por demais complexa, para que procuremos desvendá-lo, enveredando pelo emaranhado de seus caminhos. E, no entretanto, o homem, o sêr pensante que, um dia, a si próprio chamou de "racional", ainda nos primórdios da civilização, também, um dia, estacionou. Olhou em tôrno, assim o diríamos, e viu-de, enfim, suferir o harmonioso do conjunto, a maravilhosa obra da criação. Tudo tinha sua razão de ser; a mútua relação das coisas lhe estava a apontar, e seguidamente, que tudo dizia respeito a um fundo comum, nessa complexa interpenetração de coisas, que é o Universo. Quis achar-se a si próprio, nesse emaranhado de significações e tal não o conseguiu, assim parece. Resultou, não obstante, que pudesse aferir, na medida de sua própria capacidade de percepção, um pouco do todo existente, uma partícula pelo menos, da imagem criadora. E raciocinou, então, pela vez primeira; e exercitou o pensamento na ordem das relações humanas, suas mutações e sintomas gerais. Tudo lhe estava a indicar a existência de um "porque" contínuo e misterioso, a desafiar a argúcia de muitos e a persistência de poucos. Era a própria explicação que se lhe aflorava à mente, elucidando, na ordem dos tempos, a significatividade dos fatos mais comuns, despertando conceitos dos mais diversos. E, assim, na própria pluralidade das concepções foi que surgiu, aos poucos, a ciência imaterial da filosofia que, através dos tempos, bastante tem sofrido em mutação e diversidade. E o homem, ainda sôfrego de desejos e explicações, nem porisso se contentou. Está a faltar-lhe, ainda e continuamente, a harmonia pessoal, o equilíbrio perfeito, a perfeita absorção dos elementos, para que bem se enquadrar possa, no próprio e muitas vezes infinitesimalmente pequeno espaço de gravitação pessoal que, no mesmo e referido harmonioso do conjunto, por direito lhe pertence. Contudo, para êle, que bem não sabe acomodar-se com o meio ambiente, valeria, por oportuna, a lembrança do tão enumerado conceito de que a vida... é como o breve momento que passa... Passa..., como nós também passamos, mas, nem porisso deixam de permanecer, o conhecimento adquirido, a tradição herdada e as conquistas meritórias. Vale, assim, para remate, a expressão bíblica a nos relatar e muito justamente que: "Deus fêz o homem à sua imagem e semelhança; e os criou, Homem e Mulher e os abençoou...". E viu Deus, que a sua obra era boa; os céus, a terra e tôda a natureza viventes que ali habitava e a concluiu, tôda, no sétimo dia, e o abençoou, **porque tudo era bom, harmonioso e perfeito...**

Cidadela

No fogo perenal da poesia bela
Inflamo o coração, da tristeza cativo,
E deslumbrado e inquieto ergo uma cidadela,
Onde encontro por fim de enlevos um motivo.

Em noites de luar quando Lucina vela,
Procurando no céu talvez o amante esquivo,
Minha imaginação profusa se revela
E histórias imortais nos meus sonhos revivo.

Ao intenso clarão da resplendente aurora
Sinto que é meu destino o destino diverso
De um cavaleiro audaz, de combates de outrora.

E, de louros sequioso, os receios disperso
E convicto e feliz vou pelo mundo em fora
Espalhar a ternura e o esplendor do meu verso.

EDMUNDO SCHWAB

Santa Cruz

(ALEXANDRINOS ESPANHÓIS)

Por **Noel Nascimento** (Rolândia)

Minha terra é mais santa que a própria Palestina
Onde nosso Messias sonhou e pereceu;
Minha terra é de tôdas a pátria mais divina
Que, para sua igreja, o Senhor escolheu.

Não há em suas bandas um rico Vaticano
Que, com os sacerdotes, todo o mundo cobriu;
Aqui nunca viveu um só samaritano,
Mas foi neste país que o Evangelho se abriu.

Apóstolos só viram regiões de outras belezas,
Não é aqui que está de Cristo o mausléu;
Mas há palmeiras puras, lá do norte princesas,
E pinheiros tristonhos que apontam para o céu.

O Brasil não possue basílicas luxuosas,
Maria noutras plagas cândida deu à luz...
O Brasil não possue relíquias religiosas,
Mas tem a cruz do estrelas onde vive Jesus!...

Quando eu morrer...

Ulisses Diniz (São Paulo)

Quando eu tristonho repousar sòzinho
No meu sepulcro, sob terras frias,
Não mais terei, por certo, um só carinho
Daqueles que gozei nos lindos dias!

Sinto ferido por letal espinho
Meu peito envôlto em nuvens tão sombrias...
Vagando incerto vou, por um caminho
Cheio de urzes mordazes e doentias...

Mas uma colsa a todos eu vos digo:
Se um dia visitardes meu jazigo
Escrevel, — eu vos peço por favor:

— "Aqui repousa um sonhador de estrelas,
Que horas mortas passava a percebê-las,
Foi infeliz, não conheceu o amor!"

Hospitalidade e Servilismo

Crônica de Rolando Guzzoni

A hospitalidade brasileira é conhecida em tôda a parte e chega mesmo a ser confundida com servilismo. É de necessidade, portanto, que, nós, brasileiros, tomemos a máxima precaução no tocante de tratarmos aqueles que vêm para o nosso País, seja para se radicar ou em qualquer missão. A nossa hospitalidade é por demais conhecida. Um cidadão qualquer, vindo de outras plagas, entra em nosso País com tôda a sorte de facilidades, é recebido entre abraços e banquetes, sorri lisonjeado, agradece, fala bastante aos jornais, deita entrevistas, tudo ornado com floreios gongóricos que soam a canto de sereia. Todavia, mal volta as costas para nós, ainda com o estômago empanturrado pelo nosso tratamento cordial e afetivo, diz "cobras e lagartos" da nossa gente e de tudo o mais que se vincula à nossa terra. Acreditamos q u e em tudo isto existe uma forte dôse de má fé e, sobretudo, convenhamos, uma espécie de prevenção. O alienígena, quando pisa a terra firme de Santa Cruz, acha que está numa terra cujo índice demográfico de negros e mulatos é tão grande que chega a assustar. Ele leu alguma cousa sôbre o nosso País (extraída geralmente de fontes mal informadas) e acha que o nosso servilismo é decorrente da nossa condição de sub-nutridos, de sub-instruídos e outros "sub" que, na realidade, espelham cousas mentirosas de nós, reflexo apenas de uma inferior situação cambial com determinados países. O estrangeiro pisa a praça Mauá como se estivesse pisando no seu quintal e cônscio de que em seu cofre estão em ordem os papéis da sua propriedade. Olha tudo que o cerca com um ar de quem está em parte satisfeito, todavia muito tem que se modificar. Infelizmente, é assim mesmo. Notadamente na Capital Federal, o alienígena é considerado como um semi-deus. Existem razões de sobra para isso. É pela mesma razão do vergonhoso procedimento de certos donos de hotéis de Natal durante a guerra, que só acolhiam americanos porque êsses, nadando em ouro, podendo pagar o que lhes era pedido, desconhecendo que eram vergonhosamente explorados, concordavam com as despesas de hotéis. Este é um típico exemplo de determinados cidadãos brasileiros que, para enriquecer de maneira desvergonhada, não titubeiam em se tornarem elementos servíl. Há muitos exemplos, notadamente na Capital da República. Cumpre ao Interior eliminar êsse servilismo que só serve para dar um conceito falso do que realmente somos.

Está certo que acolhamos um cidadão vindo de fora, com delicadeza que em nós é próverbial. Isso é de justiça que se faça. Mas, por favor, não vamos lustrar os botinas de fulano porque é de Hollywood e tem serragem no cérebro ou, então, limpar um casaco rujo de caspas de um Stokowsky, simplesmente porque é um maestro famoso e rege óquestras com as mãos no mais puro "snobismo". E em troca, que recebemos? Chegam às nossas mãos notícias de que, pela rua Rio Branco, o ponto mais central da Capital do Brasil, rastejam serpentes e jacarés!

Existem estrangeiros q u e aqui chegam quase no anonimato. Convivem com a nossa gente simples, não a sofisticada da Capital, penetram o nosso interior, contemplam extasiados a nossa natureza, sentem tudo isso no seu íntimo e daqui se retiram confrangidos pela saudade. São êstes a quem devemos acolher e dispensar as nossas fraternais boas-vindas. Nesse rol devemos colocar um estrangeiro formado pela Universidade de Berlim, Wolfgang Hoffmann Harnisch. Veio êle duas ou mais vezes ao nosso País e, ao que parece, radicou-se nele. Êste nosso comentário vem a propósito da leitura que fizemos de seu livro, "O Brasil que eu Vi", com o sub-título "Portrait de Uma Potência Tropical". Essa obra, exgotada, ao que estamos informados, é um panegírico ao nosso País, porém sóbrio. Ao escrevê-la, Harnisch desvencilhou-se de qualquer informação alheia. Limitou-se aos horizontes que seus olhos perscrutadores podiam ver. Não combateu. Não endeusou. Fêz um retrato sincero do Brasil. Isso pouco antes da nova guerra mundial. De lá para cá, o nosso País tem passado por muitas modificações que não é de nossa alçada comentar e mesmo porque isso fugiria aos moldes dêste jornal, que é extritamente cultural.

Contudo, jàmais é tarde tornarmos a falar que hospitalidade não é, em absoluto, servilismo. Torna-se imperioso que acolhamos sòmente estrangeiros que saibam discernir uma cousa de outra. Como, por exemplo, Harnisch, um homem sincero que sabe distinguir quando uma pessoa é sincera e não servil. É dessas criaturas que êste gigante necessita para continuar a sua jornada para o amanhã.

A Semana Euclideana

(Conclusão da pág. 5)

provisório do rio que desce como se fôra duas lágrimas de sangue, deixadas pelo sertanejo exausto na-sua luta, pela sua terra, pela Pátria que êle, como nós, não troca por nenhuma outra do mundo.

Se chove, registra-se a antítese do quadro primitivo; por um milagre, de chofre, verifica-se a metamorfose esplêndida. O sertanejo é feliz, faz os seus bailes depois da safra algodoeira, cumpre a sua promessa de casamento e deixa que o tempo corra, não se preocupando com a outra sêca que em breve o irá surpreender, agora com grandes responsabilidades, porém, com mais bravura.

Vejamos como cantam os caboclos do nordeste, a odisséa de sua constante luta, em versos sentimentais e repassados de tristeza: Aqui estão uns versos de dois caboclos nordestinos, versos êstes extraídos do livro "A Paraíba e os seus Problemas", da autoria do sr. José Américo de Almeida:

É-me preciso mudar
Da terra que amo e moro
Terra que muito adoro
A minha pátria Natal,
Magino na beira mar
Me entristece o coração,
Lagadiço lamaceiro
Pois a fome não é pêca
Nesta tão terrível sêca
Foge o povo do sertão!

Ó, meu Deus, grande é o pecado
Dêste povo que é teu,
Morto de fome como eu,
Magro, nú e acabado!
Nem em casa nem no roçado
Não se vê não se acha pão
Não há mais que duro chão
Raiz de pau ou semente,
Morre se acaba a gente!
Foge o povo do sertão!

Foi-se a abelha, foi-se a caça
A quem se pede nega,
Não há ceifa não há rega
Como é que o povo passa?
Do cabrum há pouca raça,
Uma galinha não há
Como e povo viverá
Nesta terra? E os Animais?
Mas se Deus sabe o que faz,
Deus o remédio dará

Com razão, pais de aflagelas
Não teres trajes decentes
Que cubram as inocentes
Carnes das filhas donzelas
Seminuas saem elas,
Com a vista baixa no chão,
Se escondendo, entre os mais vão,
Dos olhos lágrimas correndo,
A quem encontram é dizendo:
Foge povo do sertão!

O Xique-Xique, mucunã
Raiz de umbú e colé
Feijão brabo catolé
Macambira imbiratã
Do pau pedra a Carimã
A paneira o murrão,
Manigoba e gordilio
Comendo isso todo dia
Incha e causa hidropisia,
Foge o povo do sertão!

Marchemos a encarar
Trinta mil epidimia,
Frialdade hidropisia
Que ninguem pode escapar.

Os que para o brejo vão
Morrem de epidemia;
Sofrem fome todo dia
Os que ficam no sertão
Neste pego de aflição
Vai o sertão ficar vago!
A memória tudo eu trago
Repassado de tristeza
Ó Deus que és pai da pobreza,
Dai-nos pão, dai-nos afago!

— — — — — — — — — — — — — — — — — — — —

O que é feito dos cangaceiros
Que dominavam o Teixeira?
Deu-lhes a fome uma carreira;
Foram esbarrar no lameiro,
Quedê homens de dinheiro
Que ralhavam no sertão?
Que é feito do valentão
Que sevava o guarda costa?
Vive tudo de mão posta,
Dizendo Deus, dai-nos pão...

O cangaceiro nordestino :— Digamos em poucas linhas o que é o mesmo.

O cangaceiro ou bandoleiro não é o que muita gente julga, uma espécie de monstro personificado, não, é êle, um pária da pátria. Antes de cair no cangaço como dizem no sertão, era um moço de bem, com raras exceções, trabalhador e honesto, muitas vezes era um chefe de família honrado e digno.

Mas não sabia ler, êsse flagelo que assola os nossos sertões é êmulo da sêca.

Como é horrível não se saber ler! Pois sim, o rapaz ou o chefe de uma prole numerosa, analfabeto, criou-se no sertão, se isolgeu triste como o seu destino, longe das escolas e da civilização, sofreu uma série de injustiças, inclusive traumatismos físicos e morais; o seu lar que na alocução eloquente de Rui Barbosa é a própria pátria, foi violado. Pronto, dêsse dia em diante, o sertanejo transformou-se numa fera bronta, e um homem, sem justiça, sem instrução, sem pão e sem lar, não há mais detê-lo nos seus instintos sanguinários, herdados do seu avô aborígene. Isso é sabido, porque, como afirmou Euclides da Cunha "a alma do matuto pode ir da extrema brutalidade ao máximo devotamento".

E assim se forjam os cangaceiros, no cadinho da injustiça e na retorta do sofrimento.

E os poetas caboclos — A dôr e o sofrimento são o apanágio da poesia. Se todo poeta é um louco, o sertão já estaria transformado num manicômio.

Desta feita, por exiguidade de tempo, não falarei em o vaqueiro do sertão, limitar-me-ei a ler um soneto do poeta piauiense Da Costa e Silva, intitulado o aboio, que é o cântico lamentoso dos vaqueiros quando tangem o gado sertão em fora.

Aqui está:

O sol desfaz-se em ouro nas quebradas
Surge a Lua de prata, além da serra,
Nos saudosos sertões da minha terra,
Pelo tempo feliz das vaquejadas

À hora azul do crepúsculo, as boiadas
Vêm chegando aos magotes para a ferra
em correrias num tropel de guerra,
Nuvens de pó formando nas estradas...

Mas, uma rês desgarra de repente;
No cavalo fogoso e mais ligeiro
Perseguem-na a correr, inutilmente.

Ouve-se o aboio no sertão inteiro
Volta a rês ao curral, pacadamente,
Vencida ao som do canto do vaqueiro.

Terminando aqui, ofereço aos ouvintes, dêste Brasil imenso, para que cada vez mais admiremos o que é verdadeiramente brasileiro, nosso de alma e coração, êstes versos do poeta caboclo Catulo da Paixão Cearense:

Basta de Pan, de Neptuno!
Deixa a Grécia! Deixa a Itália!...
Deixa a fonte de Castália
Que de há muito já secou!
Vem beber as águas frescas
De uma cacimba, que é tua
Onde à noite a nívea lua
Seus versos brancos deixou.

Musset, D'Annunzio e Leconte
Byron, Hugo, Campoamor
Já te imploram, por favor,
Que os deixes lá descansar.
Demos um pouco de tréguas
A tanta coisa estrangeira,
Que esta terra brasileira,
Tem muito e muito que dar...

Salve Ponta Grossa, Viva o Brasil, honras a Euclides da Cunha, o maior expoente de brasilidade das letras pátria!!!

Percursores da Independência

Escreve **Silvio Pedroso**

A nossa independência representa, antes de tudo, o coroamento de uma aspiração então dormente no imo dos brasileiros.

O despotismo português, o opróbrio, a punição de morte, a restrição da imprensa, foram os motivos que arrastaram os brasileiros a uma série de rebeliões. Rebeliões de alto significado, porque traduziam o brado de revolta de um povo infenso ao guante de um poderio nefasto, e articulado por espíritos solertes. Longe de ser uma idéia brotada, florescida de um dia para outro, ela constitúe um assunto todo especial e que carece de considerações.

Pensemos no Brasil de outrôra, nos primeiros séculos de sua formação, quando então a nossa Pátria não passava de um feudo de Portugal. Os brasileiros de então, através de movimentos revolucionários, ofereciam ptoqeu tríste que aspiravam, a todo custo, a tão decantada — independência.

A 16 de julho de 1720, em Vila Rica, estoura uma revolta visando a implantação da República, tendo por cabeça o denodado Felipe dos Santos. E ninguém ignora o destino cruel reservado àquele herói sem mácula, para o qual a História Pátria não cumpriu o resgate de uma homenagem devida. Felipe dos Santos, na situação de chefe dos revoltosos, teve a sua liberdade cerceada, sendo levado à presença do governador de Minas, D. Pedro de Almeida, conde de Assumar. Na situação de condenado e sob as vistas de altas autoridades, Felipe dos Santos deu a entender que desconhecia o servilismo e as suas últimas palavras encerraram um libelo ardente, entremeado da mais respeitável altivez. Sabendo o que estava reservado à sua pessôa, isto é, ser esquartejado vivo por 4 cavalos bravios, conservou até o último instante a mais viva e íntegra coragem que um ente humano pode oferecer aos pósteros.

— **"Morro sem me arrepender do que fiz e certo de que a canalha do rei há de ser esmagada pelo patriotismo dos brasileiros"**, disse Felipe dos Santos, o verdadeiro protomártir da independência. Posteriormente, estudantes brasileiros, por intermédio de intercâmbio com povos de além-mar, foram se inteirando das idéias luminosas defendidas por grandes enciclopedistas e filósofos da velha Europa. Dentro dessa sequência o movimento nativista aumentava gradativamente. E, nesse estado de coisas, não demorou muito para surgir mais um pugilo de idealistas, ilaqueados por um sentimento indivisível, — por uma flâmula, cujo dístico encerrava um alto significado: "LIBERTAS QUAE SERA TAMEN". Tratava-se da conjuração mineira, norteada por uma dezena de espíritos iluminados: poeta e advogado Cláudio Manoel da Costa, o ex-ouvidor Tomás Antonio Gonzaga; Alvarenga Peixoto; alferes de milícias Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) e muitos outros. A conjuração mineira, embreada com outras insurreições irrompidas no país e visando a liberdade nacional, traduz, com expressiva fidelidade, o espírito das armas brasileiras. A revolução pernambucana de 1817 constituiu, por sua vez, um lampejo de emancipação por parte dos brasileiros, ávidos de maior latitude de liberdade. Ninguém poderá negar que a imprensa, como lídima orientadora da opinião pública, contribuiu poderosamente para o advento da data que hoje comemoramos. Volvamos as nossas vistas para o grande Joaquim Gonçalves Ledo, ardoroso tribuno, chefe da maçonaria brasileira, considerado a pena máxima da independência. Foi essa inteligência peregrina que, aliada ao preclaro sacerdote Januário da Cunha Barbosa, bradara sempre contra a politicalha dos lusos, por intermédio da vibrante publicação — REVÉBERO CONSTITUCIONAL.

Foi êsse jornal que chegou a empolgar a opinião pública, contando ainda com a colaboração sensata do aclarado jornalista Evaristo da Veiga, considerado o patrono dos jornalistas do país. Ao lado do jornal de Joaquim Gonçalves Ledo, apareceram outros órgãos de nomes jocosos, sinão bizarros. O destemor dêsse intelectual, fê-lo insurgir-se contra o ministério Andrada, dando margem a um processo-crime de conspiração. Conta-se que Joaquim Gonçalves Ledo fugiu, envergando o hábito de padre. Entretanto, dentre as muitas pessoas que se fizeram solidárias às idéias daquele conspícuo beletrista, destacava-se a figura de José Clemente Pereira. Percebe-se perfeitamente que os precursores da independência política são muitos e todos êles pagaram caro o preço do ideal. Derramou-se muito sangue para escarmento dos rebeldes. Dentro dêste tópico, reverenciemos a memória dos lídimos precursores da independência: Felipe dos Santos, José Joaquim da Silva Xavier (Tiradentes), Bernardo Vieira de Melo, Padre Miguel de Melo, Padre Miguel de Almeida (Miguelinho), Joaquim Gonçalves Ledo, Padre Januário da Cunha Barbosa, Evaristo Ferreira da Veiga e outros.

E agora... como fêcho destas modestas linhas, tecidas em tôrno de um tema tão elástico quão importante, invoco a frase latina "AD AUGUSTA PER AUGUSTA", isto é, às alturas pelos caminhos difíceis.

Prenome ou Nome de Batismo

Grande número de pessoas ilustradas empregam o têrmo "prenome" em lugar de "nome de batismo", "nome de pia" ou, simplesmente, "nome", porém êsse emprêgo é de manifesta impropriedade. Basta atentar-se no "pre" que forma a palavra, para se certificar dessa impropriedade.

Que vem a ser "prenome"? No latim, "praenomen" quer dizer "nome que precede", "título de imperador". Di-lo o mais trivial dos dicionários latinos. E que vem a ser "nome que precede"? Respondam os melhores dicionaristas: "Entre os Romanos, título anterior ao nome." (Morais: "Dicionário", ed. de 1813, II, 493.) Isto é: **o nome que precede é um título.** E Morais exemplifica: **"Cachil entre os de Maluco é prenome, como entre nós o Dom."** Fale Santos Valente: "Título que precede o nome." ("Dicionário Contemporâneo", ed. de 1881, II, 1935.)

Eis aí: "Prenome" não é o nome, porém o título que antecede o nome.

Dir-me-ão que outros lexicógrafos registram o termo como "nome que precede o de família". Assim era, de fato, no Direito Romano: cofava-se o prenome antes do nome e do cognome ("a specificare l'individuo servira il prenomen, perchè si premettera al nome ed al cognomen"); mas hoje é diferente a denominação dos nomes personativos. Entre os Romanos, o **nomen gentilicium** era precedido de **praenomen: Marcus Tullius;** êste último, é o **nomen gentilicium.** Entre nós, o nome individual, que os cristãos recebem no batismo, é o verdadeiro nome; em seguida vem o **sobrenome,** que muitos denominam **apelido,** especialmente em Portugal, e que de ordinário designa a família. O nome interíjo do indivíduo diz-se "nome por extenso" ou "nome completo", vulgarmente "nome todo". Se se antepõe ao nome um título, como "professor", "doutor", etc., êsse título é que se chama legitimamente "prenome"; e se se lhe pospõe, dá-se a denominação de "alcunha", "apelido" (no Brasil), "cognome", "apodo", conforme os casos. Modernamente se criou para esta última denominação o neologismo "prosónimo" (Dr. Rebelo Gonçalves).

"Prenome" é o mesmo que "antenome" igual a título que precede o nome. Se juízes, advogados, jurisconsultos e promotores públicos empregam o termo "prenome" com a significação de "nome de batismo" ou "nome individual", é porque lêem muitos livros jurídicos franceses, obras de Direito escritas no idioma de Augusto Carlier e Garraud, e lhes fica no subconsciente gravado o termo com o significado de "nom de baptême".

Leite de Vasconcelos, que estudou magistralmente a ciência da Onomatologia, adota na sua monumental obra "Antroponimia Portuguesa" o termo "prenome" para designar o que vem antes do nome, a saber, o título, a designação de categoria, cargo, posto, etc. (axónimo), como diz expressamente: "Tanto o gramático quinhentístico João de Barros, como depois dele Ferreira de Vera, como Vilasboas, chamam **prenome** a Dom: "Quando digo **Dom,** entendo o **prenome**"; o prenome Dom", "êste prenome de Dom." Acho boa a expressão, e por isso a adoto, aplicada a **Dom** e **Dona** e às outras adições de que estou tratando. Cf. o há pouco citado comentador das Reflexões de Freire. Sendo **Cid** e **Senhor** sinónimos de **Dom,** diz Vera analogamente: "prenome de Cid", "prenome de Senhor" ("Antroponímia Portuguesa", ed. de 1928, pág. 18, n. 2. Nesta cita omiti, por brevidade, as indicações das obras dos autores mencionados)

No texto dessa obra magistral só se encontra o termo "prenome" na acepção de "axiónimo", isto é, "cargo", "posto", "dignidade", "categoria", "título", etc., do que boa prova sejam êstes excertos: "Dom..., um prenome honorífico, que vai no princípio ou imediatamente antes do nome próprio, o que nos seculares é o seu ordinário, ou antes ainda de outro prenome, por exemplo em **D. Frei Manuel...**" (In cod. loc.) — "Quanto a **Dona,** está de tal modo avitado êste prenome, que nunca seria ofensa chamar sem ele a mulher do mais imudente merceiro!" (Ibidem.) — "**Abade,** como **prenome,** usa-se pouco: **Abade Castro...**" (Ib., pág. 19.) — "Quando se adoptam as primeiras letras do prenome, põem-se a seguir: **Fr. Fulano, Prof. Fulano...**" (Ib., pág. 0, n.)

José Joaquim Nunes escreveu na "Revista Lusitana" (vol. 31 e seguintes) preciosíssimo trabalho sôbre "Os Nomes de Baptismo — Sua Origem e Significação", no qual nem uma só vez chama "prenome" ao nome baptismal.

Da mesma forma, Rosário Farani Mansur Guérios não designa por "prenome" o antropónimo em seu magnífico "Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes".

Nas "Reflexões sobre a Língua Portuguesa" de Francisco José Freire, a que se referiu Leite de Vasconcelos, lê-se isto: **"Prenome é** aquele título que precede ao nome, v. g., **Dom,** que precede ao nome de muitos fidalgos. Barros na "Década", 4, pág. 238, diz: "Entre os de Maluco há um **prenome** de honra, que é **Cachil Darcos, Cachil Vilaulan,** etc." (Veja-se a reimpressão dessa obra na "Revista de Portugal" n. 76, pág. 228.)

Já trouxe à balha o Morais, que no seu "Dicionário" (edição de 1813) denomina "prenome" os títulos honoríficos, e aqui está mais uma prova disso: **"Mossém.** Prenome, que se dava aos que não eram cavaleiros: v. g. **Mossém Ripalha.** B., **Gram.,** f. 80, diz que **Mossém** é prenome usado dos Aragoneses, como **Monseor** dos Franceses, e **Misser** dos Italianos."

E Rui Barbosa? Em que sentido empregou o eminente jurisconsulto a palavra "prenome"? Teria o termo para ele o significado de "nome baptismal" ou "nome individual"? Vejamo-lo. No seu "Parecer sobre a Redacção do Projecto da Câmara dos Deputados" ("Projecto do Código Civil Brasileiro"), anotando o artigo 246 (240 do Código Civil), escreveu: "toma o nome da família do marido." Pode acontecer que o marido não tenha nome de família, ou o haja repudiado. Em casos tais qual o nome, que do marido assume a consorte? O seu ou os seus apelidos. Ora sob o vocábulo **apelidos** se indicam os sobrenomes, cognomes, agnomes, isto é, nomes, de família, ou não, que se pospõem ao nome baptismal do indivíduo." No balaio da página 149 dessa obra (edição de 1902) cita Bluteau: "O **prenome** é o que antecede o nome próprio; o **cognome** é o que se lhe segue; o **agnome** é o que êste último vem se acrescenta, como se pode ver (trazendo por exemplo os **apelidos de hoje**) em D. Pedro de Castro e Saavedra, onde o **nome** próprio é Pedro, o Dom o **prenome,** o Castro o **cognome,** Saavedra o **agnome.**"

Certamente por considerar "prenome" como "título", Rui Barbosa nada anotou, quanto a esse termo, quando deu nova redacção ao artigo 199 e seus itens do projecto do Código Civil, onde quatro vezes figura o vocábulo "prenomes".

Os códigos civis português, italiano, argentino, mexicano e venezuelano, entre outros, não trazem "prenomes"; o italiano diz "nome e cognome"; e os demais, "nomes e apelidos". O francês é que usa: "L'acte de mariage énoncera: 1. — Les prénoms, noms, dates et lieux de naissance, domiciles et résidences des époux."

Em França, está bem, porque "nom de baptême" são, lá, "prénoms que les crétiens reçoivent au moment de leur baptême"; mas em nossa língua "nomes de baptismo" não são o mesmo que "prenomes". Desde João de Barros até Rui Barbosa e desde Bluteau até Santos Valente, não teve jamais solução de continuidade o uso de "prenome" com a significação de "título".

E muito para notar a influência do Código Civil francês no artigo 195 do Código Civil brasileiro, não obstante a cuidadosa revisão do purista Rui Barbosa: — "Não assento, assinado pelo presidente do acto, os cônjuges, as testemunhas e o oficial do registro" — argui a sintaxe francesa, que "Rui Barbosa (Observações") o Prof. Carneiro Ribeiro buscou evadir. Não foi aceita, porém, a sua emenda, prevalecendo a de Rui Barbosa, que não pode escapar a pecha de afrancesada.

Bem sei que hodiernamente "prenome" passou a ser sinónimo de "nome de baptismo" ou "nome individual", mas por influxo de leituras francesas. Sobre ser "verdadeiro galicismo nesta acepção, é termo que, desarte, se tornou dúplice no sentido, consequentemente impróprio do estilo forense e jurídico, detestável no estilo das leis. Doutra feita explicarei o motivo por que no dito artigo se colocou "prenome" depois de "nomes".

Eis o que, por enquanto, posso responder ao oficial do registro civil de minha terra natal, ao mesmo tempo que lhe recomendo instantemente aconselhe os interessados a recorrerem ao Poder Judiciário, como a todos os serventuários da Justiça recomendou o Sr. Desembargador Corregedor Guilherme Estelita, sempre que ocorrer dúvida acerca de grafia antroponímica, qual a do supracitado "Manoel Affonso".

JOSÉ DE SÁ NUNES

Ultimos Dias dos Holandeses no Brasil

(Extraído de uma conferência realizada pelo exmo. snr. Coro nel Dácio Cesar).

No dia 18, ao amanhecer, viram os holandeses que os pernambucanos haviam se escoado durante a noite, sem serem pressentidos por suas sentinelas, e agora ocupavam os canaviais do Engenho Velho dos Guararapes, nas abas sul dos Montes Guararapes, e daí aguardam o ataque dos holandeses. Este se limita da parte dos holandeses em alguns tiros de canhão. Os pernambucanos permanecem impassíveis.

No decorrer do dia Brink, depois de reunir seus capitães, resolve retroceder para o Recife, talvez com outros planos. Não quer porém sair à noite para não parecer que foge, e assim toma suas disposições de retirada de parte das fôrças, enquanto outra parte permanece em campo.

Barreto de Menezes sabe então aproveitar essa fase crítica; logo que vê querer o inimigo se furtar a combater em campo suplo, porquanto já o mercenário holandês demonstrava verdadeiro pavor ao grito de guerra "A Espada". E os nossos homens ardiam de impaciência em acometer e destruir o Hereje.

Assim, quando os holandeses já tinham parte retirada na várzea do Ibura, caminho à Barreta, parte descendo os morros, enquanto apenas uma pequena fração ocupava o desfiladeiro, dá ordens Barreto para que Vieira "picasse o inimigo pela frente" enquanto com tôdas as suas fôrças reunidas — 2.500 homens — se atira através o monte apanhado de flanco os regimentos que desciam, levando-os de roldão por sôbre os que já estavam em marcha. E a perseguição se efetua até a ponte da Barreta onde os holandeses se abrigam no forte lá existente.

Perdas holandesas: mais de mil entre mortos e feridos. Perdas dos luso-brasileiros: 45 mortos e 200 feridos. Brink morreu nessa batalha.

Após esta segunda derrota, é já então com a declaração de guerra entre Portugal e Holanda, foi o Pôrto do Recife realmente cercado por terra e por mar, e a 28 de Janeiro de 1.654 termina com a sua capitulação o período da ocupação holandesa, que durou 24 anos.

Assim hoje, na comemoração da passagem do tricentenário da primeira batalha dos Guararapes, cultuamos os nomes de João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros Henrique Dias e Felipe Camarão, as três raças que se uniram no sacrifício para expulsar do solo pátrio o conquistador batavo, e tão cedo proclamaram ao mundo a existência neste país, ainda recem-colonizado, de um vivo sentimento de amor à terra nativa.

Aos heróis daquela epopéia as nossas homenagens.

Rio de Janeiro — S. G. E. — Morro da Conceição.

Em 19 de abril de 1948.

Ernst Cassirer y la Unidad de la Cultura

Por M. A. Raul Vallejos

Ernst Cassirer en sus fecundas interpretaciones de los procesos culturales y del sentido evolutivo de la cultura, sostiene como idea central, la de la unidad de la cultura.

Después de sus provechosos análisis y sus valiosas aportaciones al estudio de la cultura en sus variados aspectos, destaca que el investigador tiene que descubrir y afirmar la unidad de toda la cultura humana.

No hay duda alguna, y según sus propias manifestaciones al ernst Cassirer, que tal unidad tiene un sentido dialéctico y filosófico. Por ello, no es tarea fácil a través de los complicados e intrincados problemas de la cultura, precisar su unidad y el desarrollo funcional de la misma.

Esta ha sido una de las tareas que con mayor capacidad y acierto ha cumplido el distinguido filósofo que acabamos de mencionar a través de las renovadas y cambiantes formas culturales, establece la unidad de la cultura. La amplitud de ese examen y la riqueza de sus consecuencias, es digna de poner de relieve, por el atractivo de las ideas directrices que presenta. Frente a ello, frente a la multiplicidad de sus corrientes, la idea de la unidad de la cultura, se sostiene por un proceso de carácter dialéctico:

E, Cassirer, advirtió el sentido filosófico y lógico de esa unidad. El mismo lo destaca con todo su razonamiento discursivo. A través de las obras de la cultura, del devenir histórico, toda ella evoluciona, manteniendo su unidad en sentido unitivo que resulta el atributo esencial.

El pensamiento de Cassirer, no ha tratado de pasar por alto, el hecho de que esa misma unidad, posea un sentido dialéctico y valga ante el criterio del mismo investigador como una "hipótesis de trabajo". No por esto, su tarea de descubrir los procesos culturales en sus escondidos mecanismos, lo hace alejarse del sentido de la unidad. Cassirer además, tiene una idea fecunda, al querer comprobar que existen entre las distintas formas culturales una "unidad interna". Mucho ha bregado en el sentido de tal comprobación, haciendo una análisis crítico de la cultura y contribuyendo con la solidez de sus razonamientos a la fundamentación de una antropología filosófica.

Ernest Cassirer, ha puesto la claridad de su inteligencia y la firmeza de sus conocimientos para sustentar una teoría unitiva de la cultura. Para el, solamente es posible interpretar los procesos de la misma, quien conjugue a través de la variedad y multiplicidad de los hechos, la unidad de las formas culturales.

Es preciso destacar que a través de la trascendencia espiritual de las ciencias y de las artes, el insigne profesor de la Universidad de Yale, descubre la presencia de cambiantes formas culturales. Pero, para E. Cassirer, las formas culturales son formas simbólicas. A tra-

(Concluí na página 20)

A Influência Indígena

O enriquecimento dos léxicos do castelhano e do português na América

Pelo Prof. A. Tenorio d'Albuquerque (gentileza do autor)

"La geografía y el léxico popular indoamericanos están sembrados de'voces de origen guarani. El castellano y el portuguès sufrieron, sin mengua para su sintaxis y para su vocabulario, la influencia del cautivante idioma aborigene".

(A. Jover Peralta, "El Guarani en la Geografia de América, pag. XVII, Editorial Tupã, Buenos Aires, 1950).

"Em Bolivia, en Perú, Ecuador, Colômbia, Venezuela y Paraguay sin duda alguma la mayoria de la población está formada por indios que han conservado casi intactas sus lenguas y sus costumbres".

("El Castellano en Chile", pag. 219).

Pedro Henriquez Urena distribuiu os países hispano-americanos em cinco zonas, de acôrdo com as línguas indígenas que mais influiram neles. (1).

São as seguintes, as zonas indicadas por Henriquez Urena:

1º.) Uma zona que abarca uma região bilingue do sul e suldoeste dos Estados Unidos, o México e as Repúblicas da América Central.

2º.) As três Antilhas espanholas, isto é, Cuba, Pôrto Rico e a República Dominicana, a costa e as planícies di Venezuela e a parte setentrional da Colômbia.

3º.) As regiões andinas da Colômbia, Equador e Perú, e a maior parte da Bolívia e o norte do Chile.

4º.) A maior parte do Chile.

5º.) A Argentina, o Uruguai, o Paraguai e a parte do suldoeste da Bolívia.

Os características de cada zona são consequências de sua conexão geográfica, dos laços políticos e culturais que uniram os seus povos na época da colonização e domínio espanhol e ao contacto com uma língua indígena principal. A primeira zona sofreu influência mais acentuada do náhuatl; a segunda, das línguas insulares; a terceira, do quíchua; a quarta, do araucano e a quinta, do guaraní.

Dentro de cada zona, podem ser observadas várias subdivisões. Na primeira, por exemplo, ademais do náhuatl, outras línguas indígenas, ainda são faladas, como evidenciamos no início dêste livro.

(1) : "Observaciones sobre el Espanol en América", in "Revista de Filologia Espanola", VIII, 1921).

No México, foi enorme a contribuição do **Náhuatl**, língua bastante culta, dos astecas, para o léxico espanhol. As denominações de inúmeras cidades mexicanas comprovam isso.

Pedro Henriquez Urana, à pág. XI e XII de "Espanol en Mejico, los Estados Unidos y la América Central" (Buenos Aires, 1938, Edição do Instituto de Filologia) escreveu:

"El léxico de origen náhuatl es enorme en el espanol de la "Mesa Central", la vasta planicie mejicana".

No Chile, diversas línguas indígenas, sobretudo o araucano (1), concorreram para engrandecer o léxico castelhano. Algum tempo depois de araucanos espalharam-se pelo sul da Argentina. (2).

É possível que o araucano tenha influído na pronúncia popular, segundo disse o Dr. Rodolfo Lenz." Creo muy probable que a pronunciación popular del espanol en Chile debe muchos de sus rasgos característicos a la influencia del araucano (3).

(1) — Se o araucano contribuiu para o enriquecimento do léxico espanhol, também o espanhol forneceu alguns vocábulos para o araucano.

Em "El Espanol en Chile" (vol. VI da Biblioteca de Dialectologia Hispanoamericana, Buenos Aires, 1940), encontramos à pág. 244 e seguintes, magnífico artigo do Dr. Rodolfo Lenz, intitulado: "Hispanismos, Léxicos en Araucano", em que o saudoso Mestre apresenta-nos dezenas de vocábulos castelhanos introduzidos no araucano.

No "Boletin de Filologia", (publicação do Instituto de Investigaciones Histórico-Culturales de la Facultad de Filosofia y Educación de la Universidad de Chile); tomo V, pág. 115 e seguintes, lemos, sôbre o assunto, um trabalho "Hispanismos en el Mapuche", de Wilhelm Gise, seguido de eruditos comentários do ilustre Professor e meu eminente amigo, Dr. Rodolfo Oroz, catedrático de Filologia da Universidad de Chile.

É oportuno lembrar que, em uma de suas imigrações, índios guaraniís saídos do Brasil encaminharam-se para a Argentina, cruzaram a cordilheira dos Andes, nos bosques do Bio-Bio e estabeleceram-se na Região ora denominada Araucania, entre os rios Bio-Bio e Bueno. (Vide A. Jover Peralta, "El Guarani en la Geolgrafia de América", pág. XIII e Benjamim Subercasseaux, "Chile o una geografia loca".

Walter Krickeberg ("Etnologia Americana", pág. 225) include os araucanos no grupo de las cordilleras, situando-os equivocadamente entre o norte do Chile e o noroeste da Argentina.

(2) — Escreveu o Padre Guillermo Furlong, I. J.: "Las guerras que los espanoles hacian al sul de Chile contra los obstinados araucanos si bien a los unos los excitaba más y más contra el contrario, a los otros los desplazaba de allen da Cordillera, y en busca de paz ynsosiego penetraban en lo que es hoy territorio argentino, mezclandose con las que alli nes que ezistian en el mismo".

("Entre los Tehuelches de la Patagonia", pág. 17, Talleres Graficos San Pablo, 1943.

O Padre Guillermo Furlong é autor de excelentes livros sôbre os indígenas da Argentina, com os quais tem convivido. Tivemos o prazer de apresentado ao ilustre etnólogo, no Colégio El Salvador, de Buenos Aires, depois de uma conferência que tivemos a honra de fazer naquele famoso educandário.

(3) — "El Espanol en Chile", pág. 229.

Sôbre a influência do araucano no espanhol do Chile, é indispensável a leitura do notável trabalho do Dr. Rodolfo Lens "Diccionário Etimológico de las Voces Chilenas Derivadas de las Lenguas Indígenas" (2 volumes, publicado em 1905 e 1910, com VI-938 páginas. Imprenta Cervantes).

É livro fundamental para o estudo da evolução do castelhano no Chile e para o estudo da influência das línguas indígenas nos idiomas dos conquistadores.

Em 1912, o Dr. Rodolfo Lenz publicou em Buenos Aires, "Los Elementos Indígenas del Castellano en Chile" É um trabalho reduzido, mas em nêle estão indicados cêrca de 600 palavras oriundas de línguas indígenas.

Com o título de "Chilenische Studien", o Dr. Rodolfo Lenz publicou uma série de ótimos trabalhos de investigação em "Phonetische Studien", de Wilhelm Victor (Marburgo, 1892-1893). Alguns dêsses trabalhos do Dr. Lenz foram reproduzidos em "El Espanol en Chile" (Vol. VI da Biblioteca de Dialectologia Hispanoamericana, Buenos Aires, 1940).

Trabalhador infatigável, possuidor de magnífica erudição, o Dr. Rodolfo Oroz, Diretor do Instituto de Filologia de Santiago, Membro da Academia Chilena de la Lengua, publicou "Bibliografia del Espanol en Chile", da pág. 301 a 324, de "Espanol en Chile" (Buenos Aires, 1949, Edição do Instituto de Filologia.)

Através da compilação do eminente filólogo chileno Dr. Rodolfo Oroz, vemos a pertinácia com que é estudada a transformação do espanhol no Chile. São numerosos os livros sôbre a matéria, já publicados.

Nos escritores chilenos, por vêzes, deparam-se-nos termos originários de línguas indígenas. Entre outros escritores chilenos, em que são frequentes os americanismos, citamos: Victor Fonmigo Silva, que, em "Palomita Brava", traz um vocabulário de regionalismos usados no texto, com 12 páginas (Edição Nascimento, Santiago, 1923, 237 pág.) Em "Pampa Trágica" e "Golondrinas de Invierno", também Victor Domingo Silva empregou numerosos americanismos.

Albert Blest Gana, considerado como melhor novelista chileno, do século passado, segundo o Dr. Rodolfo Oroz, disseminou crescido número de americanismos, nas lindas páginas de seus livros.

Marta Brunet, fulgurante figura de intelectualidade chilena, ex-aldida Cultural da Embaixada do Chile em Buenos Aires. Entre outros livros dela, temos: "Montana Adentro" — (Editorial Nascimento — Santiago, 1933, 107 páginas), magníficas de emoção, cheias de beleza, traçadas magistralmente, e "Humo Hacia el Mar", Editorial Losada, Buenos Aires, 255, pág. Em ambos há um vocabulário no final. (1).

(1) — Dr. Guillermo Rojas Carrasco, diz o seguinte dos contos de Marta Brunet, pág. 81 de "Cuentistas Chilenos" (Imprenta Cultura, Santiago, 1936:

"... despiertan el regosijo y la simpatia del lector, poorque reconoce en sus personajes seres reales y acciones verosimes y humanas, retratandolos unos y escritas otras, con soltura y elegancia, de lenguaje fina observación y una suave emotividad".

Julio Kloques Campos, Luiz Durant, Román Vial, Daniel Riquelme, Baldomero Lillo, Joaquim Eduardo Bello, Federico Gana, Manuel Rojas e tantos outros, que cooperaram para a formação da literatura regionalista chilena, onde encontramos páginas e páginas de intensa vibração.

Merecem referidos, os dois livros de A. Acevedo Hernández:

"Los Cantores Populares Chilenos" (Santiago, 1933, 296 páginas) e "Cancionero Popular Chileno" (Santiago, 1939, 193 páginas), nos quais encontramos, ao lado de vários termos arcaizadoã na Espanha e conservados na América, numerosos americanismos.

Na Argentina, sobretudo em escritores correntinos (minha avó era de Corrientes (1), assinalam-se à farta vocábulos originários do Guarani.

O Guaraní é lingua de uso quase generalizado, na Província de Corrientes. Raro é o correntino que não fala com desembaraço o Guaraní. O Guaraní é cultivado na Província de Corrientes, onde existem vários centros para o estudo do aludido idioma, os quais promovem festas literárias, etc. Em Buenos Aires, há o Centro Paraguayo Correntino e La Pena Correntina (2), onde se realizam lindas festas artísticas, com música, declamações, discursos, etc. em guaraní.

Em Passos de los Libres, diz-se-me um querido amigo, o distinto Coronel Abelardo de la Vega, não serem raros os casos de homens incorporados às unidades alí estacionadas, que só falavam o guaraní, com poucos conhecimentos do castelhano.

Juan V. Selva, prestigioso filólogo argentino, conta-nos à página 126 de "Crecimiento del Habla" que, estando em Iguazu, dirigiu-se em castelhano a um peão e não foi compreendido. Tornou-se necessário um intérprete traduzir a sua frase para o guaraní. Ele estava diante de um argentino que desconhecia o castelhano, que só falava o guaraní!

(1) — Meu saudoso pai publicou uma gramática e um vocabulário guaraní, língua que falava fluentemente. Com minha avó e com minhas tias avós, que eram correntinas, no mais das vêzes êle falava só em guaraní. Além do Guaraní, êle falava correntemente: português, espanhol, inglês, francês e alemão. Colheu-o a morte quando estava aperfeiçoando-se em hebraico. Havia, também, estudado grego, italiano e sânscrito.

(2) — Em abril dêste ano (1952), honramo-me o Centro Paraguayo Correntino e La Pena Correntina promovendo encantadoras festas em homenagem a mim. Tive a honra de ser saudado em guaraní pelo notável intelectual paraguaio Dr. Jover Peralta.

Em Corrientes e Missiones, posso afirmar que o Guaraní continua vicejante em tais regiões argentinas, fato que ignoram muitos dos nossos **indianistas (?)**.

São numerosos os topônimos argentinos originários do Guaraní.

Sôbre o assunto, merece especial referência o excelente trabalho "Dicionário Geográfico de las Gobernaciones Nacionales", em 2 tomos, publicados pelo Congresso Nacional de Educación (Buenos Aires, 1941).

"No Dicionário Geográfico de las Governaciones Nacionales", encontramos centenas de topônimos indígenas com indicação da língua de que procede e com a sua significação.

O primeiro tomo (200 páginas), se refere-se a Missiones, Chaco, Formosa e Andes.

O segundo tomo (260 páginas), refere-se a: La Pampa, Rio Negro, Neuquem Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego.

Outro excelente livro, em que podemos ver a influência nas línguas indígenas no falar argentino é o "Vocabulário Geográfico" de autoria do notável professor argentino Felix Coluccio. É edição da Libreria y Editorial El Ateneo (Buenos Aires, 1945, 288 páginas). (1).

Para julgar-se da enorme contribuição das línguas indígenas para o léxico do castelhano falado na Argentina, basta a leitura do magnífico livro "Idiomas Aborígenes" de autoria do erudito americanista Carlos Abregú Virreira, (Buenos Aires, 1934, Editorial Espasa Galpe).

Neste notável trabalho, são estudados vocábulos originários de idiomas indígenas eruditamente explicados.

Felix Coluccio é autor de outro valioso livro: "Dicionário Folclórico Argentino" (Buenos Aires, 1948, Editorial El Ateneo, 2ª. Edição 308 páginas).

Apesar do título, contém o "Dicionario Folclórico Argentino" numerosas biografias de não argentinos, inclusive de alguns brasileiros, entre os quais temos a honra de figurar.

Em parte da Argentina, assinala-se a influência do Guaraní, em outra parte prevalece o Quichua.

Na província argentina de Salta, há predominância da

(Cont. na página 21)

Ernest Cassirer y la Unidad de la Cultura

(Conclusão da página 19)

vés de ese mundo simbólico, própio y personal del hombre, se desarrolla la vida del ente metafísico. Una interpretación total de las formas simbólicas, es el objetivo de una antropología filosófica.

Con la antropología filosófica, se trata de precisar el sentido de la unidad de la cultura. Se trata de una unidad, donde aparecen evidentemente, variedad y multiplicidad de elementos y dice al respecto Ernest Cassirer: "Tal unidad no presupone una homogeneidad de los diversos elementos en que consiste. No sólo admite sino que requiere una multiplicidad y multiformidad de sus partes constitutivas. Pues se trata de una unidad dialéctica, de una coexistencia de contrarios". Y luego agrega: "Las diversas formas de la cultura humana no concuerdan por una identidad de su naturaleza sino por una conformidad en su misión fundamental. Si existe un equilibrio de la cultura humana, únicamente podrá ser descrito como un equilibrio dinámico y no estático; es el resultado de una lucha entre fuerzas opuestas". (Cassirer: ANTROPOLOGIA FILOSOFICA, pagina 402. Versión espanola de Eugenio Imaz. Fondo de Cultura Econômica. México, 1945).

De esta suerte, el distinguido profesor de la Universidad de Yale, nos revela que la unidad de las partes constitutivas de la cultura, consaldan una unidad dialéctica. La obra realizada por Cassirer, nos demuestra que ha tratado el aspecto histórico de semejante unidad. No olvidemos frente a ello, que tal unidad debe ser apoyada en razonamientos discursivos, lo cual indica que tal unidad puede lograrse mediante el desarrollo de una filosofía antropológica, refiriendo la misma al valor de la obra realizada por el hombre y el carácter funcional de las formas simbólicas.

Santa Fé (Argentina), 1949.

Biblioteca do Centro Cultural «Euclides da Cunha»

Livros recebidos até o mês de Abril (Ofertas diretas):

Bibliografia de Joaquim Nabuco, oferecido pelo Snr. Borell du Vernay; História de Literatura Grega, por Carlos O. Müller; El Arte Gótico, por Lucio R. Soto; Libro de las Atlántidas, por Vivante e Imbelloni; Obras Completas de Sá Miranda; Autobiografia de la Tierra, por John Bradley; Poemas Lusitanos, por Antonio Férreira; A Cidade Antiga, por Foustel de Coulanges; Ilusão, por Emiliano Pernetta (obra raríssima); Luar de Ultverno, por Silveira Netto (idem); Emiliano Pernetta, por Andrade Muricy (idem); Um Mestre do Jornalismo, por Raul Gomes; Sociologia, por Gilberto Freyre.

Todos êstes livros gentilmente oferecidos pelo Professor Dr. Raul Gomes.

Viviendas, Amueblamiento, Decoración, por Raul C. Borruat; Do Recôncavo aos Guararapes, por Antonio de Souza Júnior (oferecido pelo snr. Major Murilo de Barros); Frutos da Terra, por Oswaldo Soares; A Hora Eterna, por José Miranda de Castro (todos oferecidos pelo snr. Princelívio Miranda; Revista do Arquivo Municipal de São Paulo n. 135 e 136 (oferecidos pelo Dr. Nuto Santana; Palestras de Higiene, por Savino Gasparini; Lo que Piensan Las Mujeres, por Helena A. Lecaros; Paz en la Tierra, por Elemér Miklós; El Buen Decorado del Jóven, por A. Pereira Alves; A Esperança, por André Malraux; Kori Tcica, por Nestor Ortuno; Memórias de um Mascate, por Tanus J. Bastãni; El Desarrollo de las Ciencias en Suecia; Sinos de Ouro Preto, por Brito Machado (todos oferecidos pelo Barão Elias Domit); Quando o Brasil Amanhecia, por Alberto Rangel; A Velhice do Padre Eterno, por Guerra Junqueiro; Hamlet, de Shakespeare; Bandeiras e Bandeirantes, de Romário Martins; Música do Brasil, por Mário de Andrade; O Negro na Vida Social Brasileira, por Hadock Lobo; Cultura Hispano-Americana, por Braulios Sáez; A Procura da Eterna Juventude, por J. C. Drakenberg; Indiolola, por Adriano Costa; A Sombra de Julio Frank, por Afonso Schmidt; Introdução à Política Científica, por Pontes de Miranda (todos oferecidos pelo Dr. Faris Antonio S. Michaele); O Cinquentenário de Belo Horizonte; Mensagem à Bahia; A Influência do Índio na Língua Portuguesa, Nelson de Senna (todos oferecidos pelo autor, Prof. Nelson de Senna); Cuentos y Fábulas Morales, por Francisco Xavier Branda; Aurora de Luz, por J. J. Mendieta Astorga; Anuário do Museu Imperial e Die Grundlagen der Kulturen, por Max Spindler (oferecidos pelo Barão Elias Domit); Aire de Palomas, Por Nélida Aurora Oviedo (oferecido pela autora); Los Sembradores de Estrellas e Semblanza del Gal. San Martin, por G. P. Monti (oferecidos pelo autor); Fausto, de Goethe (oferecido pelo Snr. Major Grott); Correspondência de Machado de Assis, por Graça Aranha; Psicologia das Multidões, por Gustavo Le Bon (oferecidos pelo Snr. Laudelino Fernandes); Seleções de Português Prático, por Odacir Beltrão (oferecido pelo autor); O Apóstolo, por Hall Caine; Hambre, por Knut Hamsun; Tempo precioso Adelino Magalhães (oferecidos pela União Panamericana de Washington); Cecilio Acosta, por E. A. Gomes; Antologia del Cuento Americano, por Bernice Matlowski; Boletim de Ciência e Tecnologia; El Nino de Uno a Seis Anos, por Kath. Lenroot; Adebação e Calagem de Trigo, por Henrique Pereira (oferta do autor); Rumor de Asas, por Lacyr Schetinno (oferta da autora).

Revistas, Jornais e Outras Publicações:

Continuamos a lista das publicações que êste Centro vem recebendo:

"A Semente", revista mensal, que se edita em Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro. Excelente e escolhido texto literário, pelo que, sem dúvida alguma, se lhe pode augurar um futuro brilhante no cenário das letras pátrias. Diretor: Francisco Mendonça.

"Instituto de Cultura Americana", mensagem de seu diretor, o Prof. Francisco Pablo Labombarda, uma das grandes expressões da cultura continental. Reside em La Plata, Argentina.

"Fi", órgão oficial de assistência social de Itajubá, Minas Gerais. Contém preciosas colaborações sôbre vários assuntos, assinados por penas brilhantes, como a do Tte. Coronel Arlindo Vianna, abalizado tupinológo.

Universidad de San Carlos, Guatemala

Substanciosa revista daquela famosa universidade. É dirigida por Carlos Martínez Durán. Dentre os numerosos trabalhos culturais, destaca-se o do nosso sócio correspondente, Prof. Raul Vallejos, que trata da Gravitação de Einstein, magistralmente discutida, do ponto de vista filosófico, pelo grande intelectual argentino.

"Revista do Centro de Letras do Paraná", Curitiba, Paraná. Sob a orientação da prestigiosa intelectual patrícia — Senhorinha Leonor Castellano, acaba de reencetar a sua marcha vitoriosa a esplêndida revista de tradicional sodalício de Curitiba. As figuras máximas de ambos os sexos, no cenário das letras, aí aparecem abrecevendo trabalhos de importância.

"Lince", revista de Juiz de Fora, Minas Gerais. Dirigida por Jesús de Oliveira. Como de costume, com material variado e interessante, o que bem diz da vida intelectual da renomada cidade mineira.

"P. E. N. Clube do Brasil" (Boletim). Balanço das atividades anuais da inigualável agremiação dos intelectuais brasileiros, núcleo do grande P. E. N. internacional. O seu diretor, Dr. Claudio de Souza, é vulto dos mais esclarecidos e conceituados da intelectualidade continental. Daí compreendermos, fàcilmente, porque a agremiação progride, de ano para ano. Basta dizer que atualmente os sócios correspondentes, no Brasil, são mais de oitenta nomes, quase todos, de primeira plana.

"Boletin del Instituto de Experimentación Educacional", Lima, Perú. Órgão de transcendental importância, com as mais recentes tendências no setor educacional. Dirigido pelo Prof. Nicanor Rivera Cáceres, nosso erudito Socio Correspondente na Capital Peruana.

Até conheço de Abril.

A Influência Indígena

(Conclusão da pág. 20)

língua Quíchua, bem como nas de Tucuman, Santiago del Estero e Jujui (desconhecemos esta última.

José Vicente Solá, no Diccionário de Regionalismo de Salta (Edição Oficial, Buenos Aires, 1947), escreveu à página 9: "Es el elemento **quichua** el que predomina em ciertas regiones del territorio linguistico de mi provincia, y esto se explica por razones etnicas. Se conservan hasta hoy términos insubstituibles, que no han sufrido alteración alguna".

A província de Salta fica no extremo noroeste da Argentina, nos limites com a Bolívia. Os saltenhos, em sua maioria, conservam os seus hábitos gauchescos. Em Salta, vimos numerosas pessoas com vestes típicas de gaúcho, assim como tivemos oportunidade de encontrar muitos saltenhos que falavam correntemente o **quichua**, com mais desenvoltura que o castelhano.

Assistimos a uma festa campestre em que ouvimos dezenas de canções acompanhadas em côro, em língua quíchua (1).

O famoso general Guemes, que tanto se distinguiu na guerra da Independência, comandando um famoso regimento de gaúchos, era de Salta.

Na província de Santiago del Estero, também, o quíchua é bastante falado ainda, inclusive por pessoas de grande cultura. Lá tivemos oportunidade de verificar isso. Em festa que a generosidade dos corações argentinos nos ofereceu em Termas do Rio Hondo (2), ouvimos diversas canções quíchuas acompanhadas em côro, assim como numerosos estudantes conversando, em língua quíchua.

(1) — Em Salta, conseguimos gravar em disco, um diálogo em Quíchua e uma canção com côro. Aproveitaremos os discos para estudos futuros.

Na província de Corrientes, conseguimos gravações e diálogos em Guaraní, que pretendemos utilizar para estudos comparativos com observações feitas em tôrno do Guaraní falado em Mato Grosso. Os nossos **indianistas** de gabinete acharão graça em nosso trabalho e continuarão decorando Montoya, Anchieta e outros da mesma época. Preferimos viajar pelo interior, fazer observações nos locais, em contacto com pessoas do interior, inclusive com índios! Muitos dos nossos indianistas são viajantes que poderão imitar **Xavier de Maistre** e escrever **uma... Viagem em tôrno do meu quarto.**

(2) — Ao chegar às Termas do Rio Hondo, fôi-nos entregue, devidamente autenticado, o seguinte decreto aprovado pela Comisión Municipal de Termas do Rio Hondo.

"Comisión Municipal de Termas do Rio Hondo.

Santiago del Estero.

VISTO: Que lamisión de acercamiento cultural y confraternidad integrada por intelectuales, estudiantes y obreros Brasilenos presididos por el Professor Arcy Tenório D'Albuquerque, nos dispensaram con su presencia un grato momento en el dia de manana 22 de Julio.

CONSIDERANDO: Que es deber de los Poderes Publicos, fomentar y estrechar los vinculos interamericanos dentro de lo possible y para bi en general, en uso de sus atribuicíones.

El Presidente de la Comisión Municipal

DECRETA:

Art. 1º. — Declarar Huéspedes de honor a la Misión Cultural y de Confraternidad, integrada por intelectuales, presidida por el Professor Arcy Tenório D'Albuquerque, que nos visita el dia de manana 22 de Julio, la qual arribará a las once horas aproximadamente.

Art. 2º. — Declarar, feriado en las oficinas de la Municipalidad desde las 10 horas, en adelante, en homenaje a los ilustres visitantes.

Art. 3º. — Designar al Senor Secretário de la Comisión Municipal don Antonio Mera (por indisposición de su Presidente) haga uso de la palabra dando la bienvenida a los ilustres visitantes.

Art. 4º. — Oferecer-lhes una recepción, consistente en una asado a la ciolla, servido en el Ranchó de dona Maria.

Art. 5º. — Los gastos que demanden en el cumprimento del presente decreto se imputaran a rentas generales.

Art. 6º. — Hágase entrega de una copia legalizada del presente decreto ao Senor Presidente de la Misión.

Art. 7º. — Comunique se, publíquese y arquívese.

Las termas do Rio Hondo, 21 de Julio 1949.

Amador Vidal

Presidente de la Comisión Municipal".

Em nosso livro "De Buenos Aires aos Andes", descrevemos esta festa. No mesmo livro, expomos o caso de uma Senhora paulista que encontramos em Termas de Rio Hondo", que falava correntemente o Guaraní e o Quíchua, o que foi testemunhado pelos nossos companheiros de viagem.

Carlos Abregú Virreira escreveu, referindo-se à sua cidade natal, (1) Anatuya, na Província de Santiago del Estero:

"Centro de aluvión donde el quíchua y el guaraní son tan corrientes en el hablar popular como el castellano".

("Idiomas Aborígenes", página 15).

São palavras que bem demonstram a vitalidade das línguas indígenas em Santiago del Estero (2).

(1) — Em Buenos Aires, certificamo-nos que Carlos Abregú Virreira, embora se diga argentino, é boliviano, natural de Cochabamba.

(2) — O Dr. Oreste di Lullo, notável folclorista e lexicólogo santiaguenho, escreveu um magnífico livro "Cancionero Popular de Santiago del Estero". (Edição da Universidad Nacional de Tucuman, Buenos Aires, 1940, 524 páginas), através do qual vemos como perdura a influência quíchua no castelhano e pode julgar-se da vitalidade daquele idioma.

Nas últimas páginas, Oreste di Lullo apresenta-nos "Cancionero Quíchua", interessante conjunto de poesias em Quíchua.

A repercussão de "TAPEJARA" pela América e Estrangeiro em geral

"Tapejara" continua tendo a mais franca acolhida pelo Brasil e países estrangeiros.

Damos, hoje, a lista das pessoas, entidades culturais, órgãos de imprensa, etc., que nos honraram com notas, artigos, telegramas, cartas e palavras de estímulo em geral, aos quais consignamos os nossos agradecimentos:

Rio de Janeiro: General João Pereira de Oliveira, Coronel José Rodrigues da Silva, Isaias Ramires, Dr. Cláudio de Souza, Dr. Mário Lins, Senador Flávio Guimarães, Dr. Arnaldo S. Thiago, Luís Chávio, Prof. Angyone Costa, Dr. Leví Carneiro, Dr. Meira Penna, Boletim do P. E. N. Clube do Brasil, Prof. Maurício de Medeiros (em artigo publicado na "Gazeta" de São Paulo, Prof. Alcântara Nogueira, Madame Sereth Neu (tradutora de "Os Sertões" para o francês), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Dr. Paul E. Morin (Embaixada do Canadá), Desemb. Cristóvão Castelo Branco, Cel. Moisés Castelo Branco, Prof. Dr. José de Sá Nunes, Dr. Renault Leite.

Estado do Rio: Lacyr Schettino, Dr. Hélio Chaves (Petrópolis), Sr. Pedro Guedes Alcoforado.

São Paulo: Prof. Fernando de Azevedo, Dr. Francisco Patti, Prof. Séneca Fleury, Prof. Donald Pierson, Prof. Taufik Korban, Ulisses Diniz, "Letras da Província", de Limeira, Dr. Oswaldo Galotti, da Casa de Euclides, Prof. Plínio Ayrosa, Sílvio Pedroso (Sorocaba), Dr. Aureliano Leite, Dr. José Honório de Silos, Prof. Venicio Rocha dos Santos, Prof. Agripino Ribeiro, "Gazeta do Rio Pardo", Prof. Egon Schaden, Prof. Herbert Baldus, Prof. Roger Gastide.

Curitiba: "Centro de Letras", Revista do mesmo, "Revista do Clube Curitibano, Dr. Raul Gômes (com vários e valiosos donativos), Dr. Durval Borges, Dr. Rodrigo Júnior, Dr. Elias Karam, Leonor Castellano, Leonardo Henke, Prof. Milton Carneiro, "Academia de Letras José de Alencar", Revista "Guafra", Dr. Tito Galvão Filho, Sr. Leonardo Henke, "A Tarde", "Diário da Tarde", Prof. Aleyone Veloso, Gal. Pedro Gay, Dr. Serafim França.

Paraná em geral: Prof. Elias Domingos, "O Tibagí", Arno J. Burmeister, "Letras da América", do Barão Elias Domit, Snr. Pedro Novais, Dr. Luiz Albuquerque, Dr. Augusto Rocha, Dr. Rui N. Miranda, Prof. Mansur Guérios.

Rio Grande do Sul: Dr. Alvaro Pôrto-Alegre, Dr. Rui Amaral Prado, Prof. Odacir Beltrão, Museu Júlio de Castilhos, Prof. Dante de Laytano.

Pernambuco: Dr. Mário Melo, Prof. Gláucio Veiga, Coronel Leônidas Lima Botelho.

Mato Grosso: Raymundo Maranhão Ayres.

Minas Gerais: Prof. Nelson de Senna, Tte. Coronel Arlindo Vianna, Prof. Tenório d'Albuquerque, Snr. José Lourenço de Miranda, Snr. Jesús de Oliveira.

Pará: Sarg. Lauro Soares, Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Academia Paraense de Letras.

Espírito Santo: Snr. Jayme Duarte Nascimento.

Uruguai: Clotilde C. de Peres, González Barbé, Atílio

(Conclui na página 22)

O Fato Social

(Conclusão.

prias. Essas representações coletivas que constituem a realidade social e se revelam ora cristalizadas em instituições, ora atuais e vivas, como movimentos e tendências, "são comuns aos membros de um grupo social dado, transmitem-se de geração em geração; impõem-se aos indivíduos e não dependem deles para existirem, não "porque impliquem um sujeito coletivo distinto dos indivíduos que compõem um grupo social, mas porque se apresentam com caracteres de que não se pode compreender a razão pela só consideração dos indivíduos como tais. É assim que uma língua, como ainda observa Levy Brühl, embora não exista a bem dizer senão no espírito dos indivíduos que a falam, não é menos uma realidade social indubitável fundada sôbre um conjunto de representações coletivas, pois se impõe a cada um dêsses indivíduos, preexiste-lhe e lhe sobrevive".

Se essa síntese **sui generis** que constitue tôda a sociedade, argumenta E. Durkheim, desprende fenômenos novos diferentes daqueles que se passam nas conciências solitárias, é preciso admitir que êsses "fatos específicos residem na sociedade mesma que os produz, e não em suas partes, isto é, em seus membros". Êsses fatos exteriores às conciências individuais, consideradas como tais, "não diferem sòmente em qualidade dos fatos psíquicos: psíquicos de certo modo, pois que consistem todos em maneiras de pensar e de agir, têm um outro **substrátum**; não evoluem no mesmo meio nem dependem das mesmas condições", produzindo-se e modificando-se sob a influência de condições sociais determinadas. São "maneiras de pensar, de sentir e de agir", pelas quais se manifesta a mentalidade dos grupos, com suas leis próprias, e que "apresentam essa propriedade notável de existirem fora das conciências individuais. Não poderiam confundir-se com fenômenos orgânicos, pois que consistem em representações e ações; nem com os fenômenos psíquicos, que não têm existência senão na conciência individual e por ela; constituem uma espécie nova e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de **sociais**".

Os fatos sociais têm, portanto, uma realidade objetiva e um caráter específico, irredutível, fundamental. Se a linguagem, as idéias morais, as práticas da vida religiosa, e, em geral, tôdas as crenças ou maneiras de conduta estabelecidas pela coletividade (instituições), o indivíduo as encontrou, ao nascer, inteiramente feitas, e as recebeu pela educação, e, portanto, por vía social, "se elas existiam antes dele, é porque, como observou E. Durhein, existem fóra dele". O que significa que essa realidade social, ainda que penetrando a conciência, lhes fica de algum modo exterior. Exterior e superior aos indivíduos que compõem o grupo, ela consiste em maneiras de pensar, de sentir e agir, que são dotadas de um poder de coerção em virtude da qual se impõem aos indivíduos e que, realizando-se nas conciências e pelas conciências individuais, ultrapassam o indivíduo no tempo e no espaço. Êsses fatos distinguem-se, pois, pelo seu caráter coletivo, isto é, por serem fatos pertencentes **a um grupo como grupo**, e pelo seu poder de coerção, isto é, por serem sujeitos a sanção social, difusa, como a da opinião pública, que não tem órgão especializado, ou organizada, quando administrada por órgãos definidos, como os tribunais.

"Todo o real, lembra M. Déat, citando A. Comte, comporta planos que se elevam e se condicionam, mas sem que o inferior baste a explicar o superior. Há na síntese alguma coisa mais do que em seus elementos. Ela por que o orgânico ou o biológico, assim como o meio físico podem certamente condicionar o social; o que não impede ao social como tal gozar de uma independência verdadeira e escapar a um determinismo materialista. Assim também a respeito das conciências individuais; está entendido que a sociedade está composta de indivíduos: isto não quer dizer que a sociedade se resolva, na análise, nessa pluralidade psíquica". Assim como os fatos psicológicos dependentes de uma coletividade de indivíduos (psicologia social ou coletiva) não se podem explicar pelos fatos psicológicos individuais (psicologia individual), a maioria de cujas questões se prendem em parte ou totalmente à psicologia coletiva, assim também os fatos de interação mental, que constituem a "condição" necessária à produção do fenômeno social, não bastariam para explicá-lo. Se os fatos sociais, por outras palavras, não se podem realizar senão através dos indivíduos, são-lhes, todavia, exteriores; e se têm, na sua substrutura, o meio físico, o biológico e especialmente a vida de relações interindividuais, não se confundem com fenômenos físicos e bio-psicológicos que residem na base, como condições essenciais à sua produção e fatores de seu desenvolvimento.

WALFRIDO PILOTO

(Conclusão.

controu nêle um esplêndido amigo e colaborador, saudam o eminente pensador brasileiro e registram, com especial agrado e reconhecimento, tudo quanto tem realizado em benefício de Ponta Grossa e da sua cultura.

A REPERCUSSÃO...

(Conclusão da página 21)

Verdecanna, Dr. Santiago Gastaldi, Dr. Ariel Bouchaton Martini, Prof. Eugen Relgis, Juan Antonio González, Dr. Héctor Strazzarino.

Perú: Rafael Larco Herrera, Prof. N. Rivera Cáceres, Snr. Oscar Ponce de León, Snr. Carlos Alberto Fonseca.

México: Prof. Ana Gómez Mayorga, Dr. Fortino Ibarra de Anda.

Cuba: Prof. Juan Marin.

Equador: Snr. G. Humberto Mata.

Argentina: "Síntesis Literária", Dr. Enrique de Gandía, Dr. R. C. Borruat, Prof. Raul Vallejos, Arnaldo N. Cruz, Prof. Pablo Labombarda, G. P. Monti, Armando Alonso.

Estados Unidos: Marietta Daniels (União Panamericana), Revista Hispânica (Nova York), Prof. Kenneth E. Caster (Cincinatti, Prof. Roméro del Prado.

Itália: Conde Alberto Palumbo.

Portugal: Arminda Gonçalves (Lisbôa), Dr. Hernani de Lencastre.

Suíça: Prof. Gaston Benédict.

França: Academie Ansaldi.

Bolívia: Dr. A. Montana de la Lanza.

Alagoas: Snr. Paulino Santiago.

HOMENAJE AL POETA JULIO IMBERT

Salgo del reino de "Transfiguracione"
recién nacida y renovada toda
soleada y blanca,
iluminada y pura
llevando en mi
la luz de una mañana de junio
oliente a miel, a nardo
a jazmín, a violeta, a madreselva
Salgo,
en mi pristinidad,
cantando versos
y estallando en rosas;
y siento
como si fuese yo la tierra misma
y que de mi brotagan
las yemas y las hojas y las flores
de todos los amorosos árboles
del mundo.
Y siento que, de mí
salen los verdes brotes de la primavera
y siento que me cercan y me envuelven
las dulces hierbecillas de los campos,
el jaramago, el musgo
y la grama vivaz
y los liquenes dorados y azulosos
y grisáceos, y de color de jade,
las dulces primaveras inocentes
que blanquean
como una nevada, en las praderas,
y todas las hierbecitas chiquitinas
minúsculas y humildes
con que expresó su amor
la tierra.
Siento y de gusto paladeo
embriagada,
los deleitosos jugos de las fresas,
las uvas y las moras,
y se diluye toda
— en aroma de montes y de pinos
y de tierra mojada —
mi telúrica entrana
y en mi vuelta nostalgia.
Y siento, con impulso vital
que salgo de una selva
estremecida y loca
de ansias de vida milenaria,
dichosa de ser selva y de adentrarse
hasta el fondo
y la raíz misma del hombre
Y siento que salgo cambiada en luz y estrella
en claridad de luna, en lluvia,
en llanto de rocío mananero
y en hilillo de agua
que brota y corre y baja de la sierra.
Y siento que me desbordo
y me consumo
en inefable anhelo torturante,
inacabable y puro,
abstracto y vago,
sin línea y sin contorno
Y siento que mi vida
se vuelve luz

AUTOR DE "NUMERO"
Paro "Tapejara"

y que la sombra
no existe para el alma
que se remansa en el azul del sueño,
en el perfil del ala,
en el canto del ave,
en la dorada lumbre de la aurora,
en el crepúsculo solemne,
callado y quieto
en que agoniza el día.
Y bendigo al poeta
que supo darse así, tan hondo
senero e íntegro,
en canto jubiloso
en himno tan profundo y tan vibrante
a la naturaleza.
"Porque tiene a su lado
a esa mujer
a quién el ama tanto".

Ana de Gomez Mayorga (México)

Epílogo

Meses depois que La Fontaine ouviu,
num testemunho um tanto duvidoso,
o pedido de esmola da cigarra,
houve o resto, e isto sim aconteceu.
Era em pleno festim das maravilhas,
no jardim onde o sol, mocinho e louro,
se expandia em risadas contagiosas,
e aqui e ali beijava com amor.
Felizes as flôres, as aves, mesmo
o lago, vestido de céu! — Um poema!
E da cigarra, então, que glória excelsa!
Tudo era, apenas, se inflamar de sonho...
Mas, a vigiar seu cofre, a vil formiga
morria, só, nas trevas dos sem alma.

Valfrido Piloto (Curitiba)

O Operário da Pena

Na fáina a serviço do Bem ou do Belo,
agradando ou instruindo,
cantando ou advertindo,
jornalista, poeta, prosador,
cada um é um trabalhador do Povo,
um operário do Trabalhador!
operário da pena,
cada um cuida dos outros mais do que de si:
é escravo dos seus ideais,
é o servidor dos seus leitores,
embora indiferente a êles muita vez...
e o camarada que tem mais patrões...
e, por isso mesmo, talvez,
num contraste chocante,
triste é de vê-lo por aí
quase como um mendigo,
como um zagal, dêsses, coitados,
mais mesquinho
do que as ovelhas de tôdas as côres
dos seus cuidados!

Durval Borges (Curitiba)

PACTO COM O CAPETA

Aqui no Paraná é costume, entre os "viageiros", pernoitar em casa de algum caboclo à beira da estrada e que ofereça segurança aos animais ou viaturas. Quando meus parentes se viram forçados então a pernoitar numa dessas casas, no distrito de Inajá, é que viemram a ter conhecimento dessa história que adiante vou narrar.

A família de nosso caboclo era de criadores de suínos, coisa que ali é sinônimo de fartura, pois os "safristas" geralmente possuem boa fortuna, "cavada" a custo do seu suor, mourejando de sol a sol no "eito" para poder conseguir algum resultado no fim da safra.

Gente simples, mas de bom coração, como geralmente se dá com todos os nossos sertanejos, não se fizeram de rogados e logo cederam um ótimo cômodo para meus parentes. Antes do repouso, se entregaram a animada palestra, ocasião em que surgiu o caso da "assombração". Passaram a contar os horrores por que já tinham vivido.

A "coisa" começou com o "tempêro" das panelas com estrume de cavalo, aberturas misteriosas de porteiras, corte de cabelo das senhoras e moças da casa, salientando-se que, certa ocasião, quando os donos da casa foram fazer uma visita distante e estando a entardecer, mandaram uma criada à frente a fim de tratar das criações. Chegando esta à casa deu de "cara" com um sujeito simpático com pés de cavalo, diante de uma mesa onde tinha arrumado um vasto jantar, constante de inúmeras iguarias; precipitando-se, com a chegada inesperada da moça, não teve tempo de escondê-lo, "estourando" e desaparecendo como por encanto.

Noutra ocasião, estava o cal-chefe à janela da cozinha admirando as plantações, num dia chuvoso, quando uma panela saiu pela porta indo por cima das árvores, coisa que chamou a atenção dos dois, tendo a madona gritado: "olhe a nossa panela!" — e no mesmo instante o objeto voltou ao seu ponto de partida, voando, sem ninguém tocá-lo.

Narraram ainda que não se acostumando àquela vida, resolveram construir uma nova casa a uns dois quilômetros mais distantes, esperando que com esta medida a "coisa" não os perseguisse mais. Qual o que! Quando mudaram a última peça da casa, a "coisa" "estourou" na casa velha e dentro de um segundo lá estava quebrando cadeiras e fazendo outras "estrepolias" e quando anoiteceu ninguém pôde dormir, pois até gente da cama caiu!...

O resultado foi voltarem novamente para a casa velha, onde, apesar dos estrumes à guisa de tempêro, a vida era mais pacata...

— Vocês não sentem medo?

— indagaram.

— Já nos acostumamos — responderam.

Insistiram: Eu já estou com a idade de quarenta e tantos anos nas costas e ainda não tive a oportunidade de ver "coisa do outro mundo". Apesar de vocês estarem me contando e de eu acreditar em suas palavras, tenho minhas dúvidas. E só vendo para crêr.

Nesse mesmo instante rolou uma pedra, de mais ou menos cincoenta quilos, que se encontrava a uns vinte metros distantes no terreiro, indo parar aos pés dos interlocutores. Diante dêsse fato, acharam que talvez fôsse verdadeira a narrativa feita pelo caboclo.

Dizem, ainda, que o caboclo quando casou não sabia nada de seu, e então fêz um pacto com o Capeta e, como agora o prazo já está a vencer-se, o Capeta está tomando conta dos bens de seu protegido e, ao mesmo tempo, fazendo-o se acostumar com a sua presença, a fim de, na vida eterna, não vir estranhar as suas maneiras.

Tem a palavra quem possa explicar êste fenômeno. Mentira não é, pois até o "Jornal do Paraná" já dêle se ocupou em suas colunas, prometendo prosseguir com a história e não sabemos porque motivo ainda não o fêz.

Uma coisa posso afirmar: nunca vi "bichos" dêsses e não tenho desejo de algum dia chegar a vê-los.

LUIZ NOVISKI - Ponta Grossa.